



ABC

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES

2025

ABC

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES
2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

Presidente

Helena Bonciani Nader

Vice-Presidente

Jailson Bittencourt de Andrade

Vice-Presidentes Regionais

Adalberto Luis Val | *Norte*

Anderson Stevens Leonidas Gomes | *Nordeste e Espírito Santo*

Mercedes Maria da Cunha Bustamante | *Minas Gerais e Centro-Oeste*

Patricia Torres Bozza | *Rio de Janeiro*

Ruben George Oliven | *Sul*

Diretores

Alvaro Toubes Prata | *Diretor-Tesoureiro*

Débora Foguel | *Diretora-Secretária Institucional*

Luiz Drude de Lacerda | *Diretor de Comunicação*

Mariangela Hungria | *Diretora-Secretária-Geral*

Virgínia Sampaio Teixeira Ciminelli | *Diretora de Cooperação Institucional*



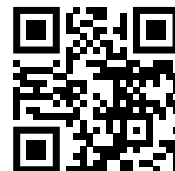
ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

A Sociedade Brasileira de Ciências foi fundada em 3 de maio de 1916, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, por um grupo de pesquisadores sob a liderança do astrônomo Henrique Morize, seu primeiro presidente. Ela foi criada com o objetivo de reconhecer o mérito científico de grandes pesquisadores brasileiros e contribuir para a promoção do desenvolvimento da ciência e da educação. Em 1921, a Sociedade passou a chamar-se Academia Brasileira de Ciências (ABC), de acordo com o padrão internacional da época.

Nestes 110 anos, a ABC consagrou-se como defensora da ciência, da educação e da inovação como eixos estruturantes para alavancar o desenvolvimento do Brasil, visando a inseri-lo no grupo de nações desenvolvidas do planeta. Esse processo depende, sabidamente, da capacidade que os países têm de produzir conhecimento e aplicá-lo em desenvolvimento socioeconômico. Para tanto, educação de qualidade e pesquisas científicas e tecnológicas avançadas são fatores cruciais e determinantes.

A Academia considera que a difusão das novas descobertas desconhece fronteiras e acredita que a ciência e a comunidade científica devem ser um elo, tanto entre os povos do mundo quanto entre as regiões do nosso país. Trabalhamos juntos para que cada parte envolvida tenha capacidade e competência em CT&I suficiente para promover, com autonomia, seu desenvolvimento social e econômico.

Assim, a ABC busca contribuir com estudos sobre temas de primeira importância para a sociedade, bem como com a proposição de políticas públicas com forte embasamento científico. É nesse sentido que a ABC trabalha e se dedica com todo o empenho, tanto em nível nacional como internacional, seja de modo presencial ou virtual, há mais de um século.



Conheça o site da Academia Brasileira de Ciências

MENSAGEM DA PRESIDENTE



Helena Nader
Presidente da ABC

O ano de 2025 foi marcado por uma atuação particularmente intensa da Academia Brasileira de Ciências, no Brasil e no exterior. Em um contexto global de transformações profundas — da emergência climática ao avanço das desigualdades, da aceleração tecnológica às constantes pressões sobre as instituições científicas, do questionamento ao multilateralismo às recorrentes violações ao direito internacional — a ABC reafirmou, com clareza e responsabilidade, seu compromisso com a excelência, com o diálogo qualificado e com a defesa de um projeto de país pautado pela ciência, pela democracia e pelo interesse público.

No âmbito internacional, ampliamos significativamente nossa presença e influência. Fui eleita para o Conselho Diretivo — o mais alto órgão decisório da IAP (Parceria InterAcademias) — composto por três membros de países de alta renda e três de baixa e média renda. O acadêmico Antonio Egídio Nardi também foi eleito para o Comitê de Aconselhamento em Políticas.

Na Rede InterAmericana de Academias de Ciências (lanas), participamos de debates relevantes, da Assembleia Geral e voltamos a sediar o secretariado da Rede. A principal atividade, organizada pela ABC em parceria com lanas, foi o evento “Um Chamado Científico para a COP30” em Manaus. A declaração “A Scientific Call for COP30: Science Academies United for Climate Action” foi assinada por 37 Academias de Ciências e pela Academia Mundial de Ciências (TWAS), bem como por todas as quatro redes regionais vinculadas ao IAP, a rede global de Academias de Ciências. Com o objetivo de subsidiar discussões e negociações durante a COP30, a ABC enviou a declaração para a Presidência da República, a Presidência da COP30, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e o Ministério dos Povos Indígenas (MPI). Recomendou-se que as demais Academias signatárias fizessem o mesmo em relação às delegações de seus países.

O vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Val, e membros da Academia, como Carlos Nobre, Ima Vieira, Paulo Artaxo, Philip Fearnside, Mariangela Hungria e Mercedes Bustamante contribuíram de forma expressiva para os debates da COP30, em Belém, reforçando o papel essencial da ciência brasileira nas discussões globais sobre clima, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Esta foi também a primeira Conferência das Partes em que, na zona azul, houve presença estruturada e visível da ciência, com um estande dedicado — iniciativa que ampliou o diálogo internacional, divulgou resultados científicos de ponta e evidenciou, de maneira inequívoca, a relevância da produção científica nacional para soluções baseadas em evidências.

No âmbito dos BRICS, cujo tema foi “Fortalecendo a Cooperação do Sul Global para uma Governança mais Inclusiva e Sustentável”, realizamos no Brasil o Fórum de Academias de Ciências e ampliamos diálogos estratégicos com os novos integrantes do bloco,

além dos parceiros tradicionais — China, África do Sul, Índia e Rússia. Nossa atuação no Aliança de Organizações Científicas Nacionais e Internacionais para as Regiões do Cinturão e da Rota (ANSO), como vice-presidência, e no Science20 (S20), integrando a troika — presidência atual (Índia), anterior (Brasil) e seguinte (Estados Unidos) — assegurou a continuidade das agendas, a coordenação dos processos e o apoio ao país na presidência, garantindo fluidez na transição anual dos trabalhos. Atuamos também na Rede Internacional de Direitos Humanos das Academias e Sociedades Científicas (IHRN), reafirmando o compromisso da ABC com o avanço da ciência, os direitos humanos e a diplomacia científica.

Um momento particularmente significativo foi a realização, no Brasil, da 17ª Conferência Geral da Academia Mundial de Ciências (TWAS), que teve como tema “Construindo um Futuro Sustentável: O Papel da Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Global”. O evento reafirmou nosso compromisso com a ciência nos países em desenvolvimento, trouxe ao Brasil lideranças científicas internacionais, ampliou a cooperação e projetou a ciência brasileira no cenário global. Durante o evento, a TWAS homenageou seus ex-presidentes, entre eles Jacob Palis e José Israel Vargas, ambos também ex-presidentes da ABC.

A ABC expandiu ainda sua cooperação internacional com diversos países, promovendo missões, workshops e conferências com Alemanha, China, Reino Unido, entre outros. Firmamos novos acordos com a Academia Europeia de Ciências (EurASc), com a Academia Nacional de Ciência e Tecnologia do Senegal (ANSTS) e com a Academia Cubana de Ciências (ACC), além de parcerias com a Academia de Ciências da República do Uzbequistão (ASRU), aprofundando laços e oportunidades de colaboração. Os Encontros Lindau com Prêmios Nobel novamente receberam jovens pesquisadores brasileiros selecionados com apoio da ABC.

A Academia Brasileira de Ciências consolidou e ampliou sua parceria estratégica com instituições científicas da China, reforçando a importância da cooperação para o avanço da ciência em áreas de fronteira e para o enfrentamento de desafios globais. A convite da Academia Chinesa de Ciências (CAS), uma delegação da ABC realizou uma agenda extensa de visitas técnicas a laboratórios nacionais, centros de pesquisa e instituições acadêmicas. Entre os destaques, encontros com equipes de laboratórios de ponta em ciência de materiais, ciência de dados, biotecnologia, medicina, oceanografia, física de materiais avançados e soluções para sustentabilidade urbana. A missão incluiu reuniões com dirigentes de universidades e institutos estratégicos, buscando identificar novas oportunidades de colaboração em projetos bilaterais, programas de intercâmbio e iniciativas multilaterais no âmbito das Academias de Ciências. O diálogo aprofundado permitiu reafirmar interesses comuns, explorar complementaridades e construir uma agenda concreta de trabalho conjunto para os próximos anos. A presença da ABC nessas instituições reforça o papel do Brasil como parceiro relevante no cenário científico internacional e fortalece a diplomacia científica entre Brasil e China, baseada em confiança mútua, produção compartilhada de conhecimento e compromisso com o desenvolvimento sustentável.

No plano nacional, realizamos a nossa Reunião Magna com o tema “Amazônia Já! Sem tempo a perder”, voltada à urgência de debater a Amazônia urbana, saúde, futuro, diversidade cultural e infraestrutura científica e educacional, reunindo



centenas de participantes em conferências magnas, sessões especiais e debates — incluindo a celebração dos 100 anos da visita de Albert Einstein ao Brasil e à ABC. Conduzimos sessão solene com a posse de novos membros e da nova Diretoria, além de realizarmos simpósios e cerimônias de diplomação de Membros Afiliados em todas as regiões do país.

Participamos de uma ampla agenda nacional com instituições parceiras, incluindo contribuições ao processo da Estratégia Nacional e do Plano Decenal de CT&I 2024–2035, o Workshop sobre parcerias internacionais equitativas, a presença na 77ª Reunião Anual da SBPC, a cooperação com a Biblioteca Nacional, a assinatura de acordo com a Academia Nacional de Engenharia (ANE) e a Academia Nacional de Medicina (ANM), o evento “Democracia, Ciência e Soberania” e o lançamento do estudo Brasil Net Zero by 2040.

No campo dos programas, fortalecemos iniciativas estruturantes, como o Programa Aristides Pacheco Leão (PAPL), em parceria com a Fapesp, e o Programa para Mulheres na Ciência L’Oréal–Unesco–ABC 2025, essenciais para estimular novos talentos, promover diversidade e renovar a comunidade científica.

Nossa produção intelectual se expandiu expressivamente. Além dos Anais e do boletim Notícias da ABC, lançamos importantes documentos de referência: “Petróleo na Margem Equatorial Brasileira”, “Microplásticos: um problema complexo e urgente”, “Amazônia Já! Ações urgentes para o futuro do bioma, sua biodiversidade e seus povos” e “Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia”. Durante a reunião da TWAS, a ABC lançou ainda a versão em inglês do livro “Segurança Alimentar e Nutricional: O Papel da Ciência Brasileira no Combate à Fome” (*Food and Nutrition Security: The Role of Brazilian Science in Fighting Hunger*), organizado pela Acadêmica Mariângela Hungria, vencedora do World Food Prize 2025. Essas publicações reforçam a atuação da ABC na produção de diagnósticos e recomendações de alto impacto sobre temas estratégicos. O Projeto de Memória da Academia Brasileira de Ciências também avançou, fortalecendo a preservação de nossa história institucional e dos protagonistas que a construíram.

A relação da ABC com a sociedade se ampliou por meio de ações de comunicação estratégica e de presença ativa nos debates sobre políticas públicas de CT&I, educação e democracia, sempre em defesa de um sistema científico robusto, inclusivo e orientado pelo interesse público.

Internamente, vivenciamos momentos de profunda emoção. Despedimo-nos de dois gigantes da ciência brasileira, Jacob Palis Júnior e José Israel Vargas.

Encerramos 2025 com a eleição de novos Membros Titulares, Correspondentes e Afiliados, reafirmando a pluralidade e a excelência científica que caracterizam a ABC. Seguimos juntos na defesa de uma ciência forte, ética, democrática e comprometida com o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Agradeço a todos os Acadêmicos, funcionários, colaboradores e parceiros que contribuíram para mais um ciclo de realizações. Continuaremos incansáveis na missão de promover a ciência em benefício da sociedade.

Helena Bonciani Nader

Presidente da Academia Brasileira de Ciências



SUMÁRIO

13 ATUAÇÃO INTERNACIONAL

ABC EM ORGANISMOS E INICIATIVAS INTERNACIONAIS	13
<i>Rede InterAmericana de Academias de Ciências (lanas)</i>	13
<i>Parceria InterAcademias (IAP)</i>	16
<i>Academia Mundial de Ciências (TWAS)</i>	18
<i>BRICS</i>	21
<i>Aliança de Organizações Científicas Internacionais (ANSO)</i>	24
<i>Science20 (S20)</i>	25
<i>Rede Internacional de Direitos Humanos das Academias e Sociedades Científicas (IHRN)</i>	26
<i>Prêmio Jacob Palis ABC-Fullbright para Membros Afiliados da ABC</i>	27
PARCERIAS INTERNACIONAIS	28
<i>Brasil – Alemanha</i>	28
<i>Brasil – China</i>	29
<i>Brasil – Rússia</i>	35
<i>Brasil – Senegal</i>	37
<i>Brasil – Uzbequistão</i>	37
<i>Encontros Lindau com Prêmios Nobel</i>	38
<i>Outras parcerias internacionais</i>	38

43 ATUAÇÃO NACIONAL

REUNIÃO MAGNA	43
SESSÃO SOLENE	54
SIMPÓSIOS E DIPLOMAÇÕES DE MEMBROS AFILIADOS	57
ATIVIDADES COM INSTITUIÇÕES PARCEIRAS	69
<i>Vozes da Ciência: Contribuições para a ENCTI 2026–2035</i>	69
<i>Seminário Eliezer Barreiro: o Arquiteto da Química Medicinal Brasileira</i>	71
<i>Rubin First Look: lançamento global das primeiras imagens do super telescópio</i>	72
<i>Workshop “Fortalecendo parcerias equitativas de longo prazo para ampliar cooperações internacionais”</i>	73
<i>ABC na 77ª Reunião Anual da SBPC</i>	74
<i>A Evolução é Fato</i>	77
<i>A Reviravolta na Política Científica Norte-Americana e seu Impacto Global</i>	78
<i>ABC em debate e homenagem na Universidade do Cariri</i>	79

<i>ABC na celebração dos 25 anos do Portal de Periódicos da Capes</i>	80
<i>ABC assina acordo de cooperação com a Biblioteca Nacional</i>	81
<i>ABC, ANE e ANM assinam acordo de cooperação</i>	82
<i>ABC no encontro “Democracia, Ciência e Soberania”</i>	82
<i>Brasil Net Zero By 2040: Lançamento de estudo na ABC</i>	83
<i>ABC na COP30</i>	84
PROGRAMAS	86
<i>Programa para Mulheres na Ciência L’Oréal – Unesco– ABC 2025</i>	86
<i>Programa Aristides Pacheco Leão para Estímulo às Vocações Científicas (PAPL)</i>	88
PUBLICAÇÕES	89
<i>Anais da ABC (AABC)</i>	89
<i>Relatório de Atividades da ABC 2024</i>	90
<i>Petróleo na Margem Equatorial Brasileira</i>	91
<i>Microplásticos: um problema complexo e urgente</i>	91
<i>Amazônia Já! Ações urgentes para o futuro do bioma, sua biodiversidade e seus povos</i>	92
<i>Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia</i>	93
<i>A Herança de Johanna Döbereiner para a Ciência Agrícola Brasileira e Mundial</i>	93
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	93
<i>Projeto Memória da Academia Brasileira de Ciências</i>	93

95 ABC E A SOCIEDADE

COMUNICAÇÃO DA ABC	97
ABC E A POLÍTICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO	102
ELEIÇÃO DE NOVOS MEMBROS	119
AÇÕES INTERNAS	121
<i>O adeus a Jacob Palis Júnior</i>	121
<i>O adeus a José Israel Vargas</i>	122
<i>ABC celebra a vida e o legado de Jacob Palis Júnior</i>	122
<i>Modernização e ampliação da sede da ABC</i>	123



ATUAÇÃO INTERNACIONAL

ATUAÇÃO INTERNACIONAL

ABC EM ORGANISMOS E INICIATIVAS INTERNACIONAIS

Rede InterAmericana de Academias de Ciências (lanas)

Fundada em 2004, a lanas é uma rede regional de academias de ciências criada para apoiar a cooperação nas Américas, com o propósito de fortalecer as comunidades científicas do continente americano e fornecer uma fonte independente de aconselhamento aos governos sobre os principais desafios científicos, tecnológicos, de saúde e de desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, suas atividades e programas dialogam diretamente com a Agenda 2030 das Nações Unidas e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ao promover o uso do conhecimento científico para enfrentar temas como educação de qualidade, saúde, equidade, sustentabilidade ambiental e inovação. Adicionalmente, um dos principais objetivos da rede é ajudar na criação de academias nacionais de ciências nos países das Américas em que ainda não foram criadas, contribuindo para o fortalecimento institucional e científico da região e para a implementação dos ODS em escala nacional e regional. A ABC é membro-fundadora de lanas, ocupa posição em seu Comitê Executivo e sedia o secretariado da Rede desde o fim de 2025.

• *lanas se manifesta com relação à ciência nos EUA*

A Rede InterAmericana de Academias de Ciências (lanas) divulgou em 14 de março um comunicado manifestando preocupação com os ataques do novo governo dos Estados Unidos à comunidade científica do país. A nota classifica as medidas, que incluem cortes no financiamento de pesquisa e demissões em massa em agências federais, como “ameaças sem precedentes” à ciência norte-americana, comparando a situação à vivida recentemente na Argentina e na Nicarágua.

O texto ressalta o papel histórico dos Estados Unidos no avanço científico e tecnológico global, especialmente em áreas como saúde, meio ambiente, energia e educação, e alerta que o enfraquecimento da ciência norte-americana pode gerar consequências severas em escala mundial. A lanas enfatiza que a justificativa econômica para os cortes ignora o fato de que a ciência não é gasto, mas investimento, e lembra que o desenvolvimento econômico e a liderança internacional dos EUA se sustentam justamente em décadas de apoio contínuo à pesquisa e à inovação.

O comunicado conclui pedindo que o governo norte-americano reveja suas políticas para que o país continue a ser um modelo de como o investimento em ciência, tecnologia e inovação se traduz em crescimento econômico e progresso social. A declaração foi endossada por 19 academias de ciências das Américas, incluindo a Academia Brasileira

de Ciências, reafirmando a solidariedade internacional em defesa da ciência e do livre desenvolvimento do conhecimento.

- **Assembleia Geral da Ianas**

A Assembleia Geral da Rede Interamericana de Academias de Ciências (Ianas) foi realizada nos dias 3 e 4 de setembro, na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), em parceria com a Academia Mexicana de Ciências (AMC). O encontro reuniu representantes de academias de todo o continente e reforçou a importância da ciência como instrumento de transformação social e de desenvolvimento sustentável nas Américas. A Academia Brasileira de Ciências (ABC) foi representada por seu secretário-executivo de Relações Internacionais, Marcos Cortesão.

Na abertura, foi destacado que o conhecimento só tem sentido quando gera benefícios sociais e reiterado o baixo investimento latino-americano em pesquisa e desenvolvimento. Foi ressaltado o papel da Ianas na integração das comunidades científicas e defendida uma ciência orientada pela ética e pela justiça social. A copresidente da rede, Karen Strier — membro da Academia Nacional de Ciências dos EUA e membro correspondente da ABC — apresentou as principais iniciativas da Ianas, como os programas de Recursos Hídricos, Mulheres para a Ciência, Educação Científica e Energia, além da recente Iniciativa Amazônica, que resultou na Carta de Manaus. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, copresidente da Ianas, enviou mensagem em vídeo ressaltando a importância da cooperação científica e da diplomacia como ferramentas essenciais para enfrentar desafios globais interconectados, como as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade e as desigualdades sociais.

Durante a assembleia, foram realizadas conferências e sessões de trabalho sobre temas científicos e institucionais. Karen Strier foi reeleita para um segundo mandato como copresidente, agora ao lado de Alberto Gago, presidente da Academia Nacional de Ciências do Peru. A ABC foi eleita por unanimidade para sediar novamente o secretariado da Ianas, em reconhecimento à sua liderança e contribuição à rede. Os participantes agradeceram à Helena Nader por seus seis anos de dedicação à frente da copresidência e à Academia Nacional de Ciências da Argentina, que havia abrigado o secretariado anteriormente.



A presidente da ABC participou por vídeo da Assembleia Geral da Ianas

- ***Um Chamado Científico para a COP30: Academias de Ciências Unidas pela Ação Climática***



Saiba mais sobre o encontro aqui!

O evento “Um Chamado Científico para a COP30: Academias de Ciências Unidas pela Ação Climática”, promovido pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) em parceria com a Rede InterAmericana de Academias de Ciências (lanas), reuniu entre 20 e 22 de outubro de 2025, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus, representantes de 30 países e das principais redes científicas internacionais (ACAL, IAP, lanas e TWAS). Foi um dos maiores encontros preparatórios da comunidade científica global rumo à COP30, consolidando a Amazônia como eixo estratégico da diplomacia científica em defesa do clima e da biodiversidade.



Helena Nader, presidente da ABC

Na abertura, a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, defendeu que a crise climática requer conhecimento, cooperação e vontade política, afirmando que “a ciência está pronta — falta transformar conhecimento em ação”. A copresidente da lanas e Acadêmica Karen Strier reforçou a importância de unir cientistas de diferentes países. Representantes

do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério do Meio Ambiente e mudança do Clima (MMA), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Academia Nacional de Engenharia (ANE) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) também destacaram o papel das instituições científicas e do multilateralismo diante das emergências ambiental e social. Em vídeo, o embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, agradeceu à ABC e à lanas pela iniciativa, destacando a ciência como antídoto ao negacionismo.

As sessões temáticas aprofundaram discussões sobre mudanças climáticas, biodiversidade, saúde, justiça social e cooperação internacional. O Acadêmico Paulo Artaxo (USP/IPCC) alertou que seis dos nove limites planetários já foram ultrapassados e que a Amazônia pode atingir ponto de colapso em 20 anos sem o fim do desmatamento e dos combustíveis fósseis. A antropóloga Marianne Schmink (Universidade da Flórida) apresentou a socio-bioeconomia como caminho para o desenvolvimento sustentável da floresta, enquanto o bioquímico Robin Fears (IAP) defendeu uma ação científica integrada para mitigar impactos climáticos sobre a saúde. Outras sessões reuniram nomes como Adalberto Val (INPA), Kaoru Kitajima (Universidade de Kyoto) e Ricardo Abramovay (USP), que ressaltaram a interdependência entre clima, biodiversidade e sociedade, e a necessidade de restauração ecológica e justiça socioambiental.



Adalberto Val, vice-presidente da ABC para a Região Norte

Entre os painéis internacionais, Helena Nader coordenou a mesa “Fronteiras globais do clima: cooperação científica internacional por um futuro sustentável”, que contou com Karen Strier (EUA/lanas), Cristina Branquinho (Portugal), Jérôme Chave (França), Mohamadou Sall (Senegal) e Stuart Bunn (Austrália). O debate ressaltou que alianças científicas internacionais e investimentos estáveis em pesquisa são fundamentais para políticas climáticas eficazes. Outro destaque foi o painel com Tasso Azevedo (MapBiomias), Mônica Moraes (Bolívia), Regina Rodrigues (UFSC/IPCC) e Liu Baoyin (Academia Chinesa de Ciências), que mostraram os riscos de pontos de inflexão e defenderam dados abertos, soluções baseadas na natureza e cooperação multilateral.

O encontro encerrou-se com a divulgação de uma **declaração conjunta** de quase 40 Academias de Ciências, enviada posteriormente às delegações da COP30. O documento pede que a conferência seja um “ponto de virada” e que a biodiversidade ocupe o centro da agenda climática, conectando o Acordo de Paris ao Marco Global de Biodiversidade de Kunming–Montreal.

As Academias defendem o fim do desmatamento tropical, a transição justa para energias limpas, o fortalecimento da ciência nos países tropicais e a valorização dos povos indígenas. A mensagem final, unânime entre os cientistas: sem biodiversidade viva, não há estabilidade climática possível — e a ciência deve ser a base das decisões da COP30.



Leia a declaração conjunta das
Academias de Ciências



1. Karen Strier, Helena Nader e Jailson Bittencourt

2. Marcos Cortesão, Glaucius Oliva, Helena
Nader, Adalberto Val e Jailson Bittencourt

Parceria InterAcademias (IAP)

A Parceria InterAcademias (IAP, sigla em inglês) é uma rede global que reúne cerca de 150 academias de ciências, engenharia e medicina, representando 30 mil especialistas em mais de 100 países. Sua missão é fortalecer o papel da ciência na formulação de políticas baseadas em evidências e oferecer soluções para desafios globais. A IAP amplifica essa voz coletiva no cenário internacional, produzindo declarações e relatórios científicos e assessorando governos e organismos multilaterais, incluindo as Nações Unidas (ONU). A rede também apoia o desenvolvimento de academias emergentes por meio de iniciativas de fortalecimento institucional. Além disso, a IAP é organização observadora do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), reforçando seu papel global na integração entre ciência e políticas públicas.

• Helena Nader eleita para Conselho Diretivo da IAP

A presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Helena Bonciani Nader, foi eleita para compor o Conselho Diretivo da Parceria InterAcademias (IAP), a mais alta instância de decisão da rede global de academias de ciências. O resultado das eleições foi anunciado em 7 de agosto de 2025, marcando uma nova etapa na consolidação de uma liderança científica inclusiva e globalmente representativa.

Além de Helena Nader, integram o novo Conselho Diretivo Stephanie Burton (África do Sul, reeleita), Marileen Dogterom (Países Baixos), Peggy Hamburg (Estados Unidos, reeleita), Gianfranco Pacchioni (Itália, reeleito) e Carmencita Padilla (Filipinas). O Conselho, composto por três representantes de países de alta renda e três de países de baixa e média



Helena Nader eleita para
Conselho Diretivo da IAP

renda, é responsável por definir as diretrizes estratégicas da IAP, contando com o apoio de um Comitê Consultivo e de três Comitês de Programas e Desenvolvimento.

O Brasil também passa a estar representado no Comitê de Aconselhamento em Políticas da IAP, com a eleição do Acadêmico Antonio Egídio Nardi, reforçando a presença brasileira em instâncias-chave da cooperação científica internacional. As quatro redes regionais da IAP — AASSA (Ásia), EASAC (Europa), Ianas (Américas) e NASAC (África) —, além de representantes da Accademia Nazionale dei Lincei, da TWAS e da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, também integram o Comitê Consultivo.

Com essa nova composição, o Conselho e seus 12 membros passam a oferecer orientação estratégica global, assegurando que as perspectivas regionais e institucionais estejam representadas nas ações da IAP, que atua na interconexão entre ciência, políticas públicas e desenvolvimento sustentável.

• Conferência Trienal da IAP



Conferência Trienal da IAP

Nos dias 10 e 11 de dezembro, a presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), teve participação ativa na Conferência Trienal da Parceria InterAcademias (IAP), realizada no Cairo, Egito. O evento reuniu academias nacionais de ciência de todo o mundo para debater desafios globais e fortalecer o papel da ciência frente às crescentes crises sociais, políticas e ambientais.

No dia 10, Helena Nader integrou a sessão “Confiança na Ciência: Uma Agenda de Políticas por Sistemas de Conhecimento Resilientes”, na qual defendeu que a reconstrução da confiança pública na ciência é um “imperativo democrático”. Abordou os desafios globais para a ciência, o papel da inclusão e da diversidade e a defesa da liberdade acadêmica e científica. “O discurso baseado em evidências deve ser defendido como uma fundação da vida democrática”, afirmou.

Ao abordar o contexto brasileiro, Nader destacou a polarização política que impulsionou a desinformação científica, a perseguição a pesquisadores e um ambiente de retração de investimentos. “Se a ciência continuar reproduzindo desigualdades, ela corre o risco de perder legitimidade”, alertou.

A sessão contou ainda com a participação de Karen Strier, membra correspondente da ABC e co-presidente da Rede InterAmericana de Academias de Ciências (Ianas); Mahouton Norbert Hounkonnou, presidente da Rede de Academias de Ciências Africanas (NASAC); Lise Øvreås, presidente eleita do Conselho Consultivo Científico das Academias Europeias (EASAC)); Francis-André Wollman, vice-presidente de Relações Internacionais da Academia de Ciências da França; e Frances Separovic, secretária de Relações Internacionais da Academia Australiana de Ciências.

No dia seguinte, 11 de dezembro, durante a Assembleia Geral da IAP, Helena Bonciani Nader tomou posse como copresidente da Parceria InterAcademias para o próximo triênio. Sua trajetória internacional na IAP é marcada por sua atuação anterior como copresidente da Ianas, função que exerceu juntamente com Karen Strier.

Durante a Assembleia Geral, Strier apresentou um balanço das atividades desenvolvidas pela rede no período, destacando iniciativas nas áreas de águas, energia, educação e mulheres na ciência, além de premiações científicas. Ressaltou eventos realizados em

parceria com a ABC, como “Ciência para e pela Amazônia”, em 2023, e “Um Chamado Científico para a COP 30”, realizado em outubro de 2025.

Representando presencialmente a Academia Brasileira de Ciências, o secretário-executivo de Relações Internacionais, Marcos Cortesão, participou da sessão “Aprimorando o Engajamento e a Visibilidade”. Em sua intervenção, Cortesão defendeu que a IAP amplie sua capilaridade, com iniciativas concebidas de forma bottom-up, a partir das demandas e propostas das academias em seus contextos regionais. Ele também ressaltou a importância de aprofundar a colaboração entre as academias e de fortalecer a infraestrutura científica, com especial atenção às necessidades do Sul Global.

Academia Mundial de Ciências (TWAS)

Fundada em 1983 pelo físico paquistanês Abdus Salam, ganhador do Prêmio Nobel, a Academia Mundial de Ciências é uma organização internacional sediada na cidade de Trieste, na Itália. Seu objetivo é promover o avanço da ciência e da engenharia para a prosperidade sustentável no mundo em desenvolvimento. O nome da organização foi Third World Academy of Sciences até 2004, quando foi alterado para Academy of Sciences for the Developing World. Em 2012, seu nome passou a ser The World Academy of Sciences for the advancement of science in developing countries. A sigla original, TWAS, sempre foi mantida. A TWAS conta com cinco Parceiras Regionais: África Subsaariana, Região Árabe, Ásia Central e Sul, Leste e Sudeste Asiático, e América Latina e Caribe – esta última intitulada TWAS-LACREP, cujo escritório é abrigado pela ABC e era coordenado pelo Acadêmico Virgílio Almeida, até dezembro de 2025, quando a coordenação passou para a Acadêmica Marie-Anne Van Sluys.

• TWAS homenageia Jacob Palis e José Israel Vargas

A Academia Mundial de Ciências (TWAS) prestou homenagem aos brasileiros Jacob Palis e José Israel Vargas, destacando suas trajetórias decisivas para o fortalecimento institucional da TWAS e para a consolidação da cooperação científica no Sul Global. Ambos exerceram papéis de liderança em momentos estratégicos da história da academia mundial, ampliando sua projeção internacional e sua capacidade de apoiar cientistas de países em desenvolvimento.

Jacob Palis, membro da TWAS desde 1991, foi secretário-geral (2001–2006), presidente (2007–2012) e presidente emérito. Reconhecido mundialmente por suas contribuições à matemática — especialmente na área de sistemas dinâmicos e pela célebre Conjectura de Palis —, marcou sua gestão pela expansão dos programas de bolsas Sul–Sul, que passaram a conceder cerca de 300 apoios anuais, com países como Brasil, China, Índia, Malásia, México, Paquistão e África do Sul atuando como anfitriões. Palis também promoveu a



Mohamed Hassan, ex-presidente da TWAS, homenageia grandes acadêmicos já falecidos.



TWAS homenageia Jacob Palis e José Israel Vargas

descentralização da TWAS, fortaleceu escritórios regionais e criou o programa de Jovens Afiliados, voltado a cientistas com menos de 40 anos, consolidando a Academia como uma das maiores redes de intercâmbio científico entre países em desenvolvimento.

Maria Domingues Vargas durante homenagem ao ex-presidente de ABC e TWAS, José Israel Vargas, seu pai.



José Israel Vargas, membro desde 1998 e presidente da TWAS entre 1996 e 2000, sucedeu o fundador Abdus Salame e imprimiu novo impulso à presença latino-americana na instituição. Durante seu mandato — que coincidiu, nos dois primeiros anos, com sua atuação como Ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil no governo de Fernando

Henrique Cardoso —, promoveu a primeira Conferência Geral da TWAS na América Latina (Rio de Janeiro, 1997) e garantiu a primeira contribuição brasileira ao Fundo de Dotação da Academia, estimulando aportes de outros países. Vargas também foi fundamental no fortalecimento das relações entre a TWAS e a Unesco, contribuindo para o acordo histórico que assegurou financiamento permanente à TWAS e à IAP.

Nas homenagens, o ex-presidente da TWAS Mohamed Hassan ressaltou que tanto Palis quanto Vargas deixaram um legado de liderança intelectual, diplomacia científica e compromisso com a formação de jovens talentos, reafirmando a importância de suas contribuições para o Brasil, a América Latina e o conjunto dos países do Sul Global.

• **TWAS e FCW lançam prêmio internacional de fotografia**



TWAS e FCW lançam prêmio internacional de fotografia

A Academia Mundial de Ciências (TWAS) e a Fundação Conrado Wessel (FCW) anunciaram, em agosto de 2025, o lançamento de um prêmio internacional de fotografia científica inédito: *Through Southern Lenses: Science in Focus*. A iniciativa busca valorizar a excelência científica e as histórias humanas do Sul Global, utilizando a fotografia como ferramenta de comunicação e aproximação entre ciência e sociedade.

A TWAS, programa da Unesco voltado ao fortalecimento da capacidade científica nos países em desenvolvimento, une-se à FCW — instituição brasileira dedicada à promoção da arte, cultura e ciência — para criar uma premiação anual que celebra a beleza e o impacto transformador da ciência. “A fotografia é um meio poderoso de inspirar o público e fortalecer o vínculo entre ciência e sociedade”, destacou o diretor-executivo da TWAS, o Acadêmico Marcelo Knobel. Já o diretor-presidente da FCW, Carlos Vogt, ressaltou que o prêmio “revela a alma da ciência no Sul Global — sua urgência, criatividade e potencial de transformação”.

Com estreia prevista para 2025, o concurso premiará, anualmente, com US\$ 20 mil, o melhor ensaio fotográfico composto por dez imagens originais que representem o tema do ano. A primeira edição, intitulada “Geleiras e Desertos”, convida fotógrafos de países em desenvolvimento a retratar os impactos visíveis das mudanças climáticas,

como o derretimento do gelo e a desertificação, além da resiliência de ecossistemas e comunidades.

Aberto a fotografias individuais ou grupos do Sul Global, o concurso exige obras originais, sem conteúdo gerado por inteligência artificial. Entre seus objetivos estão promover a narrativa visual como linguagem científica, inspirar o engajamento público com a ciência, fortalecer o diálogo entre ciência e sociedade e dar visibilidade internacional a cientistas e artistas do Sul Global. A iniciativa celebra também o legado de Conrado Wessel, inventor e pioneiro da fotografia no Brasil, criador da primeira fábrica nacional de papel fotográfico.

• 17ª Conferência Geral da TWAS

Realizada entre 29 de setembro e 2 de outubro de 2025, no Rio de Janeiro, a 17ª Conferência Geral da Academia Mundial de Ciências (TWAS) reuniu mais de 300 cientistas de todo o mundo, em parceria com a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

Sob o tema central do papel da ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento sustentável, a abertura contou com Quarraisha Abdool Karim, presidente da TWAS, e Helena Bonciani Nader, presidente da ABC e vice-presidente da TWAS para a América Latina e o Caribe.

Mensagens do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ministra Luciana Santos (MCTI) defenderam ciência para o desenvolvimento sustentável. A *keynote speaker* foi Karin Herrera, vice-presidente da Guatemala. Houve celebração dos 40 anos da TWAS, com homenagens a Abdus Salam, José Israel Vargas e Jacob Palis, e posse de novos membros.

Ao longo do evento, os debates abordaram temas centrais como a regulação da inteligência artificial, a crise climática e a segurança alimentar, assim como a saúde no Sul Global.

No debate sobre governança digital, o Acadêmico Virgílio Almeida (UFMG) defendeu estruturas baseadas em justiça, transparência e responsabilidade, alertando para a concentração de poder nas big techs e para o descompasso entre inovação tecnológica e regulação. O subsecretário-geral da ONU e reitor da Universidade das Nações Unidas, Tshilidzi Marwala, afirmou que a governança da IA deve se fundamentar na Organização das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O físico Sunil Mukhi destacou que a IA é uma ferramenta a serviço das realidades regionais, enquanto a professora Bolanle Ojokoh (*Federal University of Technology Akure*) defendeu uma IA inclusiva, com formação qualificada e respeito às diferenças culturais e linguísticas do Sul Global.

No simpósio sobre clima, o climatologista Carlos Nobre, membro da ABC e da TWAS, alertou para o risco de colapso da Amazônia e propôs a criação de um fundo internacional para florestas tropicais. A Acadêmica Mariangela Hungria lançou a versão em inglês do livro da ABC sobre Segurança Alimentar, reafirmando o compromisso da Academia com a agricultura sustentável. Na sessão de saúde, a Acadêmica Nísia Trindade, ex-ministra da Saúde e ex-presidente da Fiocruz, defendeu o fortalecimento da produção local de vacinas e dos sistemas regionais de saúde, enquanto George Fu Gao alertou para a “infodemia” global. Nos *workshops* de ética e IA, a Acadêmica Claudia Bauzer-Medeiros (Unicamp) defendeu rigor ético para dados e softwares, e o Acadêmico Clécio Roque de Bom (CBPF) ressaltou a importância do uso crítico da IA.



17ª Conferência Geral da TWAS



Helena Bonciani Nader, presidente da ABC

Por sua vez, a cientista palestina Hala El-Khozondar, professora titular da Universidade Islâmica de Gaza e atualmente pesquisadora no *Imperial College London*, emocionou ao relatar a destruição das universidades em Gaza desde 2023, reafirmando a educação como forma de resistência e esperança.

O físico Luiz Davidovich, professor emérito da UFRJ e ex-presidente da ABC (2016–2022), recebeu o Prêmio TWAS Apex 2025, no valor de US\$ 100 mil, tornando-se o único cientista a conquistar também a Medalha TWAS. A presidente da TWAS, Quarraisha Abdool Karim - responsável pela criação do Programa Nacional de Aids na África do Sul, a convite de Nelson Mandela, que levou tratamento antirretroviral para regiões rurais de seu país - encerrou o evento, lembrando sua luta contra o apartheid e o valor da solidariedade global. Ela presenteou a ABC com uma medalha comemorativa do Prêmio Nobel da Paz de Nelson Mandela.



Marcelo Knobel, membro da ABC e atual diretor-executivo da TWAS.

Em seu discurso final, Helena Bonciani Nader reiterou a obrigação das academias do mundo de defender o desenvolvimento e a democracia. “Levem esta mensagem para casa: lutem pelos direitos da humanidade.”

Para o Acadêmico Marcelo Knobel, diretor-executivo da TWAS, a conferência reafirmou o papel da TWAS como ponte entre ciência e sociedade. A 17ª Conferência Geral da TWAS consolidou o protagonismo do Brasil na diplomacia científica global e reforçou que a ciência é um instrumento de paz, equidade e esperança.

BRICS

O BRICS é uma aliança de países de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico. A sigla é um acrônimo da língua inglesa. O agrupamento começou com quatro países sob o nome BRIC, reunindo Brasil, Rússia, Índia e China, até que, em 2011, foi acrescido do “S” em função da admissão da África do Sul (South Africa) ao grupo. A partir de 1º de janeiro de 2024, Egito, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Etiópia e Irã passaram a integrar o bloco como membros plenos.

• Fórum de Academias de Ciências dos BRICS 2025



Fórum de Academias de Ciências dos BRICS 2025

Nos dias 24 e 25 de junho, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) sediou, no Palácio da Cidade, o Fórum de Academias de Ciências dos BRICS 2025, encontro paralelo para a Cúpula de Chefes de Estado (6–7 de julho). A missão era debater e construir uma declaração conjunta para ser levada aos líderes do bloco.

O evento reuniu representantes de academias do Brasil, China, Egito, Índia, Rússia, África do Sul e Malásia e contou com patrocínio do BNDES e do Governo Federal, além de apoio da Capes e da Prefeitura do Rio de Janeiro. Esta foi a primeira reunião do Fórum das Academias do BRICS que incorporou os novos membros do bloco.

A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, também presidente do Fórum, abriu os trabalhos com um apelo pela paz e por mais ciência feita em conjunto: os BRICS somam 45% da população mundial, 30% do investimento em CT&I, mas apenas 7% das pesquisas são coassinadas dentro do bloco. Ela propôs três metas: conectar a inovação e triplicar a pesquisa conjunta em resiliência climática e energia limpa até 2030; proteger saberes

tradicionais e fomentar bioeconomias “sem deixar ninguém para trás”; alinhar agendas científicas aos ODS e ao Acordo de Paris, com a criação de uma Rede BRICS de Soluções Climáticas. “Que este Fórum transforme dados em políticas públicas e potencial científico em ação coletiva”, afirmou.

As palestras e diagnósticos que se seguiram mostraram convergência. O Acadêmico Jorge Guimarães (professor emérito da UFRGS; ex-presidente da Capes e da Embrapii) defendeu que os BRICS convertam seu “reservatório de talentos, biodiversidade e tradição científica” em parcerias estruturadas, removendo barreiras de financiamento, infraestrutura e burocracia. Prioridades: clima, saúde, transição energética, agricultura, ecologia e transformação digital.

O Acadêmico Odir Dellagostin (presidente da Fapergs e do Conselho do CGEE; professor da UFPel) mostrou a virada do eixo científico: em 2024, os BRICS responderam por 41% da produção mundial, ante 34,7% do G7. Porém, a coautoria intrabloco ainda é baixa (máximo de 4% nos Emirados Árabes Unidos; 0,2% na China). Ele propôs fundos conjuntos com contrapartida; mobilidade acadêmica (vistos simplificados e bolsas); e o compartilhamento de grandes infraestruturas (síncrotrons, biobancos, supercomputação) sob acesso aberto. Mapeou ainda vantagens por país, como o Brasil sendo forte em medicina, biológicas e agrárias; Índia em engenharias e computação; China em escala e diversidade; África do Sul em saúde e ciências sociais; Egito e Irã crescendo em engenharia e medicina; Malásia em tecnologia e sustentabilidade.

A Acadêmica Denise Pires de Carvalho, presidente da Capes, apresentou o papel estratégico da educação: ampliar qualidade e equidade, combater desigualdades regionais e raciais, fortalecer educação técnica (TVET) e pós-graduação, e aproximar universidade–indústria. As prioridades da reunião de ministros da educação dos BRICS elencadas por ela seriam IA com ética, reconhecimento acadêmico transnacional, TVET e expansão da rede de universidades dos BRICS. “Educação é soberania”, resumiu.

O Acadêmico Carlos Nobre, climatologista, alertou para a aceleração do aquecimento global e riscos de ultrapassar 1,5°C de forma persistente, com *tipping points* (como geleiras, corais, *permafrost* e savanização da Amazônia). Defendeu descarbonização urgente e protagonismo dos BRICS rumo à COP30, com metas para zero emissões até 2040. Destacou educação climática como chave de adaptação e resiliência.

Adalberto Luis Val, vice-presidente da ABC para a Região Norte, enfatizou o impacto já crítico na Amazônia, incluindo mortalidade histórica de peixes em 2024, afetando 45 milhões de pessoas na região que dependem dessa proteína. No encerramento, convocou as academias a transformar a declaração em ação nos laboratórios, salas de aula e políticas públicas.

Algumas posições nacionais podem ser destacadas:

- China (CAS) — Wu Zhaohui propôs foco em jovens cientistas via Aliança de Organizações Científicas Internacionais (Anso), sugerindo cursos de verão já em 2026 (Pequim) e *open science* para IA, *big data*, computação quântica e clima.
- Índia (INSA) — Sabyasachi Saha defendeu soluções sob medida para sistemas de CT&I heterogêneos, digitalização inclusiva e regulação compatível com valores nacionais; estimular startups *deep tech* para o Sul Global ser produtor, não só consumidor.



Denise Pires de Carvalho, Acadêmica e presidente da Capes



O Acadêmico Carlos Nobre apresentou virtualmente sua palestra durante o Fórum BRICS



Adalberto Luis Val



O Acadêmico Odir Dellagostin

- Egito (ASRT) — Gina El-Feky propôs “passaporte científico” para acesso a infraestruturas do bloco, plataformas de ciência aberta com liderança rotativa, bolsas para projetos colaborativos, parques tecnológicos BRICS e fundo de CT&I com contribuições proporcionais.
- África do Sul (ASSAf) — Nithaya Chetty pediu que os BRICS representem todo o Sul Global; ressaltou diplomacia científica e lembrou a responsabilidade histórica do Norte nas emissões *per capita*.
- Rússia (RAS) — Pyotr A. Chekmarev defendeu infraestruturas comuns (agricultura e biodiversidade), *journal open science* e associações profissionais no âmbito BRICS.
- Malásia (ASM) — reforçou o papel das academias como pontes com governos e prioridades em meio ambiente, transição energética, digitalização e saúde.

Encerrando o evento, a vice-presidente da ABC para a Região Rio de Janeiro, Patricia Bozza, leu o documento final. Em mensagem de fecho, Helena Nader reiterou que “governança inclusiva começa com conhecimento compartilhado”. O Fórum reforçou o compromisso de levar aos chefes de Estado uma pauta pragmática para cooperação científica, transição energética justa, bioeconomias, soberania digital e formação de jovens talentos.

Ao final, foi aprovado e encaminhado à Cúpula uma declaração conjunta que envolve, basicamente, oito compromissos. O documento propõe a criação de uma estrutura de cooperação científica de longo prazo (financiamento e mobilidade, com foco em jovens pesquisadores); a integração de conhecimentos tradicionais e ciência de ponta (bioeconomia, saúde, energia, alimentos); o estabelecimento da Rede BRICS de Soluções Climáticas (biocombustíveis sustentáveis, hidrogênio verde, economia circular, mitigação de GEE); o desenvolvimento de programas conjuntos em IA, robótica, dados, saúde digital e ciência aberta para garantir soberania digital; o incentivo à formação de talentos (doutorados e visitas acadêmicas); o incentivo ao investimento empresarial em CT&I; a colaboração inclusiva com a sociedade civil para reduzir lacunas de conhecimento; o fortalecimento do papel das Academias como consultoras científicas de governo.



Acesse a declaração conjunta das Academias de Ciências dos BRICS

Foto oficial do Fórum de Academias de Ciências dos BRICS 2025



Aliança de Organizações Científicas Internacionais (ANSO)

A ANSO (Alliance of National and International Science Organizations) é uma organização internacional criada em 2018 e composta em 2025 por 96 instituições de ciência e educação de diversos países. A Academia Brasileira de Ciências é membro-fundador da aliança, que reúne academias nacionais de ciências, universidades, institutos de pesquisa e entidades multilaterais. Seu foco é enfrentar desafios científicos regionais e globais, com ênfase no fortalecimento da capacidade científica do Sul Global por meio de cooperação e parcerias estratégicas. A ANSO atua para promover o desenvolvimento compartilhado e sustentável, contribuindo diretamente para o avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas e coordenando iniciativas concretas em ciência, tecnologia, inovação e formação de recursos humanos.

Helena Nader participa de Conferência e Assembleia Geral da ANSO

A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, participou da Conferência Geral da Aliança de Organizações Científicas Internacionais (ANSO) em Pequim, nos dias 28 e 29 de outubro e, na sequência, da Assembleia Geral, nos dias 30 e 31 de outubro. Co-vice-presidente da ANSO no ciclo que se encerrava, Nader abriu a cerimônia por vídeo-mensagem e, no dia seguinte, integrou os debates presenciais — inclusive como palestrante na sessão temática sobre fortalecimento de capacidades e cooperação em ensino superior nas áreas STEM.

Nader ressaltou a ANSO como plataforma global que conecta cientistas, instituições e formuladores de políticas “por países e continentes”, destacando que mudanças climáticas, perda de biodiversidade, desigualdades em saúde, transição energética e IA “não respeitam fronteiras e exigem cooperação global”. Para ela, diplomacia científica é necessidade, não luxo: baseada em diálogo, confiança e compartilhamento, deve empoderar jovens, fortalecer instituições e construir soluções que não deixem ninguém para trás. Defendeu também que a inovação siga centrada no ser humano, ética e inclusiva, integrando STEM, humanidades e ciências sociais.



Helena Nader participa de Conferência Geral da ANSO



Helena Nader é recebida na Conferência Geral da ANSO

Na Assembleia Geral, foram aprovados o Relatório de Progresso, a entrada de novos membros, ajustes estatutários e a nova governança da Aliança. A presidência ficou com a Academia Chinesa de Ciências (CAS), a vice-presidência foi compartilhada pela Academia Sérvia de Ciências e Artes e a Academia Nacional de Ciências e Técnicas do Senegal. O Conselho Diretor passou a ser integrado pela Academia de Ciências da Mongólia, Centro Nacional de Pesquisas do Egito, Universidade do Chile, Academia de Ciências do Uzbequistão e Universidade de Donja Gorica (Montenegro). Não podendo mais ser reeleita depois de dois mandatos no Conselho Diretor, Helena Nader foi homenageada na ocasião.

Nas discussões estratégicas sobre prioridades, financiamento e contribuição dos membros, Helena Nader defendeu mais colaboração no Sul Global; pediu diretriz clara de Ciência Aberta e Dados Abertos na ANSO; sugeriu atenção à Década dos Oceanos; e propôs avaliar a criação de um *hub* da ANSO na América Latina e Caribe.

Com presença em alto nível e agenda propositiva, a ABC reforçou o papel do Brasil na diplomacia científica e na articulação de redes para capacitação, pesquisa colaborativa e ciência aberta voltada ao desenvolvimento sustentável.

Science20 (S20)

Fundado em 1999, o G20 reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana, admitida em 2023. A partir de 2008, com a participação direta de Chefes de Estado e Governo, sua agenda deixou de ser exclusivamente econômico-financeira. Nesse contexto, em 2017 foi criado o Science20 (S20), grupo de engajamento responsável por representar a ciência e a tecnologia dentro do G20.

O S20 é composto pelas academias nacionais de ciências dos países do G20, funcionando como um fórum — com secretariado rotativo — que promove o diálogo entre a comunidade científica e formuladores de políticas. Suas cúpulas ocorrem anualmente, geralmente antes da reunião de líderes do G20. Ao longo de cada ciclo, os membros do S20 discutem temas prioritários e elaboram documentos com recomendações e ações concretas, que servem de base para o comunicado oficial entregue aos líderes do G20

Helena Nader participando do S20 2025 na África do Sul



• ABC participa de reunião de iniciação do Science 20 2025

A presidente da ABC, Helena Nader, participou, nos dias 26 e 27 de fevereiro, da reunião inaugural do Science 20 (S20), realizada em Pretória, na África do Sul. O país preside a edição de 2025 do G20 e lidera as discussões do S20. Nader integrou a *troika* responsável pela condução da reunião, composta pelo país sede do S20, pela sede da edição anterior (Brasil) e pela sede da próxima edição (Estados Unidos).

O evento teve como tema central “Mudanças Climáticas e Bem-Estar”, alinhado à presidência sul-africana do G20, cujo lema é “Solidariedade, Igualdade e Sustentabilidade”. Representantes das academias de ciências do G20 discutiram os impactos das mudanças climáticas e a necessidade de cooperação internacional para enfrentar esses desafios, a partir de um documento-base elaborado pela Academia de Ciências da África do Sul. Este abordava os impactos das mudanças climáticas na biodiversidade, oceanos, recursos hídricos, segurança alimentar, saúde e economia, ressaltando que grupos vulneráveis são desproporcionalmente afetados.

Nader destacou que o tema “Mudanças Climáticas e Bem-Estar” estava em consonância com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, que deveriam ser mencionados mais explicitamente no documento. Além disso, enfatizou que o conceito de bem-estar deve abranger a saúde planetária, alinhado ao conceito de “Saúde Única”, que integra saúde humana, animal e ambiental.

A presidente da ABC reforçou que os efeitos das mudanças climáticas vão além da saúde física, atingindo também a segurança, o bem-estar mental, emocional, social e econômico, com implicações existenciais. Para enfrentar esses desafios, Nader apontou a necessidade de estratégias abrangentes e colaborativas, priorizando tanto a mitigação quanto a adaptação, apontando a necessidade de diferenciação mais clara entre mitigação e adaptação no documento, bem como de uma definição mais precisa de resiliência, compreendida como a capacidade de pessoas e ecossistemas de manter ou recuperar seu bem-estar diante dos desafios climáticos, apoiados por redes sociais, políticas, econômicas e culturais.

Entre as contribuições da ABC para aprimorar o documento destacaram-se a governança global para mudanças climáticas e bem-estar, alinhada às conferências da ONU sobre Mudanças Climáticas e o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC); o combate ao desmatamento, que responde por 10% a 15% das emissões globais de gases de efeito estufa; a redução do uso de combustíveis fósseis, promovendo a transição de uma economia baseada em carbono para um modelo sustentável, com base em evidências científicas acumuladas.

Após as discussões e debates *on line* posteriores, divididos por grupos de trabalho, a nova versão do documento foi circulada para revisão das academias e a proposta final encaminhada para discussão e aprovação na Cúpula do S20, realizada em setembro.



ABC participa de reunião de iniciação do Science 20



Climate Change and Well-Being: Science20 (S20) South Africa 2025 Statement



Foto oficial do S20 2025

Rede Internacional de Direitos Humanos das Academias e Sociedades Científicas (IHRN)

O IHRN é um consórcio internacional, fundado em 1993 pelo advogado holandês Pieter van Dijk e pelos ganhadores do Prêmio Nobel François Jacob (França), Torsten Wiesel (Suécia/EUA) e Max Perutz (Reino Unido). A rede reúne sociedades honoríficas de ciências, engenharia e medicina comprometidas com a

defesa dos direitos humanos, promovendo a livre troca de ideias e opiniões e defendendo a autonomia e independência das academias científicas no mundo. Seu principal objetivo é alertar academias nacionais sobre abusos envolvendo cientistas e acadêmicos e oferecer ferramentas de apoio nesses casos.

• **ABC na 15ª Reunião Bienal da IHRN**



ABC na 15ª Reunião Bienal da IHRN

Como integrante da IHRN, a ABC foi representada na 15ª Reunião Bienal, realizada entre os dias 9 e 11 de setembro na Academia Norueguesa de Literatura e Ciências (DNVA), em Oslo, pela socióloga e Acadêmica Elisa Reis. Embora não tenha filiação formal, mais de 90 academias nacionais já participam de suas atividades.

A reunião contou com várias mesas-redondas e *workshops* que examinaram a relação entre a liberdade acadêmica e os direitos humanos. Foram discutidos os crescentes ataques e perseguições contra cientistas e acadêmicos, inclusive em países democráticos; o impacto de conflitos armados na evolução da carreira de estudantes e pesquisadores ao redor do mundo; as tentativas de se impor agendas ideológicas e partidárias à pesquisa, com corte de financiamento e término de contratos de cientistas que vão contra as diretrizes de governos; e o crescimento da desigualdade entre a ciência feita em países ricos e países pobres, que se acentua com as novas tecnologias de IA, cujo controle se dá sobretudo pelo Norte Global.

A Acadêmica participou da sessão sobre o papel das academias nacionais na resposta aos desafios para a liberdade na sociedade contemporânea, junto com o coordenador do Comitê de Direitos Humanos da DNVA, Jakob Lothe; a membra da Academia de Artes e Ciências de Gana, Boseemma Mamaa Entsua-Mensah; e o membro do Conselho de Ciência do Japão, Kayo Minamino.

Prêmio Jacob Palis ABC-Fulbright para Membros Afiliados



*Prêmio Jacob Palis ABC-Fulbright para
Membros Afiliados da ABC*

Em 30 de maio, a Comissão Fulbright e a ABC lançaram o Prêmio Jacob Palis para Membros Afiliados da ABC, visando homenagear o legado do ex-presidente da Academia e ex-diretor e professor do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Palis foi bolsista Fulbright na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1964, e foi o presidente responsável pela criação da categoria de membro afiliado na ABC, em 2007. Ele atuou de forma incansável no estímulo às novas gerações de cientistas.

Figura de destaque na comunidade científica internacional, seus trabalhos sobre sistemas dinâmicos influenciaram gerações de pesquisadores. Palis foi o primeiro brasileiro a receber o prestigiado Prêmio Balzan, tido como o Nobel da Matemática.

O objetivo da premiação da ABC-Fulbright é promover a colaboração binacional entre jovens pesquisadores promissores do Brasil e dos Estados Unidos. O prêmio apoia visitas de intercâmbio de curta duração, pesquisas conjuntas e a criação de redes sustentáveis Brasil-EUA nas áreas de ciência e tecnologia. Os afiliados da ABC com mandato vigente foram convidados a submeter propostas em colaboração com jovens pesquisadores norte-americanos em início de carreira, vinculados a instituições de ensino superior ou de pesquisa nos EUA. A premiação pretende incentivar pesquisas transdisciplinares e de alto impacto, estimular a capacitação institucional e a transferência de conhecimento e a criação de parcerias de pesquisa e vínculos institucionais de longo prazo.

No dia 19 de setembro, foram divulgados os projetos vencedores de dez membros afiliados da ABC, em parceria com jovens cientistas baseados em universidades dos Estados Unidos, para receberem uma bolsa de US\$ 70.000 ao todo durante dois anos.

A presidente da ABC, Helena Nader, fez uma breve apresentação sobre a categoria de membros afiliados, mostrando que, embora ainda haja uma predominância de homens, há uma tendência clara em direção à equidade de gênero. Ela também reforçou o convite para que os afiliados se envolvam mais no cotidiano da ABC e proponham temas para a Academia. “Quando o professor Palis criou a categoria, a ideia era preparar futuros Acadêmicos. Vários pesquisadores daquela primeira geração já foram eleitos titulares”.



Os agraciados com o Prêmio Jacob Palis ABC-Fullbrigh presentes na cerimônia: Pedro Tupã Pandava Aum (UFPA), Bruno Campos Janegitz (UFSCar), Joanna Maria Gonçalves de Souza Fabjan (UFF), Cristiane Luchese (UFPEL), Renata Rojas Guerra (UFSM), Vivian Vasconcelos (UFMG), Rodrigo Abarza Muñoz (UFU), Gabriel Negreiros Salomão (ITV) e Clécio Roque de Bom (CBPF)

PARCERIAS INTERNACIONAIS

Brasil – Alemanha

• *Painel Virtual sobre Potencial Sustentável da Aquicultura*

No âmbito da cooperação bilateral entre a Academia Brasileira de Ciências e a Academia Nacional de Ciências da Alemanha - Leopoldina, foi realizado em 3 de setembro, um webinar sobre aquicultura sustentável, com foco nos contextos brasileiro e europeu. O encontro discutiu as recomendações do relatório conjunto *Advancing sustainability and circularity in aquaculture to build a resilient global food system* (2025), que analisa caminhos para fortalecer a produção de proteínas aquáticas de forma sustentável.

Os participantes destacaram que tanto o Brasil quanto a Alemanha produzem e consomem menos proteína aquática do que poderiam. O consumo médio anual de peixe é de 10 kg por pessoa no Brasil, 14 kg na Alemanha, frente à média global de 21 kg. No caso brasileiro, o baixo aproveitamento contrasta com o enorme potencial natural — 7 mil km de costa e a maior bacia de água doce do mundo. Além disso, dois terços da produção nacional concentram-se na tilápia, enquanto espécies nativas como tambaqui e pirarucu permanecem subutilizadas, sendo mais exploradas pela China.



Painel Virtual sobre Potencial Sustentável da Aquicultura



Acesse o relatório conjunto

A aquicultura já responde por mais da metade da proteína aquática mundial, apresentando menor impacto ambiental do que outras fontes animais e grande potencial para impulsionar a bioeconomia brasileira. Os especialistas apontaram entraves burocráticos, ausência de orientação científica aos produtores e baixa cultura de consumo de peixe no país como fatores que limitam o setor.

O webinar reforçou o consenso de que a aquicultura pode se tornar um motor do desenvolvimento sustentável brasileiro, conciliando geração de renda, segurança alimentar e preservação ambiental, desde que apoiada por políticas públicas integradas e por maior cooperação científica internacional.

Brasil – China

• *Workshop promove colaboração Brasil-China na área de Mudanças Climáticas*

Entre os dias 24 e 26 de março de 2025, pesquisadores do Brasil e da China reuniram-se na Universidade de São Paulo (USP) para um workshop sobre sustentabilidade e mudanças climáticas, promovido pelo Centro de Estudos Amazônia Sustentável (CEAS) e pelo Centro USP-China. O evento contou com o apoio da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Academia Chinesa de Ciências (CAS), no âmbito do acordo de cooperação entre as duas instituições, dando continuidade às discussões iniciadas em Pequim, em abril de 2024.

Segundo o climatologista Paulo Artaxo, membro titular da ABC, o encontro teve como meta desenhar uma estratégia conjunta de pesquisa e definir prioridades temáticas para a obtenção de financiamentos em ambos os países. Três grandes linhas de pesquisa prioritárias foram estabelecidas: preservação e restauração da Amazônia, agricultura de baixo carbono e adaptação urbana às mudanças.

O workshop foi considerado um marco na cooperação científica Brasil-China, consolidando a parceria entre a ABC e a CAS e apontando caminhos para novos programas conjuntos de pesquisa em sustentabilidade. “Precisamos buscar soluções para problemas comuns. O diálogo científico com a China deve se expandir para outras grandes áreas de pesquisa”, disse Artaxo.

O encontro resultou em propostas concretas de integração científica e tecnológica, reforçando o papel do Brasil como parceiro estratégico em pesquisa climática e ambiental.



Workshop promove colaboração Brasil-China na área de Mudanças Climáticas



Os participantes do workshop ABC-CAS realizado na USP

• Missão da ABC à China

Entre 30 de maio e 15 de junho, uma delegação da Academia Brasileira de Ciências (ABC) realizou missão científica à China, a convite da Academia Chinesa de Ciências (CAS). Parte do Memorando de Entendimento entre as duas instituições, a visita incluiu 12 centros de pesquisa e laboratórios em Beijing, Shanghai, Hangzhou e Sanya, com foco em biotecnologia, saúde e ciências ambientais.

A missão teve início na sede da CAS, em Beijing, onde foram recebidos pelo presidente da CAS, Hou Jianguo, os Acadêmicos Helena Nader, Jailson Bittencourt de Andrade, Adalberto Luis Val, Glaucius Oliva, Wanderley de Souza, Vivian Vasconcelos Costa e o secretário-executivo de Relações Internacionais da ABC, Marcos Cortesão. Pelo lado chinês, acompanharam a reunião o vice-presidente da CAS, Wu Zhaohui; o diretor geral do Departamento de Grandes Programas de Ciência e Tecnologia, Zhu Junqiang; o diretor geral do Departamento de Cooperação Internacional, Liu Weidong; o diretor geral adjunto do Departamento de Ciência de Fronteira e Pesquisa Básica, Shen Yi; o diretor geral adjunto do Departamento de Pesquisa em Desenvolvimento Sustentável, Xu Hang; e a diretora da Divisão de Assuntos Americanos e Oceânicos, Tong Ting.

Nas visitas, a comitiva observou um modelo de desenvolvimento científico e tecnológico sustentado por políticas de Estado, investimentos contínuos e forte integração entre governo, universidades e setor privado.

Destacaram-se o *Institute of High Energy Physics (IHEP)*, onde está em construção um síncrotron de quarta geração, e o *Hangzhou Institute of Medicine*, símbolo da nova geração de cientistas chineses, jovens doutores formados no exterior que retornam para liderar projetos de ponta.

Mesmo diante de desafios climáticos, como o furacão Wutip em Sanya, foi possível constatar a eficiência da infraestrutura baseada em planejamento científico e tecnológico, que garantiu pleno funcionamento dos serviços públicos durante o evento extremo.

Os membros da delegação ressaltaram diferentes aspectos do sucesso chinês. O Acadêmico Wanderley de Souza, professor titular de parasitologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador visitante emérito da Faperj, destacou a autonomia técnica e produtiva dos centros de pesquisa; o vice-presidente da ABC e pró-reitor da Universidade Senai Cimatec, Jailson de Andrade, apontou o impacto das decisões de Estado na criação de universidades e laboratórios de excelência; a membra afiliada da ABC Vivian Costa, professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), observou o retorno estratégico de jovens cientistas formados no exterior; o vice-presidente da ABC para a Região São Paulo, Glaucius Oliva, evidenciou a disparidade na infraestrutura de pesquisa — a China possui mais de 100 criomicroscópios eletrônicos, enquanto toda a América Latina tem apenas três; já Marcos Cortesão destacou a relação direta entre prosperidade econômica, segurança urbana e serviços públicos eficientes.

A missão concluiu que a China consolidou um modelo de desenvolvimento baseado em educação, ciência e inovação como pilares de soberania nacional. A presidente Helena Nader sintetizou a principal lição: “Investir em ciência não é um luxo nem um gasto: é a chave para garantir qualidade de vida, desenvolvimento justo e soberania. E só funciona quando é decisão de Estado, contínua e estável.”



Presidente da ABC foi recebida na Academia Chinesa de Ciências pelo presidente Hou Jianguo



Missão da ABC à China

Para o Brasil, a experiência representou um chamado à ação. O grupo recomendou a elaboração de um relatório técnico à Finep e ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) com propostas inspiradas nas boas práticas chinesas; a criação de uma rede nacional de laboratórios distribuídos regionalmente, reduzindo a concentração no eixo Sudeste; a obrigatoriedade de políticas de P&D na indústria; a ampliação do ensino de inglês científico e da mobilidade internacional; a implementação de políticas de Estado permanentes para educação e ciência, garantindo continuidade institucional e autonomia tecnológica.

A delegação retornou ao Brasil com a convicção de que o futuro do país depende de escolhas políticas firmes e de um pacto nacional de longo prazo, capaz de transformar educação, ciência e inovação em motores de desenvolvimento sustentável e soberano.



Delegação da ABC é recebida na Universidade Fudan

- **ABC promove conferência do virologista George Fu Gao**



Saiba mais sobre a conferência de Fu Gao

O virologista chinês George Fu Gao, membro da Academia Chinesa de Ciências (CAS) e presidente da Sociedade Chinesa de Biotecnologia, visitou a Academia Brasileira de Ciências (ABC) em 23 de junho, onde recebeu o diploma de membro correspondente, título concedido em 2020. A entrega foi feita pela presidente da ABC, Helena Nader, que destacou o evento como “um marco para uma relação longa e próspera” entre a ABC e a CAS.

Durante a cerimônia, o Acadêmico Carlos Morel (Fiocruz) ressaltou as contribuições de Fu Gao no combate a doenças como zika e chikungunya, mencionando o avanço obtido em seu laboratório a partir de amostras de apenas um paciente. Jovens pesquisadores brasileiros que estagiaram no laboratório de Fu Gao em Beijing relataram a experiência como decisiva em sua formação, como Leonardo Vazquez, que passou um ano estudando a chikungunya.

Em sua conferência, Fu Gao destacou o caráter internacional da ciência, relatando sua trajetória pela Universidade de Oxford, onde obteve doutorado e pós-doutorado, e pela Universidade de Harvard, onde lecionou antes de retornar à China. “Me considero um cientista-viajante, mas acredito que um cientista deve servir ao seu povo”, afirmou.

Fu Gao apresentou também um panorama do avanço da biotecnologia na China, desde suas origens históricas até o crescimento acelerado nas últimas décadas, impulsionado pela valorização da ciência, tecnologia e inovação (CT&I) como motores da economia. Ele defendeu a cooperação internacional e intersetorial entre governos e empresas, afirmando: “Mesmo com problemas geopolíticos e diferenças culturais, deixemos os cientistas trabalharem juntos.”



Carlos Morel e George Fu Gao

- **ABC e CAS se reúnem durante Fórum de Academias dos BRICS**

No contexto do Fórum de Academias de Ciências dos BRICS, realizado no Rio de Janeiro (RJ), nos dias 24 e 25 de junho, a ABC e a Academia Chinesa de Ciências (CAS) promoveram uma reunião bilateral no dia 24 de junho. Na ocasião, os participantes abordaram diferentes aspectos da cooperação entre as duas organizações.

Os principais assuntos foram potenciais encaminhamentos e oportunidades de cooperação oriundas da viagem da delegação brasileira à China no início de junho, quando representantes da ABC tiveram a oportunidade de visitar diferentes institutos e centros de pesquisa em diversas cidades.

Pelo lado brasileiro, participaram da reunião a presidente da ABC, Helena B. Nader, e os integrantes da Diretoria da Academia Adalberto Val, Alvaro Prata, Anderson Gomes e Patricia Bozza, além de Marcos Cortesão e Vitor Vieira, do Departamento de Cooperação Internacional da ABC. Os representantes da CAS foram o vice-presidente da academia chinesa Wu Zhaohui, o diretor-geral do Escritório de Cooperação Internacional, Liu Weidong, e a diretora da Divisão de Relações com as Américas e Oceania, Tong Ting.



ABC e CAS se reúnem durante Fórum BRICS de Academias

- **ABC recebe delegação do CNCB da China**

A ABC recebeu, em 20 de agosto, uma delegação do Centro Nacional de Bioinformação da China (CNCB), unidade da Academia Chinesa de Ciências (CAS), dando sequência às tratativas iniciadas durante a missão da ABC à China em junho de 2025. O encontro teve como foco ampliar colaborações em bioinformática, biologia celular, molecular e estrutural, e biotecnologia.

A delegação chinesa foi liderada pelo diretor-geral do CNCB, Yungui Yang, e contou com a diretora de Serviços de Bioinformação do instituto, Shuhui Song; o chefe do departamento de Tecnologia da Informação (TI), Bing Zhang; a professora Yajing Hao; e o engenheiro Tianyi Xu. Representando o Brasil, participaram os Acadêmicos Adalberto



ABC recebe delegação do CNCB da China



ABC recebeu delegação do Centro Nacional de Bioinformática da China para uma reunião em sua sede

Luis Val (vice-presidente da ABC para a Regional Norte), Ana Tereza Vasconcelos (LNCC), Carlos Morel (Fiocruz), Iscia Lopes Cendes (Unicamp), Manoel Barral Netto (UFBA), Marcos Cortesão (secretário-executivo para Relações Internacionais da ABC) e pesquisadores do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC).

O encontro reforçou o Memorando de Entendimento entre ABC e CAS, voltado à promoção de intercâmbios e projetos conjuntos. Yungui Yang destacou o objetivo chinês de abrir ainda mais a ciência e ampliar parcerias com instituições brasileiras em áreas como biotecnologia, inteligência artificial e tecnologias emergentes. A delegação chinesa apresentou colaborações já ativas com LNCC e Fiocruz e manifestou interesse em expandir parcerias para outras instituições brasileiras.

O cenário global foi central na discussão: representantes chineses relataram bloqueio de acesso a mais de 20 bases de dados norte-americanas, parte de uma política de restrição dos EUA. Diante disso, Carlos Morel reforçou a necessidade de garantir a continuidade da ciência aberta, propondo ação coordenada para os próximos anos.

A reunião consolidou o interesse mútuo em expandir redes de pesquisa e compartilhamento de dados; fortalecer infraestrutura computacional e laboratórios de bioinformática no Brasil; promover programas de mobilidade e intercâmbio científico; atrair mais instituições brasileiras para colaborar com o ecossistema científico chinês.

• *ABC recebe delegação da CAST*



ABC recebe delegação da CAST

A ABC recebeu, em 22 de setembro, uma delegação da Associação Chinesa pela Ciência e Tecnologia (CAST) em sua sede, no Centro do Rio de Janeiro. O encontro teve como objetivo aprofundar as relações de cooperação científica entre Brasil e China, ampliando o diálogo já existente com a Academia Chinesa de Ciências (CAS).

A delegação chinesa foi liderada por Wang Jinzhan, secretário-executivo da CAST, e contou com Zhang Bin, vice-diretor de Relações Internacionais; Zhu Yekun, vice-diretor para Cooperação Bilateral; e Xu Zhenling, vice-presidente da Associação para a Ciência e Tecnologia de Hainan.



ABC recebeu delegação do Centro Nacional de Bioinformática da China para uma reunião em sua sede

A ABC foi representada pela Acadêmica Débora Foguel, diretora da ABC e pesquisadora na área de bioquímica e biologia molecular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); pela Acadêmica Ana Tereza Vasconcelos, pesquisadora em bioinformática e genômica computacional do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC); e por Marcos Cortesão, secretário-executivo para Relações Internacionais da ABC.

O encontro tratou do fortalecimento da cooperação Brasil-China em ciência, tecnologia e inovação, com ênfase em intercâmbio de jovens pesquisadores e projetos conjuntos. Cortesão ressaltou o papel da ABC como instituição de assessoramento científico a formuladores de políticas públicas e lembrou o memorando de entendimento vigente com a CAS, destacando a importância de aprofundar a parceria com a CAST em um contexto global de instabilidade geopolítica.

Débora Foguel reforçou a atuação conjunta da ABC com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), enquanto Ana Tereza Vasconcelos observou que a CAST cumpre papel semelhante à SBPC no sistema científico chinês, promovendo a integração entre cientistas e a defesa de políticas de ciência, educação e meio ambiente “independentes de governos de turno”.

Wang Jinzhan apresentou a estrutura da CAST, organização que reúne 210 sociedades científicas e escritórios regionais em toda a China. Responsável por financiar pesquisas, promover talentos e editar mais de 1.700 periódicos científicos, a CAST também tem, por lei, a atribuição de popularizar a ciência, organizando simpósios, feiras e encontros científicos em todo o país.

As duas instituições expressaram interesse em ampliar o intercâmbio de cientistas, com foco em jovens pesquisadores e projetos bilaterais em áreas estratégicas. Foi sugerida a elaboração de um memorando de entendimento entre ABC e CAST, inspirado no acordo existente entre a ABC e a CAS. O encontro marcou um passo importante na integração da comunidade científica brasileira ao ecossistema asiático de inovação e pesquisa.

• *ABC reforça parceria com a CAS*

No dia 1º de outubro, durante a 17ª Conferência Geral da Academia Mundial de Ciências (TWAS), a ABC promoveu uma reunião bilateral com a Academia Chinesa de Ciências (CAS), consolidando a cooperação já existente entre as duas instituições.

A delegação chinesa foi liderada por Bao Xinhe, diretor do Comitê de Publicações Acadêmicas da CAS, que incentivou a submissão de artigos de pesquisadores brasileiros para os periódicos científicos da academia chinesa. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, ressaltou a importância de aprofundar a colaboração científica Sul-Sul, destacando que Brasil e China compartilham desafios comuns e oportunidades estratégicas. “Nossos países continuam colaborando majoritariamente com o Norte. Precisamos mudar isso, pois enfrentamos problemas similares”, afirmou.

• *Conferência LISA 2025*

A ABC, em parceria com a Academia Chinesa de Ciências (CAS) e a Aliança de Organizações Científicas Internacionais (ANSO), organizou a Conferência Internacional “Light na América do Sul” (Conferência LISA 2025), realizada entre os dias 12 e 18 de outubro, no Rio de Janeiro.



Conferência LISA 2025

A conferência abordou os seguintes temas: biofotônica para vida e saúde, IA para fotônica e biofotônica, fotônica verde e ciência e tecnologias quânticas. O evento contou com a participação de especialistas em óptica e fotônica de 12 países e regiões do mundo. Durante os cinco dias do evento, os participantes realizaram intercâmbios acadêmicos aprofundados e discutiram maneiras de promover a aplicação da inovação científica e tecnológica.

O vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC) para a região Nordeste e Espírito Santo, Anderson Gomes, presidente da Conferência, acredita que esta foi uma oportunidade única de intercâmbio e de estímulo para a comunidade científica brasileira e permitirá que mais estudantes brasileiros realizem pesquisas nessas áreas no futuro.

A cerimônia de abertura da conferência também incluiu a inauguração do Escritório da Light na América do Sul. Anderson Gomes foi nomeado diretor do escritório, que é o 27º escritório regional estabelecido pela Light em todo o mundo.

Esta conferência foi um componente essencial da série internacional de Conferências Light. Desde 2011, a série realizou mais de 30 conferências internacionais na China, Reino Unido, Alemanha, Suíça, Cingapura, Itália e Brasil, entre outros países, atraindo mais de dez mil participantes.

O evento no Rio contou com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), do Instituto Nacional de Fotônica (INCT-INFO), e do Instituto de Óptica, Mecânica Fina e Física de Changchun (CIOMP).

- **ABC entrega relatório semestral sobre a parceria com a Academia Chinesa**



ABC entrega relatório semestral sobre a parceria com a Academia Chinesa

O acordo de parceria entre a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Academia Chinesa de Ciências (CAS), além de uma aproximação histórica entre a ciência dos dois países, também está inserido na área de Ciência e Tecnologia da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban), estabelecida pelos governos brasileiro e chinês.

Como parte das atividades da comissão, a ABC envia relatórios semestrais ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) sobre as atividades desenvolvidas no âmbito da parceria. Em 21 de novembro, a ABC entregou o último relatório de 2025.

Brasil – Rússia

- **ABC e Academia Russa se reúnem durante Fórum BRICS de Academias**



Durante o Fórum de Academias de Ciências dos BRICS, realizado no Rio de Janeiro (RJ), nos dias 24 e 25 de junho, a ABC e a Academia Russa de Ciências (RAS) promoveram uma reunião bilateral para avaliar potenciais oportunidades de cooperação futura.

Pelo lado brasileiro, participaram da reunião a presidente da ABC, Helena B. Nader, e

Ivan Danilin, Pyotr Chekmarev, Helena Nader, Marcos Cortesão e Adalberto Val

os integrantes da Diretoria da Academia Adalberto Val, Alvaro Prata, Anderson Gomes e Patricia Bozza, além de Marcos Cortesão e Vitor Vieira, do setor de Relações Internacionais da ABC. Os representantes da Academia Russa foram o vice-presidente Pyotr Chekmarev e o diretor-executivo de Pesquisa Ivan Danilin.

• *ABC recebe delegação da Rússia*

No dia 6 de junho, a Academia Brasileira de Ciências recebeu em sua sede uma delegação da Rússia liderada pelo vice-ministro da Ciência e Educação Superior do país, Konstantin Mogilevskiy. A delegação estava em visita oficial ao Brasil por ocasião da 12ª Reunião Ministerial de Educação e do Fórum de Reitores do BRICS, cuja cúpula ocorreria em julho, no Rio de Janeiro.

A delegação foi recebida pela vice-presidente regional da ABC Patricia Torres Bozza e a diretora Débora Foguel, os Acadêmicos Maria Domingues Vargas, Diógenes de Almeida Campos e Paulo Terra; a secretária-executiva de Programas Nacionais da ABC, Gabriella Mello; os assessores de projetos Vitor Vieira e Deborah Lima e o gerente administrativo Fernando Veríssimo. A presidente da ABC, Helena Nader, estava em visita oficial à China.

Pelo lado russo, além do ministro, participaram as secretárias do Ministério Albina Kutuzova e Alyona Nikolaeva; o vice-reitor da Universidade Estatal de Moscou Lomonosov, Yuri Mazei; o secretário da universidade, Ruslan Proklov; o representante da Embaixada Russa, Vasilii Kiselev, e o do Consulado-Geral, Svyatoslav Leshchenko. O intérprete Andrey Salnikov auxiliou nas conversas.

“Foi uma conversa muito produtiva sobre a possibilidade de estreitar laços científicos entre os dois países. Nossos convidados destacaram muito o espaço proporcionado pelos BRICS para a diplomacia científica, sugerindo a criação de editais conjuntos que permitam o intercâmbio de pesquisadores”, destacou Patricia Bozza. A delegação da Rússia também estimulou uma maior interação da ABC com a Academia Russa de Ciências (RAS) e os participantes se ofereceram para mediar essas conversas.



ABC recebe delegação da Rússia



ABC recebe delegação liderada pelo vice-ministro da Ciência e Educação Superior da Rússia

Brasil – Senegal

- *ABC assina MoU com a Academia do Senegal*



*Helena Nader e Mactar Touré,
presidente da Academia senegalesa,
assinaram o memorando de entendimento*

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) assinou um memorando de entendimento (MoU) com a Academia Nacional de Ciência e Tecnologia do Senegal (ANSTS) para a realização de eventos e projetos conjuntos. O acordo foi firmado em encontro entre a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, e o presidente da ANSTS, Mactar Touré, em reunião no dia 1º de outubro, durante a 17ª Conferência Geral da Academia Mundial de Ciências (TWAS).

Para Nader, a aproximação entre a ciência brasileira e os países africanos deve ser celebrada. Touré defende que o acordo seja um ponto de partida para estreitar relações entre África e América Latina. “Nossos continentes têm muita similaridade e precisamos criar um modelo de colaboração. Também temos coisas diferentes a ensinar e aprender uns com os outros. A comunidade científica senegalesa e de todo o oeste africano esperam por isso.”

Para celebrar a importância do acordo, participaram da reunião, de forma virtual, as embaixadoras do Brasil no Senegal, Daniella Xavier Cesar, e do Senegal no Brasil, Marie Gnama Bassene. Ambas lembraram que o Brasil já recebe cientistas senegaleses desde a década de 60, através dos programas PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) e o PEC-PG (Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação), parcerias entre o Ministério da Educação (MEC) e o Itamaraty que visam trazer estudantes estrangeiros para o Brasil. “Essas iniciativas pioneiras contribuíram para formar um capital humano precioso para Senegal e para a África, consolidando os laços de confiança e fraternidade que unem nossos dois países”, afirmou Bassene.

Para Xavier Cesar, “a assinatura deste acordo não é apenas um ato institucional. Ela encarna uma convicção profunda: a de que a ciência e a tecnologia são bens universais, capazes de abrir caminhos de prosperidade e dignidade para nossas sociedades”. Os representantes de Senegal propuseram uma reunião conjunta em 2026, a ser sediada em Dakar, reunindo cientistas de ambos os países e também de outras partes dos continentes.

Brasil – Uzbequistão

- *ABC inicia diálogo com a Academia de Ciências do Uzbequistão para futura cooperação científica*



*ABC inicia diálogo com a Academia de
Ciências do Uzbequistão para futura
cooperação científica*

No contexto da 17ª Conferência Geral da TWAS, a ABC reuniu-se com a Academia de Ciências da República do Uzbequistão (ASRU) para iniciar uma nova agenda de colaboração internacional. A ASRU foi representada por sua vice-presidente, Shahlo

Turdikulova, que apresentou a estrutura da instituição — fundada em 1943, ainda no período soviético, e atualmente reconhecida como a maior academia nacional da Ásia Central. A academia coordena institutos de pesquisa em áreas como genética, engenharia de materiais e energia limpa, incluindo o Heliocomplexo de Tashkent, que abriga um dos maiores refletores solares do mundo.

Durante a reunião, a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, e Shahlo Turdikulova discutiram a criação de programas de intercâmbio acadêmico e a assinatura de um memorando de entendimento (MoU), nos moldes dos já firmados entre a ABC e outras academias nacionais.



Helena Nader com a vice-presidente da Academia do Uzbequistão, Shahlo Turdikulova

Encontros Lindau com Prêmios Nobel

O Lindau Nobel Meeting, realizado anualmente na cidade de Lindau, na Alemanha, reúne jovens pesquisadores indicados por seus países com laureados com o Prêmio Nobel, promovendo diálogo intergeracional, atualização científica e cooperação internacional. A ABC é responsável pela seleção dos representantes brasileiros.

O encontro na área da química ocorreu entre 29 de junho e 4 de julho. O Brasil foi representado por cinco pesquisadores: Alex Inague (USP), Fábio Godoy Delolo (UFMG), João Paulo Vita Damasceno (Unicamp), Lucas Silva Franco (UFRJ), Roberta Silva Pugina (Unesp-Araraquara).

Já na área da economia, o Encontro Lindau com Prêmios Nobel na foi realizado entre 26 e 30 de agosto. Foram selecionados três pesquisadores brasileiros: Bruno Toshio Ogava (IBMEC), Guilherme Gallego (Insper) e Stéphanie Shinoki (Insper).



Encontros Lindau com Prêmios Nobel

Outras parcerias internacionais

- **ABC e British Council discutem perspectivas para parceria**

No dia 24 de janeiro, a presidente da ABC reuniu-se com representantes do British Council, organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. O objetivo foi debater objetivos e visões comuns em prol de uma ciência e uma sociedade mais diversa, inclusiva e rica.

Diana Daste, líder de Engajamento Cultural, Barbara Cagliari, líder da área de Relações Governamentais, e Patricia Santos, gerente de Projetos Ensino Superior apresentaram à Helena Nader o trabalho do British Council para destacar e valorizar a trajetória profissional e acadêmica das mulheres na ciência, além de incentivar o aumento da presença de mulheres cientistas no segmento.

Foi abordado o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil, ferramenta que resulta de colaborações entre o Reino Unido e o Brasil, inspirado no Athena Swan Charter – visando apoiar instituições de ensino superior,



ABC e British Council discutem perspectivas para parceria

agências de fomento e instituições científicas a promover mudanças estruturais, com foco especial em mulheres de grupos sub-representados e historicamente marginalizados.

A colaboração entre o British Council e a Academia Brasileira de Ciências pretende contribuir com estratégias para construir capacidades institucionais que influenciem políticas de longo prazo e tragam impactos para as mulheres na ciência.

• *ABC na Brazil Conference*



ABC na Brazil Conference

A ciência de fronteira é uma atividade internacional e, para se inserir cada vez mais no cenário, o Brasil precisa trabalhar em colaboração com o mundo. Essas foram as conclusões do debate que reuniu a presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Helena Nader, e o membro titular Artur Ávila, no dia 13 de abril, na Brazil Conference 2025. O encontro, realizado todos os anos pela diáspora estudantil brasileira na região de Boston, EUA, reúne grandes personalidades do país para pensar o Brasil e atrair o investimento estrangeiro.

Nader defendeu que o país crie programas para manter laços com pesquisadores no exterior, citando o Ciência sem Fronteiras e novas iniciativas de repatriação. Já Ávila ressaltou que a continuidade e o financiamento previsível são essenciais para sustentar a excelência científica.

Entre as propostas, Nader destacou o modelo de Organizações Sociais (OS), para reduzir a burocracia e atrair talentos internacionais, e o incentivo a endowments, para estimular doações privadas à ciência. Ela também sugeriu aproveitar o contexto geopolítico para atrair cientistas estrangeiros e valorizou o avanço da ciência brasileira, especialmente na agricultura, onde o país atua na fronteira do conhecimento.

• *Fórum BRICS de Jovens Cientistas (YSF) e Prêmio Jovem Inovador 2025 (YIP)*

A Academia Brasileira de Ciências, em parceria com a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace), foi responsável pela seleção dos representantes brasileiros para o BRICS Young Scientists Forum (YSF) 2025 e para o BRICS Young Innovator Prize (YIP) 2025, a convite do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). O 10th BRICS Young Scientist Forum foi realizado entre 15 e 17 de setembro, em Brasília, dentro da programação da Cúpula dos BRICS.



Hermílio Carvalho Júnior recebeu o Prêmio BRICS Jovem Cientista das mãos da ministra de CT&I, Luciana Santos, e da vice-presidente da ABC para Minas Gerais e Centro-Oeste, Mercedes Bustamante

O prêmio internacional, que está em sua oitava edição, é voltado a jovens inovadores dos países do bloco e concede prêmios de US\$ 25 mil, US\$ 15 mil e US\$ 10 mil aos três primeiros colocados. O tema de 2025 foi Inteligência Artificial Aplicada a Soluções para o Serviço Público. Em sua fase nacional, o Brasil indicou

três candidatos ao prêmio: Douglas William Cirino (USP), Phirtia Raianny Rodrigues da Silva (D3S Consultoria) e Hermílio Carvalho Junior (Universidade Tiradentes). Este último foi o grande vencedor da 8ª edição do BRICS Young Innovator Prize. Médico formado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Hermílio é especialista em medicina de emergência e clínica médica. Fundou e é CEO da LookInside, empresa que desenvolve software como dispositivo médico (SaMD, sigla em inglês) para prevenção de amputações por pé diabético, usando inteligência artificial. Participou de diversos programas internacionais e coordena pesquisas em avaliação de risco em diabetes, IA clínica e validação regulatória de softwares médicos, em parceria com instituições como o Hospital Moinhos de Vento.

A ABC e a Febrace também selecionaram os participantes brasileiros nas três áreas temáticas do Fórum. Na área de “Pesquisa em Mudanças Climáticas, Mitigação e Adaptação” foram indicados Carlos Eduardo Velasquez Cabrera (UFMG), Juliana de Sousa Nogueira (USP) e Viviane Caetano Firmino (UFPA). Para a área de “Diplomacia Científica num Mundo em Transformação”, os selecionados foram Felipe Antonio Honorato (Revista ELA), Laila Thomaz Sandroni (IAI) e Sumbal Saba (UFG). Por fim, foram indicados Bruno Iochins Grisci (UFRGS), Kauê Santana da Costa (Ufopa) e Maíra Araújo de Santana (UFPE) na área de Inteligência Artificial para Soluções Sociais.

A cerimônia de premiação contou com a presença da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, e da vice-presidente regional da ABC para Minas Gerais e Centro-Oeste, a ecóloga Mercedes Bustamante (UnB), que representou a Academia na ocasião. Em seu discurso, Bustamante ressaltou que desafios globais — como mudanças climáticas, inteligência artificial e diplomacia científica — exigem cooperação internacional. Ela destacou que os jovens cientistas “não são apenas o futuro da ciência, mas o presente mais ágil e disruptivo”, por serem nativos digitais e capazes de construir redes científicas inovadoras.

O evento reuniu mais de 100 jovens pesquisadores e empreendedores dos países-membros dos BRICS ampliados — entre eles Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos — reforçando a vocação do bloco como plataforma de ciência, inovação e cooperação entre países do Sul Global.

Foto oficial do Fórum de Jovens Cientistas BRICS 2025



A stylized line drawing of a bird, possibly a parrot, in flight. The bird is facing left, with its wings spread wide. The drawing is composed of simple, elegant lines that define the bird's form, including its head, beak, eye, and feathers. The background is a solid, muted olive green color.

ATUAÇÃO NACIONAL

ATUAÇÃO NACIONAL

REUNIÃO MAGNA



Reunião Magna

As reuniões magnas da ABC são realizadas anualmente desde 2009, sempre no mês de maio, em cujo dia 3 é comemorado o aniversário de fundação da ABC. É o maior evento anual da ABC, sempre com um tema de interesse da sociedade no qual o papel da ciência seja fundamental..

No ano em que o Brasil recebeu a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), a Academia Brasileira de Ciências (ABC) promoveu sua Reunião Magna com foco na situação atual da Amazônia.

Com o tema “Amazônia já! Sem tempo a perder”, o evento foi realizado entre 6 e 8 de maio, no Museu do Amanhã, coordenado pelo vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Luis Val, biólogo do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). O encontro apresentou diferentes olhares da comunidade científica e dos povos tradicionais sobre ameaças que afetam o bioma. A programação científica envolveu quatro conferências magnas, cinco sessões plenárias e duas sessões especiais de membros afiliados. Na última noite, foi realizada a Sessão Solene de diplomação dos novos membros.



Policy brief “Amazônia Já

A reunião gerou um *policy brief*, que pode ser acessado no QR CODE.

• Conferências Magnas

A programação da Reunião Magna da Academia Brasileira de Ciências 2025 contou com quatro conferências magnas, que trouxeram reflexões profundas sobre os desafios ambientais e climáticos do planeta, com ênfase especial na Amazônia. As palestras de Thelma Krug, Eduardo Brondízio, William F. Laurance e Andrea Encalada delinearão, sob diferentes perspectivas, as urgências da agenda científica e política diante do colapso ambiental que se aproxima.

A primeira conferência foi proferida por Thelma Krug, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e ex-vice-presidente do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). A cientista alertou que a COP30 “será uma COP na floresta, mas não pode ser apenas uma COP das florestas”. Krug defendeu que o evento deve enfrentar de forma clara o uso de combustíveis fósseis, principal motor do aquecimento global.



Thelma Krug

Embora o planeta tenha ultrapassado em 2024 a marca de 1,5°C acima do nível pré-industrial, ela afirmou que a ultrapassagem não é permanente, mas que a janela de ação está cada vez menor. O Brasil, destacou, é um país singular na questão ambiental, pois suas emissões são causadas sobretudo pelo desmatamento e pela pecuária, e não pela queima de combustíveis fósseis. A cientista lembrou o sucesso do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm), que entre 2004 e 2012 reduziu em 80% o desmatamento anual, mas perdeu força e foi encerrado em 2019. “Precisamos transformar o combate ao desmatamento em uma estratégia de Estado”, disse.

Krug também alertou para o aumento de eventos extremos e cobrou maior ambição na redução de emissões, destacando o Tropical Forest Finance Facility (TFFF) e o fortalecimento do mercado de carbono como possíveis lideranças do Brasil na COP30.

Em seguida, o antropólogo Eduardo Brondízio, professor da Universidade de Indiana e vencedor do Prêmio Tyler 2025, abordou as agroflorestas de açaí como exemplo de uma bioeconomia invisível, sustentável e socialmente transformadora. Segundo dados do IBGE, 90% da produção de açaí é feita por populações ribeirinhas, que mantêm a floresta em pé. Contudo, esses produtores continuam invisíveis ao Estado e aos satélites, sem políticas de crédito, infraestrutura ou incentivo. “A expansão das agroflorestas de açaí se deu sem apoio público, apenas pela resposta à urbanização local”, explicou.

Para Brondízio, o país precisa reconciliar 40 anos de políticas contraditórias, que simultaneamente estimularam a proteção ambiental e o avanço agropecuário. O pesquisador também destacou o crescimento urbano acelerado da Amazônia, especialmente em Manaus e Belém, onde mais da metade da população vive em favelas com saneamento precário, e o avanço de economias ilegais e redes criminosas que misturam o tráfico de drogas ao comércio de produtos naturais. “Hoje, a Amazônia é a região mais violenta do Brasil”, observou.

O antropólogo defendeu a inclusão dos municípios na governança ambiental, argumentando que, apesar de serem responsáveis por prover serviços básicos, eles não se beneficiam das cadeias econômicas que passam por seus territórios.

A terceira conferência, realizada pelo ecólogo William F. Laurance, da Universidade James Cook (Austrália), abordou o impacto devastador das estradas sobre a integridade da floresta amazônica. Segundo o cientista, cada quilômetro de estrada oficial gera cerca de 50 quilômetros de estradas ilegais, conhecidas como “estradas fantasmas”, responsáveis por uma destruição 305 vezes maior do que a da infraestrutura original. Essas vias não são detectadas por satélite nem por inteligência artificial, o que as torna virtualmente invisíveis ao monitoramento ambiental.

Laurance explicou que o processo de fragmentação da floresta cria “efeitos de borda” que secam o solo, matam árvores de grande porte e reduzem a biomassa, enfraquecendo a capacidade de sequestro de carbono e tornando o bioma mais suscetível a incêndios. “A floresta está diminuindo e implodindo de fora para dentro”, alertou, afirmando que algumas áreas do sul da Amazônia já se tornaram emissoras líquidas de carbono. Para ele, “a melhor solução para o Brasil é manter as estradas fora da Amazônia”.

Encerrando o ciclo de conferências, a ecóloga equatoriana Andrea Encalada, integrante do comitê científico do Science Panel for the Amazon (SPA/ONU), falou sobre a conectividade



Eduardo Brondízio



William F. Laurance



Andrea Encalada

dos sistemas aquáticos amazônicos e defendeu uma moratória imediata sobre novas hidrelétricas, bem como a remoção de barragens ineficientes.

A cientista explicou como a bacia amazônica - que concentra 20% da água doce que flui para os oceanos - depende da integração entre rios, florestas e atmosfera. Destacou a importância da conectividade longitudinal, que liga os Andes ao Atlântico e permite a migração de espécies como o dourado, que percorre até 12 mil quilômetros; da conectividade lateral, entre rios e florestas alagadas, essencial para a troca de biomassa; e da conectividade vertical, responsável por gerar metade das chuvas da própria Amazônia. Encalada denunciou a poluição das águas urbanas — em Manaus, apenas 20% do esgoto é tratado — e lembrou que a água contaminada é a principal causa de mortalidade infantil na região. “Não é possível falar em conservação da água doce sem conservação da floresta”, resumiu.

As quatro conferências apresentaram mensagens convergentes: o combate ao aquecimento global exige eliminar os combustíveis fósseis, zerar o desmatamento, fortalecer a bioeconomia de base comunitária, conter a expansão viária na floresta e proteger a conectividade dos rios amazônicos. Como sintetizou Thelma Krug, “a janela está se fechando, e o futuro da Amazônia — e do planeta — depende do que fizermos agora”.

• Sessões Plenárias

Sessão I: Amazônia Urbana



Saint-Clair Trindade, Gustavo Durán,
Eduardo Góes e Edna Ramos de Castro

A primeira plenária da Reunión Magna da ABC 2025 discutiu as origens e os desafios contemporâneos da urbanização na região. O arqueólogo Eduardo Góes Neves (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP) apresentou descobertas recentes que revelam uma rede de assentamentos pré-colombianos

interligados por estradas, comparáveis em escala a grandes centros como Tenochtitlán. Essas evidências confirmam relatos do frei Gaspar de Carvajal (1542) e demonstram que a Amazônia foi historicamente habitada e organizada em sistemas urbanos complexos. Neves defendeu o uso do termo “história antiga do Brasil”, destacando a terra preta de índio como exemplo de biotecnologia indígena avançada.

A discussão se estendeu ao presente, com o arquiteto Gustavo Durán (Flacso, Equador) criticando o modelo urbano atual, herdeiro de uma lógica colonizadora e extrativista, que transformou antigos povos amazônicos em populações periféricas e vulneráveis. A socióloga Edna Maria Ramos de Castro (UFPA) alertou para os impactos das mudanças climáticas e do agronegócio, principal motor do desmatamento, enquanto o professor Saint Clair Cordeiro da Trindade Jr. (UFPA) apontou o crescimento urbano desordenado — hoje, sete em cada dez amazônidas vivem em cidades, muitas marcadas pela falta de saneamento, desigualdade e avanço do crime organizado.

Durán observou que o fenômeno se repete em outros países amazônicos, como o Equador, onde o urbanismo de baixa densidade consome floresta e gera segregação. Comparando as cidades amazônicas a “mariposas”, com centros pequenos e periferias amplas, defendeu o surgimento de uma nova cidadania amazônica, capaz de pensar um futuro sustentável.

A sessão concluiu que a Amazônia é historicamente urbana e socialmente dinâmica, e que seu futuro depende de modelos de desenvolvimento que conciliem tradição indígena, justiça social e preservação ambiental.

Sessão II: Saúde única na Amazônia

A segunda plenária discutiu o tema “Saúde Única na Amazônia”, coordenada por Marcus Vinícius Guimarães de Lacerda (FMT-HVD/Fiocruz-Amazônia). O conceito de *One Health*, explicou o médico, integra a saúde humana, animal e ambiental, sendo essencial para compreender os desafios amazônicos. “Essa integração da saúde não é nova para o pessoal que trabalha com doenças infecciosas, mas recentemente é um conceito mais presente na cabeça das pessoas, de modo geral.”



Adele Schwartz Benzaken, Pedro Fernando da Costa Vasconcelos, Alice Sanna e Marcus Vinícius de Lacerda

Lacerda fez uma interessante diferenciação linguística. “Em português, único significa ser UM; em inglês, *unique* significa exclusivo, peculiar. Então em português se diz saúde única, mas em inglês se diz usa *one health* para ter o mesmo sentido”. A Amazônia, em sua visão, é *unique*, é peculiar. “Mas não é única, são várias Amazonas”, destacou. Ele considerou a ciência amazônica também como *unique*, no sentido de que na Amazônia tudo é muito específico e sua ciência depende do conhecimento do contexto.

A médica Adele Benzaken (AHF/Fiocruz) descreveu as profundas desigualdades do SUS na região, agravadas pelo isolamento, falta de infraestrutura e doenças associadas ao desmatamento, garimpo e pobreza. Defendeu soluções inovadoras, como unidades fluviais e ambulanchas, além da formação de profissionais indígenas de saúde e do novo mestrado em saúde indígena criado pela Fiocruz em Tabatinga.

O Acadêmico Pedro Vasconcelos (Instituto Evandro Chagas/UEPA) tratou da emergência de novos vírus ligados ao desmatamento e à urbanização desordenada, destacando o avanço do vírus Oropouche, que se espalhou do Pará para todo o país e passou a causar infecções neurológicas e congênitas.

Por fim, a pesquisadora Alice Sanna (IOC-Fiocruz) apresentou experiências de controle da malária entre populações móveis no Suriname e na Guiana Francesa, com destaque para o projeto Malakit, que distribuiu kits de autotratamento, reduzindo em 40% os casos da doença.

A sessão concluiu que a saúde amazônica depende da integração entre políticas públicas, inovação e conhecimento local, unindo ciência e saberes tradicionais para garantir o bem-estar das populações e a preservação do bioma.

Sessão III: Amazônia: Futuros Alternativos

A terceira plenária foi coordenada pela ecóloga e Acadêmica Ima Célia Guimarães Vieira, que abriu a mesa com a canção “Saga da Amazônia”, de Vital Farias, evocando o contraste entre a beleza da floresta e as forças destrutivas do extrativismo. A sessão reuniu três especialistas — Braulina Baniwa, Susanna Hecht e Bruno Malheiro — em torno da urgência de repensar o modelo de desenvolvimento amazônico.

A antropóloga Braulina Baniwa, pesquisadora indígena e especialista em gênero, criticou a forma como a academia ocidental marginaliza o conhecimento dos povos originários, chamando suas ciências de “epistemologias” ou “cosmovisões”. Destacou que as mulheres indígenas são as verdadeiras guardiãs da floresta, portadoras de um saber milenar sobre manejo e restauração ambiental, mas também as mais atingidas pela violência de garimpeiros e madeireiros. Defendeu o fortalecimento de fundos comunitários e bioeconômicos geridos por mulheres e a valorização de seus saberes como parte legítima da ciência.

A geógrafa Susanna Hecht, professora da Universidade da Califórnia (UCLA) e criadora do conceito de ecologia política, analisou as relações entre poder, economia e meio ambiente na Amazônia. Citou a “terra preta” indígena como símbolo da sofisticação ecológica dos povos amazônicos e lembrou que a região, lar de quase 40 milhões de pessoas, é vital para o equilíbrio climático global. Hecht ressaltou a importância da Constituição de 1988, que reconhece os direitos ambientais e indígenas, mas advertiu que a efetividade dessas garantias depende da força das instituições de fiscalização. “O desmatamento é um bom indicador de se um Estado está funcionando”, afirmou. Também alertou para as ameaças geopolíticas e econômicas, como a expansão do petróleo nas Guianas, a pressão do agronegócio e o garimpo impulsionado por crises internacionais.

Encerrando a sessão, o geógrafo Bruno Cezar Malheiro (Unifesspa) criticou o “consenso das *commodities*” que domina a política latino-americana, sustentando um modelo de desenvolvimento baseado em monoculturas, mineração e violência no campo. Chamou as grandes obras de infraestrutura na região — estradas, portos e ferrovias — de “engenharias do colapso” e “rotas de sacrifício”, por aprofundarem desigualdades e impactos socioambientais. “A soja empurra o gado, que empurra a madeira, que empurra o garimpo”, resumiu, defendendo circuitos curtos de produção e comercialização e uma reforma agrária que enfrente a concentração de terras.



Os participantes da sessão Amazônia do Futuro: Bruno Malheiro, Susanna Hecht, Braulina Baniwa e Ima Célia Guimarães

A sessão concluiu que não há futuro sustentável para a Amazônia sem justiça social, reconhecimento dos saberes indígenas e ruptura com o modelo extrativista, que continua tratando a floresta e seus povos como recursos a explorar e não como parceiros na construção de um novo paradigma de desenvolvimento.

Sessão Plenária IV: Diversidade Cultural na Amazônia

A quarta plenária foi coordenada pelo líder indígena André Fernando Baniwa. Participaram Auricélia Arapium (CITA), Ivo Macuxi (OAB-RR) e o antropólogo Ruben Oliven (UFRGS, vice-presidente da ABC – Região Sul). O encontro destacou o papel dos povos indígenas como protagonistas na defesa da floresta e da diversidade cultural amazônica.

André Baniwa abriu a sessão refletindo sobre o “fim do mundo” como metáfora do colapso ambiental e moral da humanidade, destacando a resistência histórica dos povos indígenas frente à destruição cultural e ambiental. “As pessoas é que vão acabar, e não o mundo”, lembrou, citando um ensinamento tradicional.

A líder indígena Auricélia Arapium denunciou as violações diárias de direitos, o avanço do garimpo e da mineração em terras indígenas e a ameaça à educação pública indígena, destacando a luta contra o PL 191/2020, que permite mineração em territórios originários. Criticou a invisibilidade dessas lutas e ressaltou que “os povos indígenas enfrentam tentativas constantes de apagamento cultural e violência institucional”.

O advogado indígena Ivo Macuxi, coordenador da Força-Tarefa da Funai na Terra Yanomami, afirmou que não há futuro para a Amazônia sem seus povos. Defendeu o diálogo entre a ciência indígena e a ciência não indígena, com colaboração horizontal e reconhecimento das epistemologias tradicionais. Citou Davi Kopenawa, ao lembrar que a Terra é um ser vivo que “respira e sente”. Ivo também alertou para o alto índice de assassinatos de defensores ambientais — metade deles indígenas — e criticou o marco temporal, que fragiliza direitos territoriais.

Encerrando, o antropólogo Ruben Oliven ressaltou a necessidade de respeitar os povos indígenas como produtores de conhecimento, não como objetos de estudo. Lembrou que o Brasil já reduziu drasticamente sua população indígena no século XX, mas hoje ela cresce e participa ativamente do debate público. Criticou o marco temporal e a ideia de “muita terra para poucos índios”, reforçando que a Constituição garante esses direitos.



Saiba mais sobre a Sessão Plenária IV



Os participantes da sessão Diversidade Cultural na Amazônia: André Baniwa (em pé), Ruben Oliven, Auricélia Arapium e Ivo Cípio Aureliano Macuxi

Também abordou a importância da preservação das línguas e expressões culturais, vendo nelas uma forma de resistência e riqueza nacional.

Durante o debate, o público e os palestrantes discutiram temas como o impacto do crime organizado, avanço da mineração, organização em redes indígenas e efeitos das tecnologias digitais sobre a juventude. Macuxi alertou para o aumento de depressão e suicídio entre jovens indígenas expostos à internet sem mediação cultural, enquanto Oliven destacou que a tecnologia não destrói a identidade, mas reforça a urgência de garantir terras e direitos.

A plenária reafirmou que a diversidade cultural é inseparável da preservação da Amazônia, e que a escuta ativa, o respeito mútuo e a proteção dos territórios indígenas são condições essenciais para um futuro sustentável e plural.

Sessão V: Infraestrutura científica, tecnológica e educacional na Amazônia



Maria Olivia Simão, Emmanuel Tourinho,
Bradley Olsen e Carlos Alfredo Joly

A última plenária da Reunião Magna da ABC 2025 foi coordenada pela bióloga Maria Olivia Simão, ex-presidente da Fapeam, e reuniu o ex-reitor da UFPA, Emmanuel Tourinho, o Acadêmico Carlos Alfredo Joly e o engenheiro Bradley Olsen (MIT). O debate destacou que fazer ciência na Amazônia ainda é um ato de resistência, limitado por falta de políticas públicas estruturantes e desigualdades regionais.

Tourinho afirmou que “a Amazônia é um sucesso de retórica e um fracasso de política pública”, criticando o histórico subfinanciamento da pesquisa no Norte. Destacou que, embora o número de instituições tenha crescido, a infraestrutura científica continua concentrada nas capitais, com os *campi* do interior carentes de investimento e equipamentos.

Simão lembrou que a estruturação do sistema de CT&I na Amazônia é um fenômeno do século XXI, resultado da combinação entre formação de pessoal e criação de centros de excelência, como o Instituto Mamirauá, em Tefé. Defendeu o modelo de universidades *multicampi* como instrumento de inclusão e desenvolvimento regional, apesar das assimetrias ainda persistentes.

O Acadêmico Carlos Alfredo Joly apresentou os avanços do programa Amazônia+10, articulado entre as Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) da região e a Fapesp, com apoio federal e internacional. Desde 2021, o programa já investiu cerca de R\$ 150 milhões em projetos voltados à sustentabilidade e à bioeconomia. Joly antecipou uma nova chamada focada em escalar atividades bioeconômicas sustentáveis e defendeu o fortalecimento da computação de alto desempenho e o apoio a jovens pesquisadores para fixação na região.

Encerrando, Bradley Olsen, do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), compartilhou experiências do programa de cooperação entre o MIT e o Brasil, que inclui pesquisas na Amazônia voltadas a materiais sustentáveis e bioeconomia. Destacou o potencial de aprendizado mútuo e afirmou que “a ideia de agrofloresta é radicalmente nova para

os Estados Unidos”, ressaltando o valor do conhecimento amazônico para inovar em biotecnologia e sustentabilidade global.

A sessão concluiu que o futuro da Amazônia científica depende da continuidade do investimento público, da cooperação internacional e da valorização dos talentos locais, para que a região deixe de ser símbolo de potencial e passe a ser referência concreta em ciência e inovação.

• *Sessões Especiais*

Desafios e interseções entre a Amazônia Urbana e a Saúde na Amazônia

A primeira sessão dos membros afiliados da ABC foi coordenada por Giovana Anceski Bataglion (UFAM) e Fernando Fonseca de Almeida e Val (UEA/FMT-HVD), ambos pesquisadores profundamente ligados à realidade amazônica. Os palestrantes convidados foram Wuelton Monteiro (UEA/FMT-HVD) e Michel de Melo Lima (UEPA).

Abrindo a sessão, Giovana Bataglion, professora de química analítica da UFAM e membra afiliada da ABC (2022–2026), destacou a contaminação das águas urbanas amazônicas como ponto de convergência entre meio ambiente e saúde. Ela relatou que análises laboratoriais vêm detectando altas concentrações de fármacos — analgésicos, antibióticos, hormônios e ansiolíticos — nos igarapés e rios, além de microplásticos e genes de resistência a antibióticos. A precariedade do saneamento básico, especialmente nas capitais e cidades do interior, agrava o problema. Com as mudanças climáticas intensificando secas e inundações, esses contaminantes se espalham com ainda mais facilidade, afetando a biota aquática e a saúde humana.

Bataglion defendeu a atualização dos parâmetros de qualidade da água e a criação de tecnologias de tratamento adaptadas à realidade amazônica: “Precisamos conhecer nossa contaminação para tratá-la adequadamente”.

Em seguida, Fernando Val, que foi membro afiliado da ABC entre 2020 e 2024 e é pesquisador e médico intensivista da Fundação de Medicina Tropical Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), falou sobre as lacunas das políticas públicas de saúde na região. Ele enfatizou que o tratamento clínico de doenças como HIV, covid-19 e tuberculose muitas vezes não é acompanhado de reabilitação física e social, deixando sequelas que comprometem a qualidade de vida dos pacientes. “Estamos tratando doenças, mas não necessariamente restaurando a saúde”, afirmou. Val defendeu uma ciência comprometida com as populações marginaliza-



Michel de Melo Lima, Giovana Bataglion, Wuelton Monteiro e Fernando Fonseca de Almeida e Val

das, e políticas intersetoriais que integrem saúde, ambiente, educação e justiça social, baseadas no diálogo entre ciência e saberes locais.

O médico e pesquisador Wuelton Monteiro (UEA/FMT-HVD), membro afiliado da ABC entre 2017 e 2021, abordou o conceito de Saúde Única, que integra os componentes humano, animal e ambiental. Ele relatou um projeto pioneiro de descentralização do tratamento de acidentes ofídicos em terras indígenas, realizado em parceria com o Ministério da Saúde. A iniciativa formou profissionais locais e permitiu que 14 unidades indígenas passassem a aplicar o soro antiofídico em seus territórios, reduzindo mortes e respeitando os rituais culturais. Monteiro também descreveu um projeto de vigilância epidemiológica comunitária em Tabatinga, que monitora doenças em humanos e animais, aliando práticas laboratoriais à sabedoria tradicional. Concluiu defendendo uma ciência “voltada para ação, cooperação intersetorial e justiça climática”, capaz de compreender que “na natureza não há fronteiras entre vírus, nem separações epistemológicas”.

Por fim, o geógrafo Michel de Melo Lima (UEPA) abordou as “geografias do comum”, conceito que descreve os modos coletivos e solidários de vida nas cidades amazônicas. Ele explicou que esses espaços, formados historicamente por ciclos extrativistas e pela ação do Estado e do capital, convivem com práticas tradicionais de pesca, artesanato, agricultura e uso de plantas medicinais. Essas cidades — como Altamira, Tucuruí e Marabá — são marcadas por conflitos entre a lógica do desenvolvimento e a dos povos que as constroem cotidianamente. Lima denunciou os impactos sociais de grandes projetos (hidrelétricas, hidrovias e mineração), que provocam deslocamentos, desemprego e insegurança alimentar. Para ele, reconhecer essas geografias é essencial para compreender os desafios urbanos e de saúde da Amazônia: “A floresta, o rio e a terra não são recursos — são modos de vida”.

Durante o debate com o público, os participantes discutiram temas como doenças emergentes, animais silvestres domesticados, educação médica sobre animais peçonhentos, biorremediação da água e efeitos das mudanças climáticas nas rotinas de trabalho. As perguntas reforçaram a complexidade das interações entre urbanização, saúde e cultura na região.

Ao final, os coordenadores reiteraram a mensagem central da sessão: enfrentar as crises ambientais, sociais e sanitárias da Amazônia exige reconhecer, respeitar e fortalecer as populações que historicamente a habitam e protegem. Essas comunidades — indígenas, ribeirinhas e urbanas — são guardiãs de saberes essenciais para a sustentabilidade, a saúde coletiva e o futuro da própria floresta.

Amazônia no Futuro, Diversidade Cultural e Infraestrutura

A segunda sessão especial de membros afiliados da ABC reuniu jovens cientistas de diferentes áreas para refletir sobre três grandes temas interligados — Amazônia no Futuro, Diversidade Cultural e Infraestrutura. A sessão foi coordenada pelos Acadêmicos Aurora Miho Yanai Nascimento (engenheira florestal, INPA/UFAM) e Pedro Tupã Pandava Aum (engenheiro de petróleo, UFPA). Criada em 2008 pelo então presidente Jacob Palis, a categoria de membros afiliados reconhece jovens pesquisadores de excelência de todo o Brasil, que após eleito pelos pares permanecem ligados à Academia por cinco anos.

Na abertura, Aurora Yanai destacou que pensar o futuro da Amazônia é pensar em desenvolvimento aliado à preservação. Segundo ela, o desmatamento e a degradação

seguem avançando, impulsionados pela fronteira agropecuária, pela exploração madeireira e pela mineração. A expansão da BR-319 e de suas estradas laterais ameaça ampliar a grilagem e os conflitos fundiários, o que exige decisões firmes para destinar os remanescentes florestais à conservação. Yanai reforçou que é preciso aprender com os povos indígenas, comunidades tradicionais e ribeirinhos, que mantêm uma relação equilibrada e respeitosa com o território.

Seu colega engenheiro Pedro Aum observou que discutir o futuro amazônico implica abordar energia, infraestrutura e diversidade cultural de forma integrada. Professor do curso de Engenharia de Exploração e Produção de Petróleo da UFPA, Aum lembrou que “não dá para falar em exploração de recursos sem considerar a cultura e a infraestrutura necessárias para o desenvolvimento regional”. Para ele, o mérito da reunião da ABC foi justamente aproximar diferentes perspectivas — ambientais, sociais e econômicas — em busca de soluções efetivas e participativas.

A primeira apresentação foi da engenheira agrônoma Sonaira Souza da Silva, professora da Universidade Federal do Acre (UFAC) e colaboradora do *Science Panel for the Amazon (SPA)*. Em sua fala, ela relacionou a ciência ao compromisso social, defendendo que o conhecimento gerado na região deve servir para transformar realidades locais. Nascida e criada no Acre, Sonaira destacou que “a educação transforma vidas” e que as políticas públicas ainda não conseguem responder à gravidade dos problemas ambientais e sociais da região. Embora o Acre apresente índices gerais moderados de desmatamento, alguns municípios já perderam mais de 70% de sua cobertura florestal. Ela lembrou que “a Amazônia é dos amazônidas, é do Brasil, é do mundo — mas precisa, primeiro, ser respeitada por quem está aqui”.

A dimensão cultural foi abordada pelo antropólogo João Paulo Lima Barreto, do povo Yepamahsã (Tukano), cuja mensagem foi apresentada por Aurora Yanai devido à impossibilidade de deslocamento do pesquisador. Barreto explicou que, para os Tukanos, o mundo é composto por dimensões terrestre, florestal, aquática e aérea, interligadas por uma rede de cuidado e reciprocidade entre humanos e seres espirituais — os *waimahsã*. Romper esse equilíbrio por meio da caça, pesca, poluição ou desmatamento é quebrar um pacto ancestral que sustenta a vida. Nessa perspectiva, a sustentabilidade não é medida por metas de carbono, mas pela qualidade das relações entre os seres.

A sessão foi concluída com a fala da professora Claudia Cristina Auler do Amaral Santos, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que analisou a infraestrutura científica,



A segunda sessão de membros afiliados: Pedro Tupã Aum (em pé), Aurora Yanai, Sonaira Souza e Claudia Auler

educacional e tecnológica da Amazônia sob uma perspectiva de futuro. Auler apontou que a região responde por apenas 8,3% das matrículas de ensino superior e 7,3% dos programas de pós-graduação do país. A precariedade é ainda maior nas escolas, onde apenas 64% têm acesso à internet, geralmente instável, e menos de um quarto consegue usá-la para fins educacionais. Nos laboratórios, a situação é crítica: faltam técnicos, equipamentos e manutenção, e os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) operam de forma precária — 75% deles com uma ou duas pessoas. O resultado é um baixo número de patentes e uma taxa alarmante de fuga de cérebros, com apenas 5% dos doutores permanecendo na região após cinco anos.

Apesar do cenário adverso, Auler ressaltou experiências promissoras, como o fortalecimento do NIT da UFT, a criação do Parque de Empreendedorismo, Qualidade Socioambiental e Inovação Tecnológica (PEQI), e a participação no Amazônia+10 e no Pro-Amazônia (FNDCT), programas que visam modernizar laboratórios e valorizar saberes regionais. Para ela, o caminho passa pela formação de profissionais com identidade amazônica, capazes de desenvolver uma ciência feita “por e para os amazônidas”.

Ao final, a sessão reiterou um consenso: o futuro da Amazônia depende da integração entre pessoas, saberes e territórios. Conciliar floresta e desenvolvimento requer políticas de conservação que escutem as populações locais, fortaleçam a infraestrutura científica e valorizem a diversidade cultural. Como sintetizou uma das palestrantes, “infraestrutura científica, tecnológica e educacional não é luxo — é alicerce para qualquer transformação”.

• *Homenagem aos 100 Anos da Visita de Einstein ao Brasil e à ABC*

O último dia da Reunião Magna da ABC, 7 de maio de 2025, celebrou os 100 anos da histórica visita de Albert Einstein ao Brasil com uma conferência especial do físico e historiador da ciência Ildeu de Castro Moreira. Autor de estudos relevantes sobre a memória da ABC e da ciência brasileira de modo geral, Moreira revisitou a passagem do célebre cientista alemão pelo país em 1925 — uma visita que projetou a então jovem Sociedade Brasileira de Ciências, embrião da ABC, no cenário público e jornalístico.

Einstein esteve no Brasil em duas etapas. Na primeira, uma breve parada a caminho da Argentina já foi suficiente para atrair a atenção da imprensa. Encantado com o Jardim Botânico e com a diversidade étnica brasileira, registrou em seu diário impressões elogiosas, incomuns em um período marcado por teorias raciais pseudocientíficas. Moreira destacou que o físico manteve ao longo da vida uma postura crítica ao racismo, citando sua visita à Universidade de Lincoln em 1946 e sua denúncia do preconceito como “a pior doença da América”.

No retorno ao Brasil, após a viagem à Argentina, Einstein teve uma agenda intensa: passou por instituições científicas como o Clube de Engenharia, a Escola Politécnica, o Instituto Oswaldo Cruz, o Museu Nacional, o Observatório Nacional e participou de uma sessão solene na ABC, presidida pelo psiquiatra Juliano Moreira — o primeiro negro a liderar uma academia de ciências no mundo. Na ocasião, Einstein apresentou uma conferência sobre o então controverso “quantum de luz”, antecipando o conceito de fóton. Meses depois, experimentos confirmariam suas previsões.

A visita também rendeu um artigo manuscrito, posteriormente publicado pela Revista da Sociedade Brasileira de Ciências, e uma transmissão na Rádio Sociedade, a primeira



Ildeu de Castro Moreira

rádio do país, criada pela ABC. Nela, Einstein exaltou o papel social da radiodifusão como ferramenta de democratização do conhecimento.

Para Ildeu Moreira, a passagem de Einstein não apenas ampliou a visibilidade da ABC, como ajudou a inspirar uma nova geração de pesquisadores brasileiros a romper com o positivismo dominante e a defender o fortalecimento das instituições científicas nacionais.



Acesse a publicação Einstein na Academia Brasileira de Ciências

• *Encerramento em grande estilo*

O encerramento da Reunião Magna da ABC 2025 foi impactante. O público local foi presenteado com uma apresentação baseada na exposição “Amazônia”, de Sebastião Salgado, mostra imersiva em preto e branco que retrata a beleza, a fragilidade e os povos da floresta amazônica, destacando a urgência de sua proteção. Idealizada por Lélia Wanick Salgado, a mostra passou por Paris, Londres, Belém, São Paulo e pelo Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro.

O próprio fotógrafo elaborou a apresentação feita no encerramento, ao som das Bachianas Brasileiras de Villa Lobos. A sessão não pôde ser filmada nem fotografada – foi uma experiência única e inesquecível, exclusivamente para os presentes no auditório do Museu do Amanhã.

SESSÃO SOLENE

Realizada na noite de 8 de maio, a Sessão Solene da Academia Brasileira de Ciências (ABC) marcou o encerramento da Reunião Magna e reuniu importantes lideranças científicas e autoridades públicas na Escola Naval, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Marinha do Brasil, com apoio da Fundação Conrado Wessel (FCW).

Compuseram a mesa a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader; o ministro interino do MCTI, Luis Fernandes; o comandante da Marinha do Brasil, Marcos Olsen; o presidente do CNPq, Ricardo Galvão; o diretor-presidente da FCW, Carlos Vogt; a presidente da Capes, Denise Pires de Carvalho; a presidente da Faperj, Caroline Alves; a secretária municipal de Ciência e Tecnologia do Rio, Tatiana Roque; e o presidente da SBPC, Renato Janine Ribeiro.



Mesa de abertura da Sessão Solene. Da esquerda para a direita: Tatiana Roque, Denise Carvalho, Ricardo Galvão, Helena Nader, Luis Fernandes, Marcos Olsen, Carlos Vogt, Caroline Alves, Renato Janine



O vice-almirante Othon Pinheiro recebe a Medalha Naval de Serviços Distintos

Entre as distinções e homenagens feitas na ocasião, destacou-se a entrega da Medalha Naval de Serviços Distintos ao engenheiro Othon Luiz Pinheiro da Silva, ex-presidente da Eletronuclear, pelas mãos do almirante Marcos Olsen, em reconhecimento à sua trajetória e às contribuições para o desenvolvimento da tecnologia nuclear brasileira. Formado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Othon foi pioneiro na construção do primeiro reator nuclear projetado no país e na consolidação da autonomia nacional no enriquecimento de urânio.

A filósofa e Acadêmica Marilena Chauí, professora titular da Universidade de São Paulo (USP) e referência internacional em filosofia moderna e política, foi agraciada com o título de Pesquisadora Emérita do CNPq, representada na cerimônia pelo Acadêmico Renato Janine Ribeiro.



O Acadêmico Antonio José Roque recebe o Prêmio Álvaro Alberto

O Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia 2025, a mais alta honraria da ciência nacional, foi entregue ao físico e Acadêmico Antonio José Roque da Silva, professor da USP e diretor-geral do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM). Roque coordena o projeto Sirius, um dos mais avançados aceleradores de partículas do mundo, e lidera o desenvolvimento do projeto Orion, complexo de biossegurança de níveis 3 e 4 voltado ao estudo de patógenos de alto risco. Em seu discurso, destacou a importância de financiamento contínuo e produção de tecnologia nacional, agradecendo ao CNPq e à comunidade científica brasileira.

O presidente do CNPq, Ricardo Galvão, destacou o papel histórico do Conselho no apoio à pesquisa e fez um apelo à valorização da instituição: “Temos que preservar o CNPq, que apoia desde jovens cientistas até pesquisadores seniores. Em tempos de negacionismo, a ciência é nossa melhor defesa.”

Um minuto de silêncio foi realizado em memória dos membros falecidos da ABC em 2024 e 2025, com destaque ao ex-presidente Jacob Palis, que liderou a Academia entre 2007 e 2016 e também presidiu a Academia Mundial de Ciências (TWAS). Helena Nader, Patricia Bozza e Luis Fernandes relembaram seu legado, incluindo a criação das vice-presidências regionais, da categoria de membros afiliados e o fortalecimento das relações internacionais da ABC. “Jacob foi um inovador, sempre pensando no futuro e nos jovens cientistas. Deixou um legado que inspira nossa missão”, afirmou Nader.

• *Posse dos Novos Membros*

Foram diplomados então os novos membros titulares e correspondentes da ABC, representando todas as áreas do conhecimento e instituições brasileiras e estrangeiras. Eleitos na Assembleia Geral de 29 de novembro de 2024, foram apresentados como membros titulares Gauss Moutinho Cordeiro (UFPE) e Maria Eulália Vares (UFRJ), nas ciências matemáticas; Caio Henrique Lewenkopf (UFRJ) e Valdir Barbosa Bezerra (UFPB), nas ciências físicas; Alfredo Mayall Simas (UFPE) e Mauricio da Silva Baptista (USP) nas ciências químicas; Farid Chemale Junior (Unisinos) e Ilana Elazari Klein Coaracy Wainer (USP), nas ciências da Terra; Eduardo Eizirik (PUCRS), nas ciências biológicas; Alexander

Henning Ulrich (USP) e Walderez Ornelas Dutra (UFMG), nas ciências biomédicas; Mitermayer Galvão Reis (Fiocruz/BA) e Sandra Helena Poliselli Farsky (USP), nas ciências da saúde; Elisabete Aparecida De Nadai Fernandes (USP) nas ciências agrárias; André Carlos Ponce de Leon Ferreira de Carvalho (USP) e Augusto Cezar Alves Sampaio (UFPE), nas ciências da engenharia. Marilena de Souza Chaui (USP), eleita na área das ciências sociais, não pôde comparecer.

Como membros correspondentes foram eleitos Armando José Latourrette de Oliveira Pombeiro (ciências químicas, Portugal); Carlos Augusto da Silva Peres (ciências biológicas, Reino Unido); Janice Barbosa de Almeida-Engler (ciências agrárias, França); Juan José Lafaille (ciências biomédicas, EUA); Michael David Taylor (ciências biomédicas, EUA). Yuming Guo (ciências da saúde, Austrália) não pôde estar presente.

Receberam também seus diplomas Cristina Wayne Nogueira (UFMS), Antonio Costa de Oliveira (UFPE) e o argentino Alberto Kornblihtt (UBA), que não haviam comparecido à cerimônia anterior.

A Acadêmica Patricia Torres Bozza (UFRJ) saudou os recém-eleitos, alertando para os ataques recentes à ciência e à educação, inclusive nos Estados Unidos, e conclamou os novos membros ao engajamento ativo: “Mais que uma honra, a eleição para a ABC é um chamado à ação. Com ciência, educação e democracia, podemos construir um futuro mais justo e sustentável.”

O químico Mauricio da Silva Baptista (USP) falou em nome dos novos Acadêmicos, ressaltando a importância da liberdade intelectual, do empreendedorismo científico e da integração entre academia, governo e setor produtivo. Defendeu ainda um modelo de desenvolvimento que concilie produção agrícola e preservação ambiental, e enfatizou que os cientistas devem ser guardiões da ética, da integridade e da liberdade de pensamento.

Os novos membros eleitos para a ABC em 2025



- **Posse da nova Diretoria (2025–2028)**



Helena Bonciani Nader

Durante a cerimônia, a presidente Helena Nader foi reeleita para o período 2025–2028. A nova Diretoria que a acompanhará é composta por Jailson Bittencourt de Andrade (vice-presidente); os vice-presidentes regionais Adalberto Luis Val (Norte), Anderson Stevens Leonidas Gomes (Nordeste e Espírito Santo), Mercedes Maria da Cunha Bustamante (Minas e Centro-Oeste), Patrícia Torres Bozza (Rio de Janeiro), Glaucius Oliva (São Paulo) e Ruben George Oliven (Sul); e os diretores Alvaro Toubes Prata (diretor-tesoureiro), Débora Foguel (diretora-secretária institucional), Luiz Drude de Lacerda (diretor de comunicação), Mariangela Hungria (diretora-secretária geral) e Virgínia Sampaio Teixeira Ciminelli (diretora de cooperação institucional).

Em seu discurso, Nader agradeceu o apoio da diretoria anterior e reafirmou o compromisso da ABC com a defesa da democracia, o fortalecimento do sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação (CT&I), e a promoção da diversidade e da cooperação internacional. “A ciência deve lutar pelo Estado Democrático de Direito, porque só em um ambiente de liberdade, pluralidade e legalidade a pesquisa pode florescer”, declarou. “Em tempos de incerteza, a ciência é nossa bússola. Que esta Academia siga sendo farol, espaço de excelência e voz ativa em defesa do conhecimento.”

O secretário-executivo do MCTI, Luis Manuel Rebelo Fernandes, encerrou a solenidade destacando o papel da ciência na defesa da liberdade acadêmica e da humanidade: “As ameaças à ciência persistem com novas roupagens. Nossa causa deve ser a da convergência, da solidariedade e do entendimento baseado em evidências.”

O evento terminou com um coquetel oferecido pela Fundação Conrado Wessel no Salão Nobre da Escola Naval, celebrando a união entre ciência, sociedade e instituições públicas.

SIMPÓSIOS E DIPLOMAÇÕES DE MEMBROS AFILIADOS

Criada em 2007 pelo então presidente da ABC Jacob Palis, a categoria de membros afiliados foi uma inovação da ABC para reconhecer e estimular jovens talentos científicos em todo o país. Eles são eleitos anualmente pelos pares de cada uma das seis regiões da ABC, cinco de cada uma delas, buscando assim superar as assimetrias regionais.

- **Região Norte**



Em cima: Katia Correa, Adalberto Val, Helena Nader, Philip Fearnside, Maria Teresa Piedade e Patrik Viana. Em baixo: Adriano Quaresma, Layon Oreste, Simone Reis, Carolina Benone, Gabriel Salomão

A diplomação dos novos membros afiliados da Academia Brasileira de Ciências (ABC) para a Região Norte, realizada em 5 de agosto, na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em Santarém, celebrou o ingresso de cinco jovens cientistas eleitos para o quinquênio 2025–2029.

A mesa de abertura contou com Helena Bonciani Nader, a reitora da

Ufopa, Aldenize Xavier, a assessora de Relações Nacionais e Internacionais da Ufopa, Katia Correa, e o vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Val. Correa ressaltou a relevância da Ufopa como polo científico “no coração da Amazônia”, lembrando que, às vésperas da COP30, é essencial que a ciência oriente políticas públicas.

Helena Nader lembrou que a iniciativa de criação da categoria de membros afiliados foi do ex-presidente Jacob Palis, falecido em 2025, e destacou a importância de manter viva sua visão de renovação científica. Ela reafirmou a relação entre ciência e democracia, lembrando que a negação da ciência, como se viu na pandemia, causa danos profundos à sociedade.

Já a reitora Aldenize Xavier defendeu editais específicos para a Amazônia especialmente voltados a jovens pesquisadores e destacou o papel da integração com a educação básica como base de uma academia conectada à comunidade.

Em sua fala, Adalberto Val destacou que “fazer ciência na Amazônia é um ato de resistência”. Reconheceu as limitações de infraestrutura e recursos, mas enfatizou a força intelectual da região: “Faltam políticas de apoio continuado, mas não faltam perguntas relevantes nem talentos brilhantes — e hoje temos aqui cinco deles.”

Adriano Costa Quaresma (Inpa) é ecólogo e pesquisa epífitas e biodiversidade amazônica. Carolina Loureiro Benone (UFPA) é astrofísica e estuda buracos negros. Gabriel Negreiros Salomão (ITV) é geólogo especializado no impacto da mineração e foi participante do programa Ciência sem Fronteiras. Layon Oreste Demarchi (Inpa) é ecólogo e atua junto a comunidades ribeirinhas, pesquisando ecossistemas de campinaria. Simone Matias Reis (UFAC) é ecóloga e estuda a resistência das árvores às mudanças climáticas.

Representando o corpo de afiliados da Região Norte, o Acadêmico Patrik Ferreira Viana celebrou a ampliação da representação amazônica na ABC. “Nossa ciência opera sob condições diferentes dos grandes centros e precisa ter voz. A incorporação de mais cientistas da região é estratégica e necessária.”

Em nome dos novos afiliados, Carolina Benone defendeu o fortalecimento da comunidade científica frente ao avanço da anticiência e à desigualdade de gênero. “A ciência precisa de pluralidade de ideias e visões de mundo para ser realmente transformadora.”

Os Acadêmicos Maria Teresa Piedade e Philip Fearnside foram convidados para apresentar as palestras magnas.

Pesquisadora titular do INPA e presidente do Conselho do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), a ecóloga Maria Teresa Fernández falou sobre os atributos de um bom cientista, refletindo sobre os princípios éticos e profissionais que devem guiar a ciência. Segundo ela, honestidade, objetividade, confiabilidade e responsabilidade são valores indispensáveis para qualquer pesquisador.

Piedade fez um breve histórico da institucionalização da pesquisa biológica no Brasil, lembrando que o fortalecimento da pós-graduação e das agências de fomento, como a Capes e o CNPq, foi decisivo para o crescimento da produtividade científica. Entretanto, manifestou preocupação com o aumento dos custos de publicação em revistas internacionais de acesso aberto, que ameaçam a autonomia da ciência nacional.

A pesquisadora alertou ainda para os impactos ambientais da destruição amazônica, citando a hidrelétrica de Balbina como um caso emblemático de desastre ecológico.

“A maior parte da Amazônia ainda está no escuro em relação à ciência — e pode ser destruída antes de ser conhecida”, advertiu.

Piedade concluiu fazendo um apelo por maior integração entre ciência, sociedade e política, especialmente diante da proximidade da COP30: “Os cientistas precisam ter mais poder decisório. Precisamos estar presentes onde as políticas são construídas”.

Na sequência, o biólogo Philip Martin Fearnside, um dos mais citados do mundo na área de aquecimento global, abordou a crise climática e os riscos da exploração de petróleo na foz do Amazonas. Pesquisador do Inpa desde 1978, Fearnside destacou que as metas do Acordo de Paris já são insuficientes para conter o aquecimento global em 1,5°C — e, mesmo assim, não estão sendo cumpridas. “Se passarmos dos 2°C, teremos desertificação em partes do Brasil e mortalidade massiva causada pelo calor extremo”, alertou.

O cientista explicou que a degradação amazônica já faz com que áreas antes absorvedoras de carbono se tornem emissoras líquidas, contribuindo para um ciclo de colapso climático. Criticou o incentivo à perfuração na margem equatorial, argumentando que “abrir novos poços de petróleo em 2025 é impensável” e lembrando que acidentes como o do Golfo do México (2010) seriam ainda mais devastadores nas condições da foz do Amazonas.

Rebatendo o argumento de que a exploração traria recursos para a transição energética, Fearnside afirmou que menos de 1% da receita global do petróleo é destinada a esse fim. “O risco de apagão energético é fictício; metade do petróleo brasileiro é exportado”, disse. Concluiu sua palestra defendendo que o Brasil assuma uma liderança ambiental global na COP30, em Belém: “Se não mudarmos nossas políticas, as mudanças climáticas sairão do nosso controle — e o Brasil será um dos países mais afetados.”

As palestras de Maria Teresa Piedade e Philip Fearnside deram um tom inspirador e de alerta à cerimônia, reafirmando o compromisso da ABC com a ética científica, a sustentabilidade e a defesa da Amazônia como prioridade estratégica para o futuro do país e do planeta. A cerimônia reafirmou o compromisso da ABC com a formação de novas lideranças científicas na Amazônia — um passo essencial para integrar o conhecimento local aos desafios globais da sustentabilidade.

• *Região Nordeste e Espírito Santo*

A diplomação dos novos membros afiliados da ABC para a Região Nordeste e Espírito Santo (NE&ES) foi realizada em 10 de setembro, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. O evento ocorreu no auditório do Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia (Litpeg) e reuniu autoridades acadêmicas, jovens cientistas e representantes de instituições de fomento.

A cerimônia foi conduzida pelo vice-presidente da ABC, Jailson Bittencourt de Andrade, e pelo vice-presidente regional NE&ES, Anderson Stevens Gomes, com a participação da presidente da Facepe, Maria Fernanda Pimentel Avelar.

Abrindo o evento, Jailson Bittencourt resgatou a história centenária da ABC e homenageou o psiquiatra negro Juliano Moreira, segundo presidente da instituição (1926–1929), pioneiro na luta contra o racismo científico. “A trajetória de Juliano mostra que excelência e coragem caminham juntas”, afirmou.

Maria Fernanda Avelar destacou o papel dos membros afiliados como símbolo de renovação da Academia e reafirmou o compromisso da Facepe com a pesquisa pernambucana. “Estamos ampliando os investimentos e construindo políticas com escuta ativa, voltadas para problemas reais da população”, declarou.

Já Anderson Gomes enfatizou o caráter colaborativo do avanço científico na região. “Estamos vivendo um momento de ‘coopetição’ — quando cooperamos competindo —, e isso tem fortalecido o Nordeste como polo de inovação e conhecimento”, observou.

Cinco jovens pesquisadores foram diplomados para o período 2025–2029, representando a diversidade e a força científica do Nordeste e do Espírito Santo. Cassio Santana Meira (Senai-Cimatec) é biólogo, dedicado ao desenvolvimento de novos medicamentos contra a doença de Chagas e outras doenças inflamatórias. Deysi Wong (UFC) pesquisa os efeitos adversos da quimioterapia e busca biomarcadores para tratamentos mais personalizados e eficazes. Edeildo Ferreira da Silva Jr. (UFAL) é químico medicinal que desenvolve novas terapias antivirais contra zika, dengue e chikungunya. Mônica Felts de La Roca Soares (UFPE) é farmacêutica e atua na inovação e translação do conhecimento científico em medicamentos voltados à saúde pública. Nivan Roberto Ferreira Jr. (UFPE) é cientista da computação, especializado em visualização de dados e análise de fenômenos urbanos complexos.

O afiliado Wanderson Romão (Ifes) foi convidado para saudar os novos colegas. Em discurso positivo e provocativo, defendeu que os jovens cientistas assumam papéis de liderança e explorem também o empreendedorismo científico. “Inovem, se arrisquem, criem *startups* e envolvam seus alunos. É assim que a ciência transforma economias e territórios”, incentivou.

Em nome dos diplomados, Mônica Felts falou emocionada, citando Ariano Suassuna: “A arte não está na ausência do erro, mas na busca da perfeição”. Para ela, a ciência também é essa busca incessante pela verdade. Defendeu o papel dos cientistas como defensores da razão e da soberania nacional, especialmente diante da desinformação. “A ciência é o motor do desenvolvimento social e da igualdade. Investir nela é investir na soberania do país”, concluiu sob aplausos.

Dois Acadêmicos titulares proferiram palestras magnas sobre temas centrais à contemporaneidade científica: inteligência artificial e desinformação científica.

O engenheiro eletrônico André Ponce de Leon Carvalho, pesquisador da Universidade de São Paulo e referência na área de aprendizado de máquina, apresentou um panorama histórico e crítico da evolução da inteligência artificial (IA) ao longo das últimas cinco décadas — desde os primeiros experimentos com *chatbots* e jogos de xadrez até o atual avanço das IAs generativas. “Estamos diante de ferramentas com capacidade de transformação sem precedentes, mas ainda sabemos pouco sobre o que acontece ‘por trás da caixa-preta’ dessas tecnologias”, destacou.

O Acadêmico alertou para os riscos associados à corrida tecnológica global, hoje concentrada nas grandes potências econômicas e em poucas corporações, o que amplia desigualdades e cria novas ameaças. Entre os impactos potenciais, mencionou o uso militar da IA, o crescimento de golpes cibernéticos, a disseminação de notícias falsas com alto realismo, a substituição de empregos e o aumento expressivo do consumo de energia e água para o treinamento de modelos de grande porte — um desafio adicional em meio à crise climática. “O pior risco é a sociedade perder o controle sobre a tecnologia”, alertou.



Acesse o relatório "Desafios e Estratégias na Luta Contra a Desinformação Científica"

Em relação ao Brasil, o diagnóstico foi desanimador. Apesar de ser a 10ª economia mundial e o 13º maior produtor de ciência, o país ocupa apenas o 30º lugar em capacidade tecnológica em IA. Segundo André Ponce de Leon, essa defasagem reflete a baixa cultura de inovação e investimento e um Plano Nacional de IA pouco ambicioso, incapaz de posicionar o país como protagonista. "Temos cérebros brilhantes, mas seguimos exportando talentos por falta de oportunidades. O Brasil não está se preparando para ser competitivo", concluiu.

A segunda palestra foi ministrada pelo físico Glaucius Oliva, vice-presidente da ABC para a Regional São Paulo, que tratou de um tema urgente: a desinformação científica. Sua fala baseou-se no relatório "Desafios e Estratégias na Luta Contra a Desinformação Científica", publicado pela ABC em 2024, resultado do trabalho de um grupo liderado pela afiliada Thaiane Moreira.

Oliva destacou que as plataformas digitais e redes sociais se tornaram o principal terreno para a proliferação de conteúdos falsos, graças a um modelo de negócios que premia o sensacionalismo e cria bolhas de informação. "Essas câmaras de eco reforçam crenças e radicalizam posições, alimentando a desconfiança em relação à ciência", explicou.

O Acadêmico diferenciou os vários tipos de desinformação: desde conteúdos fabricados intencionalmente até os mal-interpretados ou tirados de contexto. Alertou também para formas mais sofisticadas de manipulação, como a *fake science*, que imita o formato de periódicos científicos, e a pseudociência, que se escora em alegações não testáveis. Além disso, apontou o negacionismo e a anticiência como fenômenos politicamente impulsionados, muitas vezes por *lobbies* contrários a consensos científicos sobre temas como a evolução biológica e as mudanças climáticas.

Como estratégias de enfrentamento, Oliva defendeu ações estruturais e educativas. "Precisamos de uma sociedade com letramento científico e digital, capaz de reconhecer a desinformação e reagir a ela", afirmou. Recomendou o fortalecimento de iniciativas de checagem de fatos, o investimento em jornalismo científico universitário e a criação de projetos de ciência cidadã que ajudem a reduzir os "desertos de informação" no país. "Combater a desinformação é um dever coletivo. Ciência, educação e comunicação precisam andar juntas — e alguma forma de regulação também é necessária", concluiu.

A cerimônia, marcada por entusiasmo e compromisso, reforçou o papel da ABC como espaço de convergência entre gerações e regiões, assim como espaço de reflexão sobre o papel da ciência diante dos grandes dilemas contemporâneos.



Anderson Gomes, Glaucius Oliva, Cassio Meira, Monica Felts, Deysi Wong, Nivan Ferreira, Edeildo Ferreira, Jailson Bittencourt, Wanderson Romão e Fernando Veríssimo

• *Região Minas Gerais e Centro-Oeste*

O simpósio regional foi realizado em 3 de setembro de 2025, na Universidade Federal de Goiás (UFG). O evento foi conduzido pela vice-presidente regional da ABC, Mercedes Maria da Cunha Bustamante, e celebrou a excelência e a renovação da ciência brasileira, com a diplomação de cinco jovens pesquisadores de destaque:

Flávia Aburjaile (UFMG) é pioneira em bioinformática na Escola de Veterinária da UFMG e pesquisa bactérias probióticas e multirresistentes, com aplicações em saúde única. Lucas Reis (UFMG), vencedor de olimpíadas de matemática, trabalha com teoria de corpos finitos e suas aplicações tecnológicas. Paulo Vinicius Trevizoli (UFMG) desenvolve motores termomagnéticos voltados ao reaproveitamento de energia térmica. Rafaela Salgado Ferreira (UFMG) utiliza técnicas computacionais e experimentais na descoberta de novos fármacos para doenças negligenciadas. Tiago do Prado Paim (IF Goiano) investiga a genética animal aplicada à produção agropecuária sustentável. Cada um apresentou brevemente suas pesquisas, que refletem a diversidade e o impacto da produção científica da região.

A mesa de abertura contou com Mercedes Bustamante, vice-presidente da ABC para Região MG e CO, Angelita Pereira de Lima, reitora da UFG, e Marcos Fernando Arriel, presidente da Fapeg, que celebrou a parceria da fundação com a ABC, destacando o papel do evento como símbolo de valorização da ciência e da formação de novos líderes.

Angelita de Lima ressaltou a importância da cerimônia para a comunidade científica goiana: “Ser membro da ABC é um marco de responsabilidade. Vocês passam a ser exemplo e inspiração para as novas gerações.”

Marcos Arriel enfatizou o investimento em centros de excelência e em parcerias interinstitucionais — como os novos polos de genética e genômica e o Centro de Inteligência Artificial em Goiás — e lembrou que a ciência é estratégica para o desenvolvimento econômico e social.

Bustamante destacou o legado do Acadêmico Jacob Palis, criador das vice-presidências regionais e da categoria de membros afiliados em 2007. “A ABC é uma centenária que se mantém jovem por causa de vocês. A ciência é nossa bússola e precisa de financiamento prioritário, pois os desafios globais se encontram com os contextos locais”, afirmou.

Na cerimônia de diplomação, o Acadêmico Boniek Gontijo Vaz, membro afiliado eleito para o período 2022–2026, saudou os novos colegas, incentivando-os a aproveitar as oportunidades oferecidas pela Academia, como o Programa Aristides Pacheco Leão e o Prêmio Jacob Palis ABC/Fulbright. “Ser membro da ABC é um passaporte para a ciência. As palavras-chave são conectar e persistir”, declarou.

Em nome dos novos afiliados, Tiago Paim agradeceu a honraria e refletiu sobre o papel da ciência na sociedade contemporânea. “Vivemos um tempo em que os fatos perderam espaço para narrativas. A desinformação é sofisticada e mina a confiança na ciência. Por isso, precisamos trabalhar a comunicação científica para além da bolha acadêmica”, afirmou.

Paim defendeu maior integração entre as áreas do conhecimento e o fortalecimento da inter e transdisciplinaridade, especialmente diante do avanço da inteligência artificial. “A IA pode ser uma aliada para conectar campos científicos antes distantes”, observou.

Encerrando, o pesquisador destacou a necessidade de atrair jovens para a ciência e reformular a didática universitária. “A ciência precisa ser vista como um caminho viável e transformador. Para isso, devemos aproximar o setor acadêmico de toda a sociedade. A ciência é o pilar do desenvolvimento nacional”, concluiu Paim.

O Acadêmico José Alexandre Felizola Diniz Filho, coordenador do INCT em Ecologia, Evolução e Conservação da Biodiversidade, ministrou a Palestra Magna “Os valores da ciência e o delicado equilíbrio entre universalismo, desenvolvimento regional e soberania nacional”.

Felizola traçou um panorama histórico da ciência moderna, que se consolidou no século XVII com apoio estatal, mas manteve por muito tempo uma visão individualista, como a defendida por Karl Popper. A partir do século XX, pensadores como Thomas Kuhn e Robert Merton passaram a entendê-la como uma prática social moldada por contextos políticos e econômicos. Merton estabeleceu os valores centrais da ciência — comunismo, desinteresse, ceticismo organizado e originalidade — princípios que, embora idealizados, ainda orientam a ética científica.

O Acadêmico destacou que a ciência também é instrumento de poder, como observou Francis Bacon, e lembrou que sua expansão histórica está vinculada ao colonialismo e ao capitalismo. Nesse contexto, o Sul Global enfrenta o desafio da soberania científica, pois muitos de seus recursos biológicos e dados ainda são analisados no exterior. Defendeu, portanto, o fortalecimento da pesquisa local e a repatriação de dados, além da descentralização da pós-graduação e do incentivo das fundações estaduais de amparo à pesquisa, como a Fapig, para combater desigualdades regionais.

Felizola também alertou para o avanço da pseudociência e do negacionismo, ressaltando a importância da comunicação científica e da formação de pensamento crítico, em linha com Carl Sagan. “Vivemos uma adolescência tecnológica: temos grande poder científico, mas pouca maturidade para lidar com ele”, afirmou.

Encerrando, defendeu uma ciência guiada por valores éticos e pelo bem comum, capaz de equilibrar ações locais e percepções globais. “A ciência deve servir à humanidade. Devemos pensar globalmente, mas agir regionalmente, com sensibilidade às realidades sociais e culturais”, concluiu.



Tiago Paim, José Alexandre Felizola, Mercedes Bustamante, Lucas Reis, Rafaela Ferreira, Flavia Aburjaile e Paulo Trevizoli

Em resposta a perguntas do público, o Acadêmico destacou que formar novos pesquisadores deve ser prioridade nas universidades. Incentivou a criação de grupos colaborativos, a aproximação com jornalistas e comunicadores científicos, e o uso ético de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, para aprimorar a educação e a divulgação científica. “A comunicação não é apenas mostrar resultados, mas ensinar como a ciência funciona e por que ela importa”, concluiu.

A cerimônia na UFG reforçou o espírito da ABC de promover excelência, diversidade e renovação, fortalecendo a integração entre Minas Gerais e o Centro-Oeste como polos estratégicos da ciência brasileira.

• *Região Rio de Janeiro*

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) realizou, em 16 de setembro de 2025, em sua sede no Rio de Janeiro, o Simpósio e Diplomação dos Novos Membros Afiliados 2025–2029 da Regional Rio de Janeiro. O evento marcou o ingresso de cinco jovens cientistas de destaque, que apresentaram suas pesquisas e compartilharam suas motivações e compromissos com a ciência brasileira.



Mariana Boroni, Tatiana Maron, Vanessa Nascimento, Diana Nóbrega e Luiz Eduardo Baggio

A sessão foi conduzida pela vice-presidente regional da ABC, Patricia Bozza, que homenageou o ex-presidente Jacob Palis, criador da categoria de membros afiliados em 2007. “Esta foi uma ideia visionária que oxigenou a Academia e aproximou a juventude científica dos grandes desafios do país”, afirmou.

Foram diplomadas Diana Sasaki Nóbrega (Uerj), pesquisadora em matemática combinatória; Luiz Eduardo Baggio (UFRJ), imunologista que estuda doenças do sistema nervoso; Mariana Boroni (Inca), bioquímica e pesquisadora em bioinformática aplicada ao câncer; Tatiana Maron (Fiocruz), biomédica dedicada à saúde pública e à formação de jovens cientistas; e Vanessa Nascimento (UFF), química que desenvolve compostos sustentáveis e acessíveis.

Em depoimentos emocionados, os novos afiliados destacaram a importância da ciência como instrumento de transformação social, o compromisso com a formação de novos pesquisadores e a responsabilidade de representar suas instituições e o estado do Rio de Janeiro na Academia.

O evento contou com falas do coordenador de Pesquisa e Inovação do Inca, João Paulo Viola, que destacou que “não há soberania sem ciência forte e independente”, e da presidente da Academia Nacional de Medicina, Eliete Bouskela, também titular da ABC, que celebrou o caráter inspirador da iniciativa. A diretora da ABC Débora Foguel encerrou a mesa, convidando os novos membros a atuarem ativamente em comissões e grupos de trabalho da Academia. “A energia que vocês trazem é essencial para manter o diálogo intergeracional e fortalecer a missão da ABC”, afirmou.

A Acadêmica Thereza Christina Barra Fidalgo, pesquisadora em processos inflamatórios, ministrou a Palestra Magna “O que o funcionamento dos nossos tecidos tem a ver com a ciência?”. Ela comparou o corpo humano ao ecossistema científico, mostrando que ambos dependem de ambientes saudáveis, dinâmicos e interdependentes.

Assim como o meio influencia o comportamento das células, o ambiente acadêmico molda as trajetórias científicas. “O meio faz toda a diferença — é ele que determina se uma célula vai prosperar ou se uma carreira vai florescer”, destacou. Fidalgo defendeu um sistema de ciência e educação baseado em colaboração, plasticidade e adaptação, no qual o conhecimento é construído coletivamente.

A bióloga Priscilla Olsen (UFRJ), membro afiliado desde 2023, saudou os novos colegas, ressaltando o valor do intercâmbio entre gerações e áreas do conhecimento. Falando em nome dos diplomados, Mariana Boroni alertou para a urgência de enfrentar a infodemia e o negacionismo científico. “Nunca se produziu tanta ciência, mas quantidade não é sinônimo de qualidade. Precisamos ser guardiões do rigor e da ética”, afirmou. Ela defendeu uma ciência mais comunicativa, interdisciplinar e comprometida com políticas de Estado. “Formamos mais de um milhão de mestres e doutores em 30 anos — cada um deles é uma oportunidade de desenvolvimento para o país”, concluiu.

A cerimônia reafirmou o papel da ABC como promotora da renovação e da diversidade na ciência brasileira, e destacou o engajamento dos jovens pesquisadores do Rio de Janeiro em construir uma ciência ética, inclusiva e transformadora.

• *Região São Paulo*



*Ingrid Barcelos, Fausto Almeida, Glaucius Oliva,
Juliana Bernardes, Bruno Gualano e
Fernando Cunha*

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (FMUSP-RP) sediou, em 9 de outubro de 2025, o Simpósio e Diplomação dos Membros Afiliados da ABC da Região São Paulo (2025-2029). O evento reuniu jovens cientistas recém-eleitos — Bruno Gualano (USP), Fausto Bruno dos Reis Almeida (USP-RP), Ingrid David Barcelos

(Unicamp), Juliana da Silva Bernardes (Unicamp) e Lucas William Mendes (Cena/USP) — para a apresentação de seus trabalhos e reflexões sobre o papel da ciência no país.

O vice-presidente regional da ABC, Glaucius Oliva, abriu a cerimônia ao lado da vice-diretora da FMRP/USP, Marisa Mussi, destacando o momento delicado da ciência brasileira, marcado por cortes de recursos e pela difusão de desinformação. “Vivemos um período de negacionismo e de ataques à razão científica — de terraplanismo à negação das mudanças climáticas e da evolução biológica”, alertou.

Oliva citou um dado alarmante divulgado pelo CNPq no dia anterior: de 8.700 solicitações de bolsas de pós-doutorado, apenas 660 foram aprovadas, “não por falta de mérito, mas

por falta de financiamento”. Reforçou que os membros titulares e afiliados da ABC têm a missão de “restabelecer os marcos civilizatórios” e promover o valor da ciência para o desenvolvimento humano e social.

O Acadêmico Carlos Menck, professor do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, proferiu a palestra magna “A evolução é fato: a teoria da evolução tem sido demonstrada nos últimos 165 anos”. Menck é autor e organizador do livro da ABC “A Evolução é Fato”, publicado para combater a desinformação científica nas redes sociais.

O pesquisador contou que a obra, idealizada pela presidente Helena Nader, reúne 22 capítulos escritos por 28 cientistas de diferentes áreas, apresentando evidências da biologia molecular, paleontologia, geologia e astronomia. “A evolução é mais que uma teoria sobre a origem das espécies; é o alicerce da biologia e influencia a medicina, a saúde pública e a compreensão da vida”, afirmou, citando o prefácio de Nader. O livro rejeita categoricamente o criacionismo e o design inteligente como explicações científicas.

Os novos membros afiliados foram apresentados como exemplos da vitalidade e diversidade da ciência paulista. Bruno Gualano (USP) estuda o impacto de estilos de vida na saúde e coordena projetos no Hospital das Clínicas voltados à promoção de hábitos saudáveis. Fausto Almeida (FMRP/USP) investiga interações entre patógenos e o corpo humano, buscando novos alvos terapêuticos em doenças fúngicas. Ingrid Barcelos (LNLN/Unicamp) pesquisa materiais ultrafinos que controlam a luz em escala nanométrica. Juliana Bernardes (LNNano/CNPq) desenvolve nanomateriais biodegradáveis a partir de resíduos agrícolas. Lucas Mendes (Cena/USP) estuda microrganismos e ecossistemas para promover agricultura sustentável e recuperação ambiental.

O Acadêmico Fernando Cunha, professor titular da FMRP/USP, saudou os novos afiliados refletindo sobre a evolução do papel da universidade. De guardião do conhecimento no século XIX, passou a motor da inovação e do desenvolvimento econômico no século XX. “A ciência cria benefícios universais, enquanto a tecnologia os transforma em progresso local”, afirmou. Cunha defendeu a interdisciplinaridade e a cooperação entre ciência, tecnologia e setor produtivo: “A tecnologia precisa da ciência, e trabalhar junto é a melhor maneira”.

Encerrando a cerimônia, Bruno Gualano falou em nome dos diplomados. Criticou o impacto das redes sociais na percepção pública da ciência: “Vivemos uma crise da verdade, em que apelos emocionais suplantam fatos objetivos. A lógica digital sequestrou a racionalidade”.

Segundo Gualano, a ciência é “lenta, baseada em evidências e sensível à refutação — o oposto do imediatismo digital”. Defendeu educação científica, currículos críticos e políticas baseadas em evidências como caminhos para reconstruir a confiança social. “É nesse embate pelo projeto de nação que o cientista cumpre sua principal função ético-política: contribuir para a emancipação crítica da sociedade”, afirmou.

A cerimônia encerrou reafirmando o compromisso da ABC com a excelência científica, a liberdade acadêmica e a defesa da razão e da democracia no Brasil.

- *Região Sul*

No dia 30 de outubro, foi realizado no Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, o simpósio e diplomação dos membros afiliados da ABC da Região Sul referente às turmas de 2024-2028 e 2025-2029. A cerimônia, adiada no ano anterior devido às enchentes no estado, marcou o reconhecimento de dez jovens cientistas de destaque em diferentes áreas do conhecimento, eleitos para integrar a ABC por cinco anos.

Participaram da mesa de abertura o vice-presidente da ABC para a Regional Sul, Ruben Oliven, a reitora e Acadêmica Márcia Barbosa (UFRGS), o diretor técnico-científico da Fapergs e Acadêmico Rafael Roesler, e a professora Maria Luiza Saraiva Pereira, representando o pró-reitor de Pesquisa da UFRGS, o Acadêmico Flávio Kapczinski. Oliven destacou que o programa de Membros Afiliados, criado em 2007, tem renovado a Academia com novas ideias e energia. Barbosa classificou o evento como “um dia de festa para o conhecimento brasileiro” e ressaltou a importância da transdisciplinaridade e da cooperação científica para enfrentar os desafios ambientais e sociais.

Roesler contou que integrou a primeira turma de afiliados da ABC e enfatizou o papel da Fapergs no fortalecimento da ciência gaúcha, citando o investimento de R\$ 30 milhões em projetos sobre emergências climáticas, inspirados em modelos internacionais de resposta a desastres. A professora Maria Luiza Pereira defendeu a necessidade de inovação e criatividade para além dos modelos tradicionais de pesquisa.

Foram diplomados na ocasião dez jovens cientistas de excelência, que mostraram a pujança da ciência sulista. A farmacêutica Cristiane Luchese (UFPEL) estuda moléculas que podem proteger o cérebro de doenças como Alzheimer e depressão; o psiquiatra Ives Cavalcante Passos (HC-UFRGS) busca personalizar o tratamento de transtornos mentais com IA; a bioquímica Jade de Oliveira (UFRGS) pesquisa a relação da obesidade com neuropatologias; o médico Jonas Saute (HC-UFRGS) estuda doenças neurogenéticas que afetam o sistema motor; o veterinário José Reck Júnior (IPVDF) estuda doenças causadas por carrapatos; a bióloga Luciana Tovo Rodrigues estuda a relação de fatores genéticos com a saúde mental; o astrofísico Rafael da Costa Nunes (UFRGS) estuda fenômenos cósmicos para compreender o Universo; a estatística Renata Rojas Guerra (UFSM) transita entre as ciências exatas, naturais e sociais; o veterinário Ulisses de Pádua Pereira é especialista em patógenos de peixes; a bióloga Vanessa Galli (UFPEL) trabalha por uma agricultura mais produtiva e sustentável.

Na cerimônia de diplomação, a Acadêmica Elisa Orth (UFPR), membra afiliada da ABC do período 2021–2025 e secretária-geral da Sociedade Brasileira de Química, compartilhou sua experiência de diplomação virtual durante a pandemia e destacou que “ser afiliado é mais do que um título — é uma responsabilidade de representar, inspirar e agir pela ciência brasileira”.

Em nome dos diplomados, Luciana Tovo Rodrigues (2024) e Vanessa Galli (2025) agradeceram à ABC e defenderam uma ciência plural, ética e inclusiva, com ênfase na representatividade das mulheres, na divulgação científica e na transformação do conhecimento em políticas públicas e inovação social. “Fazer parte da ABC é aceitar o chamado para defender a ciência em tempos difíceis e transformar o conhecimento em desenvolvimento humano e social”, afirmou Luciana Rodrigues. Galli completou

destacando o papel coletivo dos jovens cientistas: “Queremos contribuir para uma ciência diversa, colaborativa e capaz de impactar a vida das pessoas.”

As palestras magnas foram ministradas pelos Acadêmicos Aldo Zarbin (UFPR), que apresentou seus avanços em nanoarquiteturas para baterias transparentes e sustentáveis, e Jefferson Cardia Simões (UFRGS), que abordou a glaciologia e o registro das mudanças climáticas no gelo polar.

Zarbin é químico, professor da Universidade Federal do Paraná e líder do Grupo em Química dos Materiais. Ele apresentou baterias sustentáveis sem o uso de lítio, substituído por sódio ou potássio — elementos abundantes, baratos e menos agressivos ao meio ambiente.

Segundo Zarbin, a pesquisa combina diferentes materiais em nanoescala para gerar propriedades inéditas, como transparência, flexibilidade e estabilidade. O desafio é produzir estruturas tão finas que deixem passar a luz visível, sem comprometer o desempenho. O resultado foi inédito: a primeira bateria aquosa, transparente, flexível, estável, recarregável e de sódio já relatada na literatura científica.

O trabalho, realizado com tecnologia 100% brasileira e financiamento público, foi capa da revista *Sustainable Energy & Fuels*, da *Royal Society of Chemistry*, destacando-se como um avanço estratégico em energia limpa e inovação de base universitária.

O glaciologista Jefferson Cardia Simões, professor da UFRGS, coordenador do INCT da Criosfera e integrante do Proantar, explicou como o gelo da Antártica e da Groenlândia funciona como arquivo natural da atmosfera terrestre. Cada camada de neve acumulada preserva bolhas de ar e partículas que permitem reconstruir a história climática e química da atmosfera ao longo de centenas de milhares de anos.

Enquanto projetos europeus já perfuram até 4 km de gelo, recuperando registros de um milhão de anos, os estudos brasileiros atingem profundidades de cerca de 150 metros, suficientes para analisar o período desde a Revolução Industrial. A análise de isótopos



Aldo Zarbin, Ives Passos, Ruben Oliven,
Jorge Guimarães, Elisa Orth, Vanessa Galli,
Jade de Oliveira e Jonas Saute

estáveis e partículas aprisionadas permite detectar variações de temperatura e níveis de poluição, incluindo vestígios de erupções vulcânicas e metais usados no Império Romano.

O dado mais alarmante, destacou Simões, é a concentração de gás carbônico, que subiu de 300 ppmv em 1960 para 430 ppmv atualmente — 50% acima de qualquer pico dos últimos 800 mil anos. “Se chegarmos a 500 ppmv, teremos pelo menos 2°C de aquecimento garantido”, alertou o Acadêmico, enfatizando a urgência de reduzir emissões e de fortalecer a pesquisa polar brasileira como ferramenta estratégica para compreender e mitigar as mudanças climáticas.

ATIVIDADES COM INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

• *Vozes da Ciência: Contribuições para a ENCTI 2026–2035*



*Vozes da Ciência: Contribuições
para a ENCTI 2026–2035*

Nos dias 22 e 23 de maio, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizaram o seminário virtual “Vozes da Ciência: Contribuições para a Estratégia Nacional e Plano Decenal de CT&I 2026–2035”, que reuniu especialistas de diversas instituições para consolidar as recomendações da 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CNCTI). O encontro reforçou a urgência de transformar o conjunto de propostas do Livro Violeta em uma estratégia nacional integrada de ciência, tecnologia e inovação, com metas, financiamento estável e governança efetiva.

Na abertura, a ministra Luciana Santos anunciou a criação de um grupo de trabalho interministerial encarregado de elaborar a nova Estratégia Nacional de CT&I — compromisso considerado por participantes como o principal resultado do evento.

Entre as principais recomendações está o fortalecimento da ciência básica, com aumento dos recursos não reembolsáveis do FNDCT, ampliação dos editais universais e valorização dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs). Também foi defendida a criação de novos fundos setoriais, com contribuição de setores econômicos como o agronegócio e o sistema financeiro, e a expansão de centros de pesquisa interioranos, que reduzam as desigualdades regionais e estimulem a fixação de cientistas fora dos grandes centros. Outro ponto central é a diversificação do sistema universitário, com novas instituições públicas voltadas exclusivamente ao ensino e à formação técnica, de modo a ampliar o acesso ao ensino superior de qualidade.

A valorização dos saberes tradicionais e a integração entre ciência moderna e conhecimentos indígenas, quilombolas e ribeirinhos foram temas de destaque, com ênfase na criação de plataformas que integrem dados científicos e comunitários e na formulação de políticas de pagamento por serviços ambientais. Também se propôs fortalecer a formação acadêmica e a representatividade de grupos historicamente excluídos, reconhecendo direitos autorais e territoriais das comunidades.

A sustentabilidade das unidades de pesquisa do MCTI foi outro ponto sensível: defendeu-se uma coordenação mais forte e autonomia de gestão, com políticas específicas de contratação e maior articulação com universidades e empresas. Na formação de recursos humanos, os debatedores apontaram a necessidade de reajustar bolsas de pós-graduação, combater assimetrias regionais e aproximar a pós-graduação do setor produtivo, favorecendo a inovação e a criação de *startups* tecnológicas dentro das universidades.

Os painéis sobre mudanças climáticas e neindustrialização destacaram o potencial do Brasil em energias renováveis, bioeconomia e descarbonização, mas alertaram para a urgência de investir em pesquisa aplicada regionalizada, voltada às especificidades dos biomas. A ciência, afirmaram, deve orientar políticas de transição ecológica e produtiva, fortalecendo o complexo industrial da saúde e estimulando empregos sustentáveis.

A integração entre ciência, políticas sociais e combate às desigualdades foi tratada como prioridade. Defendeu-se a atuação articulada entre saúde, educação e assistência social, com o Sistema Único de Saúde (SUS) como protagonista na geração de conhecimento e inovação. Por fim, a comunicação pública da ciência foi apontada como ferramenta essencial para enfrentar a desinformação e aproximar a população das instituições científicas, com propostas de criação de um plano nacional de popularização da ciência, valorização de professores e regulamentação dos algoritmos das redes sociais para garantir transparência e controle sobre a disseminação de conteúdo falso.

O seminário concluiu que a ciência deve ocupar o centro do projeto nacional de desenvolvimento, unindo soberania tecnológica, sustentabilidade ambiental e inclusão social. As propostas da ABC e da SBPC serão encaminhadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) como base para a formulação da Estratégia Nacional e do Plano Decenal de CT&I 2026–2035.

Dentre os 33 integrantes das mesas, estavam 16 Acadêmicos: Ado Jório de Vasconcelos (UFMG), Aldo Zarkin (UFPR), Álvaro Prata (Embrapii), Ana Tereza Vasconcelos (SBPC), Anderson Gomes (CGEE), Denise Pires de Carvalho (Capes), Helena Bonciani Nader (ABC, Unifesp), José Roque (CNPq), Luiz Davidovich (UFRJ), Márcia Barbosa (UFRGS), Mercedes Bustamante (UnB), Patrícia Muniz de Medeiros (Ufal), Paulo Artaxo (SBPC), Renato Janine Ribeiro (SBPC), Ricardo Galvão (CNPq) e Samuel Goldenberg (Fiocruz).

Após o evento, foram avaliados avanços e desafios do debate. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, enfatizou que o seminário teve como propósito “reativar o debate sobre o papel estratégico da ciência” e reafirmar a necessidade de retirar ciência e educação dos limites do arcabouço fiscal. Segundo ela, o Brasil vive uma fase em que “a ciência não está sendo ouvida nos debates nacionais”, e decisões cruciais, como as recentes alterações no licenciamento ambiental, são tomadas sem respaldo técnico. “O agronegócio e o mercado financeiro parecem esquecer que sua própria prosperidade depende da ciência. Já existe conhecimento suficiente para ampliar a produtividade agropecuária sem desmatamento”, alertou.

Nader também criticou a falta de diálogo entre os ministérios e a comunidade científica, citando o risco de contratações para unidades de pesquisa do MCTI por meio do Concurso Nacional Unificado, modelo que desconsidera as especificidades do trabalho científico. Para ela, o Brasil precisa definir áreas prioritárias de inovação e investir fortemente na pesquisa sobre biodiversidade, um campo estratégico em que o país pode liderar globalmente.

O Acadêmico e ex-ministro de CT&I Sergio Machado Rezende, secretário-geral da 5ª CNCTI, comemorou o anúncio do grupo de trabalho como “a notícia mais importante do evento”. Ele defendeu que a Estratégia Nacional seja elaborada de forma colaborativa e multissetorial, com base nas 145 recomendações do Livro Violeta e em planos anteriores ainda não implementados. Rezende explicou que a estratégia define prioridades e diretrizes, enquanto o plano deve estabelecer metas e orçamentos periódicos. Reiterou ainda a meta de elevar o investimento total em ciência a 2% do PIB, com maior participação

do setor privado, e reforçou a importância de ampliar os recursos não reembolsáveis do FNDCT. O ex-ministro também abordou a crise orçamentária das universidades, lembrando que “o presidente Lula sempre foi um apoiador da educação pública e precisa garantir sua recomposição orçamentária”.

O vice-presidente da ABC para a Regional Nordeste & Espírito Santo, Anderson Gomes, que atuou como secretário-geral adjunto da 5ª CNCTI, ressaltou que o plano precisa ser independente dos governos de turno, garantindo estabilidade e continuidade. Para ele, a retirada da ciência e da educação do teto de gastos é condição essencial para o país avançar. “Se quisermos estar, daqui a 30 anos, onde a China está hoje, temos que começar a fazer agora o que eles fizeram há três décadas”, afirmou. Gomes destacou a necessidade de recuperar a infraestrutura científica nacional e interiorizar os investimentos em pesquisa e formação de recursos humanos, além de propor a criação de novos fundos setoriais financiados por setores como o agronegócio e o sistema financeiro.

Em tom de urgência, o físico lembrou que “a última Conferência Nacional havia ocorrido há 14 anos” e que o país não pode perder mais tempo. “Um plano de ciência e tecnologia precisa ser de Estado, não de governo. Em dez anos, uma geração inteira pode se perder se não agirmos agora”, concluiu.

O evento consolidou um consenso entre os participantes: sem uma estratégia nacional robusta, estável e participativa, o Brasil continuará distante do protagonismo científico e tecnológico que sua capacidade e diversidade permitem alcançar.

• *Seminário Eliezer Barreiro: o Arquiteto da Química Medicinal Brasileira*



Seminário Eliezer Barreiro: o Arquiteto da Química Medicinal Brasileira

No dia 23 de maio de 2025, a ABC e o Laboratório de Avaliação e Síntese de Substâncias Bioativas (Lassbio/UFRJ) realizaram um seminário em homenagem ao Acadêmico Eliezer Jesus de Lacerda Barreiro, pioneiro da química medicinal no país. O encontro reuniu colegas, ex-alunos e admiradores para celebrar sua trajetória científica e humana, bem como refletir sobre o futuro da pesquisa farmacêutica nacional. A abertura contou com o Acadêmico Vitor Francisco Ferreira, Débora Foguel, diretora da ABC, e Fernando de Carvalho da Silva, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Química (SBQ), além de mensagem em vídeo da presidente da ABC, Helena Nader, que destacou seu legado ético e científico.

Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) nos anos 1960 e engajado no movimento estudantil, Barreiro doutorou-se em química médica pela Universidade



Participantes do simposio Eliezer Barreiro

Joseph Fourier (França), colaborou na estruturação da pós-graduação em química da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e tornou-se referência na organização de redes cooperativas de pesquisa. Na SBQ, exerceu papel central, presidindo a entidade e contribuindo para a criação da Revista Virtual de Química. Foi também idealizador do Instituto do Milênio e do INCT Inofar, reunindo mais de 100 pesquisadores e 34 grupos de pesquisa em um esforço nacional inédito.

De volta à UFRJ, criou o Lassbio, responsável por mais de 2.000 substâncias bioativas e por diversas patentes, defendendo a importância de o Brasil desenvolver fármacos com identidade nacional — “fármacos que falem português” — como caminho para a soberania científica. Também se destacou como educador, fundando a Escola de Verão em Química Farmacêutica e Medicinal, hoje em sua 31ª edição, um espaço reconhecido pela formação de novas gerações. Depoimentos de colegas como a Acadêmica Vanderlan Bolzani e Antônio Carlos Carreira Freitas, além de relatos de ex-alunos, ressaltaram sua generosidade, ética e compromisso com a formação humana, aspectos tão marcantes quanto sua produção científica. O seminário enfatizou ainda sua atuação na popularização da ciência e na aproximação entre universidade e indústria farmacêutica — colaborando com empresas como Eurofarma e Cristália — sempre defendendo que não há inovação sem universidade.

Com mais de 300 artigos, dezenas de patentes, livros, prêmios e centenas de orientações, Barreiro foi membro da ABC, professor emérito da UFRJ, Comendador e Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e Doutor Honoris Causa da Univasf. Sua esposa Lidia Moreira Lima e seu filho Matheus Barreiro lembraram seu lado afetivo, crítico e profundamente comprometido com o Brasil. Sua herança ultrapassa descobertas científicas: traduz-se em um modelo de dedicação à ciência, à educação e ao país, reafirmado por sua própria convicção de que caberia às novas gerações “buscarem suas próprias fronteiras”.

• *Rubin First Look: lançamento global das primeiras imagens do super telescópio*

Em 23 de junho, a ABC, em parceria com o Laboratório Interinstitucional de e-Astronomia (LIneA), sediou o lançamento brasileiro das primeiras imagens do telescópio do Observatório Vera C. Rubin, no Chile, parte de uma mobilização global com mais de 300 eventos. A diretora da ABC, Débora Foguel, destacou que a ciência fundamental é um compromisso entre gerações, enquanto o diretor do LIneA, Luiz Nicolaci, lembrou os 25 anos de construção do projeto e o alcance internacional do *Legacy Survey of Space and Time (LSST)*, que reúne 43 grupos de 28 países. A participação brasileira incluiu contribuições *in-kind* estimadas em US\$ 7,2 milhões. O telescópio, equipado com a maior câmera digital do mundo, de 3200 megapixels, produzirá imagens diárias transmitidas a centros de dados nos Estados Unidos, França, Reino Unido e a dez Centros Independentes de Acesso a Dados (IDACs), incluindo o IDAC-Brasil, operado pelo LIneA. Nicolaci enfatizou que os dados só podem ser acessados via IDACs, que também farão o processamento, e destacou a necessidade de apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) para garantir o compromisso internacional assumido.

O físico Rogério Rosenfeld (IFT-Unesp, ICTP-SAIFR, LIneA), coordenador do grupo brasileiro no LSST (BPG), explicou que o Brasil reúne 120 pesquisadores de 22 instituições, atuando em oito eixos científicos: energia escura, estrutura da Via Láctea, sistema solar,



Assista aqui a transmissão do evento em Washington e veja as primeiras imagens capturadas pelo telescópio

Público assistindo a transmissão do evento em Washington e vendo as primeiras imagens capturadas pelo telescópio



galáxias, lentes gravitacionais, estrelas variáveis, fenômenos transitórios e estatística e informática. A liderança inclui a Acadêmica Thaisa Storchi Bergmann, a ex-afiliada Ana Chies e o ex-afiliado Rogério Riffel.

Pesquisadores destacaram contribuições específicas: Felipe Braga-Ribas (UTFPR) no mapeamento do Sistema

Solar; Bruno Moraes (UFRJ) no estudo da energia escura; Riccardo Sturani (IFT-Unesp) em ondas gravitacionais; e Daniel de Oliveira (UFF) no desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial para o IDAC-Brasil.

O evento também recordou a astrônoma Vera Rubin, pioneira na descoberta da matéria escura, cujo legado inspira o principal observatório de varredura do céu da atualidade. O lançamento reforçou a inserção internacional da ciência brasileira e o potencial transformador do LSST para explorar desde o Sistema Solar até o cosmos profundo.

- ***Workshop “Fortalecendo parcerias equitativas de longo prazo para ampliar cooperações internacionais”***

No dia 1º de julho, a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, participou do workshop “Fortalecendo parcerias equitativas de longo prazo para ampliar cooperações internacionais”, promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com financiamento da British Academy e apoio do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), na sede da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Em sua fala, Nader criticou a falta de continuidade do financiamento à ciência no Brasil, destacando que a dependência do FNDCT e o alto percentual de recursos reembolsáveis inviabilizam o planejamento de longo prazo. “Os recursos discricionários do MCTI desapareceram e o orçamento do CNPq é pífio. Não há como planejar cooperações internacionais com base em soluções”, afirmou.

A presidente também lamentou a decisão da Câmara dos Deputados de derrubar a proposta que excluía a pesquisa científica do arcabouço fiscal, observando que o país caminha na contramão das nações que apostam em ciência como vetor de desenvolvimento. Comparando com a China, país que visitou recentemente, Nader ressaltou que o sucesso chinês resulta de investimentos maciços e descentralizados em educação e ciência, o que gerou “desenvolvimento equitativo e redução da migração interna”.

Defendendo uma estratégia semelhante, propôs a criação de um “Ciência Sem Fronteiras interno”, voltado à mobilidade e cooperação entre instituições brasileiras. Destacou ainda o Programa Capes-Global.Edu, que promove parcerias internacionais, mas defendeu que o Brasil amplie a colaboração com outros países do Sul Global, especialmente América Latina e África. “Um estudo da Capes com a Elsevier mostrou que artigos feitos com

parceiros latino-americanos têm maior impacto do que os com EUA ou Europa. O Brasil precisa olhar mais para o seu entorno”, enfatizou.

Nader também abordou entraves regulatórios e burocráticos que inibem a inovação. Embora reconheça avanços com o Marco Legal de CT&I, criticou a falta de aplicação prática: “Temos boas leis, mas falta coragem para aplicá-las. Continuamos presos a regulações impeditivas”. Segundo ela, o ambiente científico precisa ser mais interdisciplinar e menos compartimentalizado, superando a cultura de “gavetas e comitês excessivamente restritivos”.

Encerrando sua participação, Nader defendeu um plano de Estado para a ciência, com diretrizes de longo prazo e integração entre universidades, governo e setor produtivo. “A colaboração científica é o caminho para um mundo mais justo, sustentável e interconectado”, concluiu.

• **ABC na 77ª Reunião Anual da SBPC**

A 77ª Reunião Anual da SBPC foi realizada em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, entre os 13 a 19 de julho, com grande participação de Acadêmicos e parceria com a Academia Brasileira de Ciências em diversos debates. Seguem alguns destaques.

Um olhar sobre o futuro do ensino superior brasileiro

A mesa-redonda realizada no dia 15 de julho reuniu a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, os Acadêmicos Aldo Zarbin e Rodrigo Capaz, além do diretor de Relações Internacionais da Capes, Rui Oppermann. O debate teve como foco o documento publicado pela Academia Brasileira de Ciências em 2024, com propostas para ampliar e diversificar o ensino superior público no país.

Coordenador da mesa, Aldo Zarbin, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), apresentou as motivações do Grupo de Trabalho (GT) da ABC. Rodrigo Capaz, doutor em física pelo Instituto de Tecnologia de Massachusets (MIT) e professor da UFRJ, expôs um diagnóstico preocupante: apenas 23% dos brasileiros entre 25 e 34 anos possuem ensino superior e só 22% dos matriculados estudam em universidades públicas. “Hoje, apenas 5% dos jovens cursam o ensino público superior — um sistema ainda elitizado”, observou.

Capaz defendeu a criação de novas instituições públicas de caráter tecnológico e comunitário, semelhantes aos *community colleges* norte-americanos, com cursos curtos e alta empregabilidade. Ele destacou três eixos centrais das recomendações do GT: recuperar a infraestrutura das universidades públicas e combater a evasão com novas dinâmicas de ensino; ampliar a oferta de educação a distância (EaD) pública e de qualidade; criar novos tipos de instituições federais, articuladas a universidades e institutos já existentes. A ABC propõe ainda a criação de um grupo de trabalho no Ministério da Educação para detalhar a proposta e iniciar um projeto-piloto.



Workshop “Fortalecendo parcerias equitativas de longo prazo para ampliar cooperações internacionais”



Um olhar sobre o futuro do ensino superior brasileiro

Rui Oppermann, Helena Nader, Rodrigo Capaz e Aldo Zarbin



Acesse a publicação da ABC

A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, professora e pesquisadora da Unifesp, destacou a urgência de aproveitar a janela demográfica das próximas duas décadas. “Depois disso, teremos mais idosos que jovens — e um país que não investe em inovação se torna dependente”, alertou.

Nader apontou o exemplo da Universidade Federal do ABC, idealizada pelo Acadêmico Luiz Bevilacqua, como modelo de inovação acadêmica e destacou a necessidade de formar mais profissionais com ensino superior e pós-graduação. Segundo ela, a inovação brasileira ainda é concentrada em poucas empresas, como Vale, Petrobras e WEG, enquanto a economia permanece dependente de commodities.

Para mudar esse quadro, defendeu a criação dos Centros de Formação de Recursos Humanos em Áreas Estratégicas (CFAEs), voltados à formação interdisciplinar em áreas como bioeconomia, transição energética, saúde e inteligência artificial. O projeto pedagógico prevê flexibilidade curricular, integração entre ensino presencial e EaD, e estímulo à criação de startups e *spin-offs*. Helena enfatizou que a proposta da ABC não retira recursos das universidades federais — busca expandir o sistema público com novas instituições. E, de forma pessoal, sugeriu “taxar os bancos para criar um fundo para a educação”.

Fechando o painel, Rui Oppermann, diretor de Relações Internacionais da Capes, apresentou o olhar da agência sobre a pós-graduação. Ele reconheceu o avanço do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), mas apontou desigualdades regionais e baixa integração com a sociedade. O novo Plano Nacional de Pós-Graduação 2025-2029 propõe combater assimetrias, fortalecer a equidade, ampliar o fomento e promover maior interação com o setor produtivo.

Para Oppermann, o modelo de internacionalização precisa evoluir: “A mobilidade acadêmica deve dar lugar à cooperação estratégica institucional, especialmente com países do Sul Global.” Ele concluiu ressaltando que investimento não é apenas orçamento, mas planejamento articulado e visão de desenvolvimento.

O encontro evidenciou o consenso entre os participantes: a transformação do ensino superior brasileiro passa por diversificação institucional, fortalecimento da ciência e inovação, e políticas públicas que deem escala e equidade ao acesso à educação.

O Plano Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: rumo a uma estratégia de Estado



O Plano Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: Rumo a uma estratégia de Estado

Em 16 de julho, uma mesa-redonda reuniu importantes vozes da política científica brasileira para debater a consolidação de políticas de CT&I com participação de governo, academia e sociedade civil.

Participaram o secretário-executivo do MCTI, Luis Fernandes, o Acadêmico Sergio Rezende, coordenador da 5ª Conferência Nacional de CT&I, o físico e divulgador científico Ildeu Moreira, e a presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Helena Bonciani Nader, sob moderação da presidente eleita da SBPC, Francilene Procópio Garcia.

O ex-ministro Sergio Rezende destacou que a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em 2024, reuniu mais de 100 mil participantes em etapas presenciais e virtuais. O processo resultou em 521 recomendações compiladas em dois volumes: um relatório geral e um compêndio temático com propostas para a Estratégia Nacional de CT&I (ENCTI) 2025-2035.

Rezende sintetizou os principais eixos discutidos:

- Eixo I: Recuperação e consolidação do Sistema Nacional de CT&I, com meta de investir 2,5% do PIB até 2035 e desburocratizar o uso de recursos.
- Eixo II: Reindustrialização e inovação empresarial, fortalecendo a cooperação universidade-indústria, start-ups e tecnologias digitais sustentáveis.
- Eixo III: CT&I para programas estratégicos — incluindo biotecnologia, transição energética, minerais críticos e defesa.
- Eixo IV: Desenvolvimento social, com foco na popularização da ciência, tecnologias sociais e inclusão de grupos sub-representados.

Rezende comemorou o engajamento da comunidade científica e informou que o MCTI já constituiu um grupo de trabalho para elaborar o Plano Decenal de CT&I, alinhado às diretrizes da conferência.

O secretário-executivo Luis Fernandes confirmou que o ministério preparava uma proposta de Estratégia Nacional de CT&I (ENCTI) a ser apresentada ao Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia até setembro. O plano se baseava em análises do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e em experiências internacionais de sucesso, como as da China, Coreia do Sul e Índia.

Segundo Fernandes, o objetivo é vincular a política de ciência e tecnologia a projetos nacionais de desenvolvimento baseados no conhecimento. “Esses países avançaram porque fizeram da CT&I um eixo estruturante de suas estratégias nacionais. Essa é a chave”, afirmou. O plano deve ser aprovado no início de 2026, com metas claras e governança definida.

A presidente da ABC, Helena Nader, destacou que o Brasil tem diagnósticos e propostas maduras desde a 4ª CNCTI, mas carece de execução e definição orçamentária. “Os chineses sabem exatamente quanto e de onde virão os recursos. Aqui, ainda discutimos se ciência é prioridade”, lamentou.

Nader defendeu novos fundos setoriais financiados por setores que se beneficiam da pesquisa — como o sistema financeiro, as *big techs* e o agronegócio — e criticou o uso indevido de recursos como o Fundo Social do Pré-Sal. Reforçou também que o investimento em ciência básica é essencial para alcançar tecnologias disruptivas.



Ildeu Moreira, Sergio Rezende, Francilene Garcia, Luis Fernandes e Helena Nader

Expressou firmeza ao requerer uma posição política mais clara do governo federal: “Ciência e tecnologia precisam ser tratadas como prioridade de Estado. Temos que trabalhar com o Congresso para reverter os cortes e garantir recursos sustentáveis.”

O físico Ildeu Moreira, professor da UFRJ e ex-diretor do Departamento de Popularização da Ciência do MCTI, alertou para a fragilidade do eixo social nas discussões da 5ª CNCTI. “Precisamos dar mais destaque às desigualdades raciais, regionais e econômicas. A ciência tem que dialogar com a sociedade e integrar tecnologias sociais e economia solidária”, afirmou.

Moreira criticou a lentidão na implementação das ações: “Já passou um ano da conferência e ainda estamos discutindo. O governo tem apenas mais um ano e meio de mandato. Se não acelerarmos, faremos apenas outro livro colorido.” Defendeu também a participação ampla da sociedade civil — incluindo movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) — na construção da ENCTI.

O debate evidenciou convergência entre os participantes: o Brasil já possui conhecimento e diagnósticos sólidos — o desafio agora é transformar propostas em políticas de Estado duradouras, com financiamento estável, governança clara e participação social efetiva.

• *A Evolução é Fato*

No dia 17 de julho, foi realizada a mesa-redonda de lançamento do livro “A Evolução é Fato”, publicado pela Academia Brasileira de Ciências. A obra reúne textos de 28 pesquisadores de áreas diversas, que apresentam evidências científicas incontestáveis da evolução biológica, considerada o eixo central de toda a biologia.

O debate foi coordenado pelo Acadêmico Samuel Goldenberg (Fiocruz) e contou com exposições dos autores Carlos Frederico Menck (USP), Acadêmico e coordenador do livro; Marie-Anne Van Sluys (USP), Acadêmica que tratou da evolução das plantas e da fotossíntese; Marina Bento Soares (Museu Nacional), paleontóloga que falou sobre o registro fóssil; e Fabrício Rodrigues dos Santos (UFMG), Acadêmico que abordou a evolução humana.

Segundo Menck, o objetivo da publicação é mostrar de forma acessível e embasada que a evolução é um fato científico comprovado por múltiplas linhas de evidência, inclusive com contribuições brasileiras. Ele citou o prefácio da presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, que afirma: “A evolução é um alicerce para entender a biologia, desde a ecologia e a genética até a medicina e a saúde pública. A ABC afirma que o criacionismo e o design inteligente não têm lugar na explicação da origem da vida.”

A obra faz uma jornada desde a formação da Terra, há 4,5 bilhões de anos, até o surgimento do *Homo sapiens*. Narra a origem das primeiras moléculas da vida — DNA, RNA e proteínas — e destaca descobertas como o código genético universal, que comprova a ancestralidade comum entre todos os seres vivos. Também aborda a revolução gerada pela fotossíntese, que oxigenou a atmosfera e permitiu o surgimento de novas formas de vida, e o aparecimento das células eucarióticas e da pluricelularidade, responsáveis pela explosão de diversidade biológica.

O livro revisita ainda eventos cruciais como a Explosão Cambriana, as cinco grandes extinções em massa e o papel da seleção natural na adaptação das espécies sobreviventes.

A evolução humana, tema mais sensível do debate, é apresentada à luz das evidências genéticas e fósseis: compartilhamos 98,5% do DNA com os chimpanzés, prova de que somos fruto de um processo evolutivo contínuo.

“A evolução está escrita nos nossos genes”, sintetizou Menck. Já Fabrício dos Santos lembrou que, embora a teoria tenha enfrentado resistência desde Darwin, as evidências acumuladas pela ciência moderna tornam sua veracidade incontestável.

O lançamento de “*A Evolução é Fato*” marca mais uma iniciativa da Academia Brasileira de Ciências em defesa do pensamento científico e do ensino baseado em evidências, reafirmando o compromisso da instituição com a difusão do conhecimento e o combate à desinformação.



Acesse o pdf do livro “A Evolução é Fato”

• *A Reviravolta na Política Científica Norte-Americana e seu Impacto Global*

Os ataques à ciência nos Estados Unidos mobilizaram resistência e inspiraram debate na Reunião Anual da SBPC. Uma mesa-redonda reuniu lideranças científicas brasileiras e norte-americanas para discutir o impacto global da nova política científica dos EUA, apresentando relatos contundentes sobre o retrocesso das políticas de ciência nos EUA. Participaram o ex-presidente da ABC Luiz Davidovich, a presidente da ABC Helena Bonciani Nader, o presidente da SBPC Renato Janine Ribeiro, a Acadêmica e professora da Universidade Harvard Marcia Caldas de Castro e o presidente da American Association for the Advancement of Science (AAAS), Sudip Parikh.

A sessão foi marcada por denúncias de censura, perseguição e cortes drásticos de financiamento. Davidovich relatou um episódio simbólico ocorrido em março, durante a assembleia da *American Physical Society* (APS), quando o presidente da instituição, John M. Doyle, anunciou uma ação judicial contra o governo norte-americano em resposta às demissões em massa em agências federais de ciência. “A resistência estava chegando”, declarou o físico, emocionado.

Desde janeiro, o novo governo dos EUA vem promovendo ataques à diversidade e à liberdade acadêmica, proibindo o uso de termos como “diversidade”, “equidade” e “inclusão” (DEI) em documentos oficiais, impondo censura temática e planejando cortes de 25% no orçamento federal de ciência — cerca de US\$ 50 bilhões, principalmente na pesquisa básica. Parikh alertou que o *National Institutes of Health* (NIH), responsável por financiar a maioria dos avanços biomédicos das últimas décadas, deve sofrer um corte de 35%. “Dos 356 novos medicamentos aprovados nos EUA nos últimos dez anos, apenas dois não contaram com recursos do NIH”, lembrou Marcia Castro.

A pesquisadora de Harvard destacou que os efeitos das medidas transcendem as fronteiras norte-americanas, sobretudo nas áreas de saúde global. O corte de 50% no orçamento da USAID, agência de cooperação internacional dos EUA, ameaça programas vitais em países em desenvolvimento. “Se isso continuar, poderemos ter 14 milhões de mortes evitáveis em cinco anos, associadas apenas aos cortes na USAID”, alertou Castro. Segundo ela, países africanos que dependem do Demographic Health Survey (DHS) — principal base de dados em saúde do continente — ficarão “no escuro” sem o financiamento americano.

Marcia Castro relatou ainda que Harvard entrou na Justiça contra o governo norte-americano, após ter US\$ 2 bilhões em bolsas e contratos congelados por se recusar

a cumprir exigências ideológicas do Executivo. O caso tornou-se símbolo da resistência universitária.

O presidente da AAAS, Sudip Parikh, expressou otimismo quanto à capacidade de reação da comunidade científica. “Vivemos uma era extraordinária de descobertas e precisamos decidir para onde iremos. Quando a sociedade entende o valor da ciência, torna-se mais difícil cortar verbas”, afirmou. Ele destacou o apoio bipartidário crescente no Congresso contra os cortes.

A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, defendeu a diplomacia científica como estratégia global de resistência. “É chocante ver o país que inspirou nosso sistema científico adotar essa postura. A defesa da ciência é lutar contra a interferência política, promover decisões baseadas em evidências e proteger a independência científica”, afirmou.

A mesa evidenciou que os ataques à ciência nos Estados Unidos têm repercussões internacionais, mas também reforçaram a força da solidariedade entre cientistas e instituições. Como resumiu Davidovich, “a resistência está chegando” — e, ao que tudo indica, começa dentro das próprias universidades.

• *ABC em debate e homenagem na Universidade do Cariri*



*ABC em debate e homenagem na
Universidade do Cariri*

No dia 19 de agosto, o Programa de Pós-graduação em Química Biológica (PPQB) da Universidade Regional do Cariri (URCA), no Ceará, organizou uma sessão dos seus Diálogos no Semiárido com a Pesquisa, Pós-graduação e Inovação. Com o tema “Interiorização, Regionalização e Correção das Assimetrias Regionais”, convidaram a presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Helena Nader e mais dois Acadêmicos, o pesquisador do Museu de Ciências da Terra, Diógenes Campos; e o diretor do Museu Nacional, Alexander Kellner.

Diógenes Campos recuperou a história da formação da paleontologia no Cariri, um exemplo pioneiro de interiorização da ciência, impulsionada pelo palestrante, que iniciou sua trajetória em 1967 sob pouca valorização da área. Trabalhando com os mestres Llewellyn Ivor Price e Friedrich Sommer, dedicou-se à proteção dos depósitos fossilíferos da Chapada do Araripe, mobilizando autoridades e a população local. Esse esforço resultou na institucionalização da paleontologia regional, na criação do museu e na formação de novas gerações de cientistas.



*Os participantes do encontro:
Marina Bento Soares (Museu Nacional), Mônica
Cavalcanti (UFCG), Carlos Kleber de Oliveira
(URCA), Francisco Bezerra
da Cunha (URCA), Maria Socorro Vieira (URCA),
Helena Nader (ABC), Diógenes Campos (ABC) e
Alexander Kellner (ABC e Museu Nacional)*

O Araripe tornou-se referência nacional, marcando decisivamente também a carreira de Alexander Kellner. Este, juntamente com o professor Alysson Pinheiro, diretor do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nunes, de Santana do Cariri, celebrou a repatriação de 991 fósseis contrabandeados para a França, agora redistribuídos entre o Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nunes e o Museu Nacional, reforçando a capacidade local de preservar e estudar o patrimônio fossilífero. As pesquisas com fósseis são muito proeminentes no Cariri graças à bacia sedimentar do Araripe, uma das mais importantes do mundo para descobertas sobre o período Cretáceo Superior.

A paleontóloga Marina Bento Soares (Museu Nacional) destacou o potencial da paleontologia como porta de entrada para a ciência, relatando iniciativas de formação docente, como o livro *A Paleontologia na Sala de Aula* e o site *PaleoEduca*, que oferece práticas pedagógicas acessíveis a professores de todo o país. A professora Mônica Tejo Cavalcanti (URCA/INSA) apresentou projetos conjuntos entre a URCA e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) voltados à bioeconomia, tecnologias para agricultura, energias renováveis e criação de cadeias produtivas sustentáveis capazes de impulsionar o desenvolvimento regional.

Encerrando o encontro, Helena Nader enfatizou que interiorizar a ciência é promover democracia, defendendo que talentos e criatividade existem em todas as regiões e que o país precisa corrigir desigualdades estruturais por meio de políticas contínuas, infraestrutura adequada e valorização dos cientistas. Para ela, quando universidades regionais dialogam com suas comunidades e fortalecem o pensamento crítico, a ciência se torna um bem público reconhecido, reduzindo o espaço para negacionismos e fortalecendo a cidadania.

Além da participação na sessão, a URCA concedeu o título de Doutor *Honoris Causa* a Helena Nader e a Diógenes Campos, pela relevante atuação de ambos para a ciência e para a instituição. A cerimônia foi presidida pelo reitor da URCA, Carlos Kleber de Oliveira, no Centro Cultural do Cariri.



Diógenes Campos e Helena Nader

• *ABC na celebração dos 25 anos do Portal de Periódicos da Capes*

Em 29 de agosto, a Academia Brasileira de Ciências participou da celebração dos 25 anos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considerado uma inovação estratégica para a soberania científica ao oferecer acesso gratuito a mais de 48 mil revistas para 448 instituições. A presidente da ABC, Helena Nader, destacou seu impacto na competitividade internacional. O evento, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), reuniu protagonistas da criação do Portal, como os Acadêmicos Abílio Baeta Neves e Jorge Guimarães, que lembraram os desafios de sua implantação e a importância da visão ousada de centralização das



ABC na celebração dos 25 anos do Portal de Periódicos da Capes

assinaturas apoiada pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). A servidora Elenara Chaves de Almeida, homenageada da cerimônia, foi essencial para consolidar o sistema.

Com a transição global ao Acesso Aberto, impulsionada pelo Plano S, os custos de publicação explodiram devido às taxas de processamento de artigos (APCs), afetando países emergentes. Para enfrentar essa realidade, o Portal negociou acordos transformativos com editoras como *Royal Society Publishing (RSP)*, *Wiley*, *Institute of Electrical and Electronic Engineers (IEEE)* e *American Chemical Society (ACS)*. A presidente da Capes, Acadêmica Denise Pires de Carvalho, destacou que mais de 2.500 APCs já foram cobertas desde 2024.

O debate também abordou novos modelos de publicação, pelo fortalecimento de revistas nacionais via Qualis, ampliação da “via verde” e institucionalização da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), que em breve terá CNPJ próprio. A “via verde” do Acesso Aberto refere-se ao modelo em que o autor, mesmo publicando seu artigo em uma revista tradicional por assinatura, mantém o direito de depositar uma versão do manuscrito em repositórios institucionais ou temáticos de acesso gratuito. Essa alternativa amplia a circulação do conhecimento sem custos adicionais para o pesquisador, embora muitas editoras imponham restrições — como permitir apenas o depósito de pré-prints ou estabelecer períodos de embargo — o que pode limitar o acesso imediato e, em alguns casos, difundir versões não revisadas do trabalho.

A coordenadora-geral do Portal, Andrea Carvalho Vieira, destacou que esses movimentos integram a agenda mais ampla da Ciência Aberta, que exige padronização de dados, novas infraestruturas e cooperação entre instituições e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). A celebração reconheceu o sucesso do Portal e os desafios para os próximos 25 anos.



Abílio Baeta Neves, Claudia Wasserman, Jorge Guimarães, Luiz Valcov Loureiro, Denise Pires de Carvalho e Elenara Chaves de Almeida

- **ABC assina acordo de cooperação com a Biblioteca Nacional**

Em 18 de setembro, a presidente da ABC, Helena Nader, e o presidente da Biblioteca Nacional (BN), Marco Lucchesi, assinaram acordo de cooperação institucional.

Lucchesi manifestou a importância do compromisso republicano e democrático da aliança entre dois grandes entes culturais, como a ciência e a memória. “A Biblioteca Nacional é uma ICT [Instituição Científica, Tecnológica e de Inovação], as convergências são muitas. Temos muito a fazer juntos”.

Nader adiantou que a ideia inicial é promover em 2026 uma série de seminários alternando as “casas”, deixando claro que não foi assinado um memorando de intenções e sim de realizações. Além disso, a organização de visitas guiadas e visitas técnicas à BN pode ser

uma ótima opção de programação cultural associada aos eventos da ABC realizados no Rio de Janeiro.

Participaram do encontro a vice-presidente regional da ABC para o Rio de Janeiro, Patricia Bozza, a diretora da ABC Débora Foguel, a Acadêmica Maria Vargas e a coordenadora-geral do Centro de Processamento e Preservação da BN, Gabriela Ayres.



ABC assina acordo de cooperação com a Biblioteca Nacional

Débora Foguel, Maria Vargas, Helena Nader, Marco Lucchesi, Patricia Bozza e Gabriela Ayres

• *ABC, ANE e ANM assinam acordo de cooperação*

Na tarde de 22 de setembro, a Academia Nacional de Engenharia (ANE) recebeu a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, para a assinatura de um acordo de cooperação envolvendo também a Academia Nacional de Medicina (ANM). O objetivo central é unir esforços das três Academias para formular propostas e soluções para desafios tecnológicos e sociais do país. A presidente da ANM, Eliete Bouskela, membra titular da ABC, enviou o documento previamente assinado, ao qual se juntaram as assinaturas de Mário Luiz Menel da Cunha (ANE) e de Helena Nader (ABC).

A presidente da ABC destacou que a parceria deve gerar ações concretas imediatas, reforçando que Academias de ciência, engenharia e medicina, por integrarem a sociedade civil, possuem liberdade e responsabilidade para colaborar de forma ativa — diferentemente de instituições congêneres nos EUA, China ou Rússia, fortemente vinculadas aos seus governos. Ela também mencionou a Nova Indústria Brasil (NIB) como oportunidade para inserir a visão científica na agenda de neoindustrialização. Concluiu afirmando que a integração entre ciência, engenharia e medicina é essencial para promover um país socialmente justo e ambientalmente equilibrado, abrindo caminho para transformações estruturais desejadas pela sociedade.

• *ABC no encontro “Democracia, Ciência e Soberania”*

No dia 6 de outubro, a ABC, a SBPC e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) realizaram, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o evento “Democracia, Ciência e Soberania”, em comemoração ao Dia da Luta pela Democracia. A presidente da ABC, Helena Nader, participou da mesa “Democracia em risco? Ciência, Autoritarismo e Soberania” ao lado de Fernando Guimarães Rodrigues (advogado e coordenador do Direitos Já! Fórum pela



ABC, ANE e ANM assinam acordo de cooperação



ABC no encontro “Democracia, Ciência e Soberania”

Democracia), Christian Dunker (psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da USP) e Daniel Campos de Carvalho (professor de Direito Internacional da Unifesp).

Em sua intervenção, Nader alertou para o avanço global de movimentos antidemocráticos, marcados pela violência, ignorância e ataque às instituições, afirmando que “a ciência é um pilar fundamental da resistência” e que, quando atingida, a soberania nacional é colocada em risco.

Rodrigues destacou a distância entre o discurso democrático e a realidade das periferias, defendendo a regulamentação dos algoritmos das plataformas digitais como condição para uma democracia efetiva. Dunker ressaltou a necessidade de maior presença pública dos cientistas, lembrando que o sistema de pesquisa brasileiro ainda carrega traços de sua formação durante a ditadura. Campos de Carvalho ampliou o debate ao cenário internacional, observando que mais da metade dos países vive sob autocracias e que cabe ao conhecimento científico compreender e responder aos movimentos autoritários que ameaçam os regimes democráticos.



A presidente da ABC, Helena Nader, discursa no Ato em Defesa da Democracia e Soberania Nacional

- **Brasil Net Zero By 2040: Lançamento de estudo na ABC**



Brasil Net Zero By 2040: Lançamento de estudo na ABC

No dia 5 de novembro de 2025, a Academia Brasileira de Ciências sediou o lançamento do estudo “Brasil Net Zero by 2040”, elaborado por pesquisadores do Instituto Amazônia 4.0 e da Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incluindo os Acadêmicos Carlos Nobre, Mercedes Bustamante e Roberto Schaeffer.

O relatório conclui que o Brasil pode atingir emissões líquidas zero já em 2040, dez anos antes da meta oficial, com base em dois caminhos principais: AFOLU-2040 (agricultura, florestas e uso da terra), centrado em desmatamento zero, restauração florestal e soluções baseadas na natureza, responsáveis por mais de 87% das remoções de carbono; e Energy-2040, focado na transição energética, eletrificação, descarbonização industrial e expansão de tecnologias de Captura e Armazenamento de Carbono (CCS).

Embora apresentem trajetórias distintas, ambos os cenários exigem governança ambiental robusta, coordenação intersetorial e investimentos adicionais — cerca de 1% no caso AFOLU-2040 e aproximadamente 20% no Energy-2040. Os pesquisadores destacam que

a neutralidade antecipada é viável desde que acompanhada de justiça climática, inclusão social e parcerias público-privadas. Se bem-sucedido, o Brasil poderá se tornar referência para o Sul Global, mostrando que crescimento econômico e ação climática ambiciosa podem avançar juntos.



Eduardo Assad, Nathalia Nascimento, Patricia Bozza, Carlos Nobre, Roberto Schaeffer e Gerd Angelkorte

• ABC na COP30

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) participou de uma série de debates e lançamentos durante a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), realizada em Belém, no Pará. A agenda incluiu iniciativas que visam fortalecer o papel da ciência nas discussões.

Pela primeira vez uma COP conta com um pavilhão dedicado às Ciências Planetárias, com o objetivo de aproximar negociadores, cientistas e formuladores de políticas públicas para embasar as decisões sobre a agenda climática global. Ele foi criado por determinação da presidência da COP30 e estava localizado na Zona Azul, onde ficavam os pavilhões dos países e ocorreram as negociações oficiais. A iniciativa foi presidida pelo Acadêmico Carlos Nobre, co-presidente do Painel Científico para a Amazônia (SPA), e Johan Rockström, diretor do Instituto Potsdam para Pesquisa do Impacto Climático, na Alemanha.

Em 11 de novembro, foi realizado o lançamento do 2º Relatório de Avaliação da Amazônia – Conectividade da Amazônia para um Planeta Vivo (AR2025), elaborado pelo Painel Científico para a Amazônia (*Science Panel for the Amazon/SPA*), uma iniciativa da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (SDSN). Os Acadêmicos Adalberto Val, Carlos Nobre, José Marengo e Mercedes Bustamante assinam capítulos do documento.

Em 14 de novembro ocorreu uma mesa de diálogo, promovida pela Plataforma CIPÓ e *World-Transforming Technologies (WTT)*, que convidou o diplomata Pedro Ivo Ferraz da Silva, coordenador do Ministério das Relações Exteriores (MRE) e negociador brasileiro em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). O encontro teve foco em CT&I como estratégias para o enfrentamento da crise climática e o desenvolvimento sustentável da Amazônia. Participaram organizações de ciência, clima e povos tradicionais, como a Arayara, o Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu, além de especialistas de todo o país. A Academia Brasileira de Ciências (ABC) foi representada por seu vice-presidente para a Região Norte, Adalberto Val. O objetivo foi fortalecer o diálogo entre governo e sociedade civil sobre políticas justas, inclusivas e alinhadas ao clima para CT&I.



Acesse o documento "Um Chamado para a COP 30"



Acesse aqui o relatório "Conectividade da Amazônia para um Planeta Vivo"

Em 11 de novembro, Adalberto Val representou a presidente da ABC, Helena Nader, na inauguração do espaço Casa da Ciência do Brasil em Mudanças Climáticas, dentro do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Val destacou três ações prioritárias para o país: trazer de volta ao Brasil jovens cientistas que estão se qualificando no exterior, dar atenção especial à ciência e tecnologia na Amazônia, com a recomposição dos quadros de pesquisa, e a implantação de programas para estimular a interação entre a ciência que fazemos e a ciência construída há milênios pelos povos originários.

Em 16 de novembro, o Acadêmico Philip Fearnside foi palestrante numa mesa com mais dois pesquisadores do INPA e moderada por Adalberto Val. Ele alertou para os cenários preocupantes para os quais caminha o clima global, capazes de desencadear um colapso ambiental irreversível.

Em 17 de novembro a Acadêmica Ima Vieira, ecóloga, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e assessora da presidência da Finep, propôs em debate de que participou uma reflexão importante: como evitar que os projetos de restauração florestal da Amazônia repitam os mesmos erros que causaram a destruição? Ela destacou que, para tanto, é preciso restaurar todo o sistema de vida que faz da Amazônia o que ela é, o que requer que as comunidades participem das decisões.

Também em 17 de novembro ocorreu um evento paralelo à COP30 sobre Saúde Única, organizado pela Fapesp, Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente (Abema) e o Instituto Tecnológico Vale (ITV). O objetivo do encontro foi construir uma agenda comum sobre o tema, integrando diversas abordagens sobre saúde ambiental, animal, ecossistêmica e humana nos cenários climáticos e considerando limites e possibilidades em biodiversidade. Um dos participantes foi o Acadêmico Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF-USP) e membro do Programa Fapesp de Pesquisa sobre Mudanças Climáticas Globais (PFPMCG).

“O conceito de saúde única mostra, basicamente, que a vida humana está integrada com o funcionamento físico, químico, biológico e econômico do nosso planeta como um todo, em suas várias vertentes, e que, portanto, os humanos são uma componente de um ecossistema global que está em mudança muito rápida. Por isso, temos de evitar um colapso no sistema global”, afirmou.

Em 18 de novembro, a vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC) para a Região Minas Gerais e Centro-Oeste, Mercedes Bustamante (UnB) realizou a palestra magna “A Contribuição da Ciência para as Políticas Nacionais de Mudança do Clima”, na Casa da Ciência (MCTI/MPEG), na COP 30. Ela ressaltou que é preciso superar as dificuldades de financiamento e garantir que as decisões sejam baseadas na ciência, lidando com complexidade e incerteza, mas sem paralisar a ação.

Já os Acadêmicos Carlos Nobre (Painel Científico da Amazônia) e Paulo Artaxo (Universidade de São Paulo), junto com os pesquisadores Fatima Denton (Universidade das Nações Unidas), Johan Rockström (*Potsdam Institute for Climate Impact Research*), Marina Hirota (Instituto Serrapilheira), Piers Forster (*University of Leeds*) e Thelma Krug (presidente do Conselho Científico da COP30) lançaram dois documentos. No primeiro, afirmaram que a COP tinha uma escolha a fazer: proteger as pessoas e a vida, ou os interesses da indústria de combustíveis fósseis. Já no segundo documento, lamentaram que, apesar dos melhores esforços do Brasil e de muitos países que trabalharam para unir o mundo

em torno de um roteiro para acabar com a dependência de combustíveis fósseis, forças contrárias bloquearam o acordo.

“As evidências científicas são inequívocas: estamos nos aproximando de limites críticos para a segurança das futuras gerações. Não é mais possível tratar o conhecimento científico como um alerta distante. É necessário traduzi-lo em políticas públicas efetivas, em cooperação internacional e em um compromisso ético com a vida no planeta. A COP30 deve representar o início de uma nova era de decisões embasadas na ciência, guiadas pela responsabilidade, pela solidariedade e pela coragem”, afirmou a presidente da ABC, Helena Nader.

Além da participação em debates, a ABC divulgou novos documentos ao longo da COP, acessíveis nos QR CODES. São eles:

- Declaração do Fórum de Academias dos BRICS
- Amazônia Já! Ações urgentes para o futuro do bioma, sua biodiversidade e seus povos
- Um chamado científico para a COP30
- Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia

PROGRAMAS

• Programa para Mulheres na Ciência L'Oréal – Unesco– ABC 2025

Em seu 20º ano no Brasil, o programa Para Mulheres na Ciência, iniciativa do Grupo L'Oréal em parceria com a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Unesco no Brasil, reafirmou seu papel estratégico no fortalecimento da pesquisa nacional ao reconhecer e apoiar oito jovens cientistas que se destacam em áreas essenciais para o desenvolvimento do país. Com bolsas de R\$ 50 mil, a edição de 2025 ampliou seu alcance ao incluir, pela primeira vez, a categoria de Ciências da Engenharia e Tecnologia, marcando uma expansão simbólica e concreta do compromisso do programa com a diversidade e a equidade de gênero na produção científica brasileira.



Acesse aqui a “Declaração do Fórum de Academias dos BRICS”



Acesse aqui o documento “Amazônia Já!”



Acesse aqui o documento da ABC “Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia



Programa para Mulheres na Ciência L'Oréal – Unesco – ABC 2025

Paula Maçaira (PUC-Rio), Vanessa Nascimento (UFF), Patrícia Bozza (ABC), Luana Rossato (UFGD), Juliana Hipólito (INMA), Marcelo Zimet (presidente L'Oréal Brasil), Renata Rojas Guerra (UFSM), Fabio Eon (Unesco no Brasil), Jaqueline Sachett (UEA), Thaís Azevedo Enoki Liarte (USP) e Sonaira Silva (UFAC)

Ao longo de duas décadas, a iniciativa — que já premiou mais de 140 pesquisadoras e destinou mais de R\$ 7 milhões a projetos inovadores — consolidou-se como uma das mais importantes plataformas de estímulo à permanência e à ascensão de mulheres na ciência.

Na edição de 2025, foram premiadas:

Ciências da Vida

- **Jaqueline Sachett** (Universidade do Estado do Amazonas) – pesquisa sobre tratamentos inovadores e impactos de longo prazo de acidentes com animais peçonhentos.
- **Juliana Hipólito** (Instituto Nacional da Mata Atlântica) – mapeamento de redes de polinização por meio de DNA ambiental, ferramenta inédita para conservação e restauração.
- **Luana Rossato** (Universidade Federal da Grande Dourados) – estudo sobre fungos ambientais resistentes ligados à exposição a agrotóxicos e incêndios no Pantanal.
- **Sonaira Silva** (Universidade Federal do Acre – Campus Floresta) – iniciativas para melhorar o monitoramento e a diferenciação entre queimadas agrícolas e incêndios florestais.

Engenharias e Tecnologia

- **Paula Maçaira** (PUC-Rio) – uso de inteligência artificial para orientar a transição energética e o descomissionamento seguro de plataformas de petróleo.

Ciências Matemáticas

- **Renata Rojas Guerra** (Universidade Federal de Santa Maria) – métodos estatísticos aplicados ao monitoramento ambiental via satélite e à análise de desigualdades educacionais.

Ciências Físicas

- **Thaís Azevedo Enoki Liarte** (Universidade de São Paulo) – estudo sobre assimetria de membranas celulares e suas implicações para diagnóstico e novos medicamentos.

Ciências Químicas

- **Vanessa Nascimento** (Universidade Federal Fluminense) – desenvolvimento de uma molécula inovadora e sustentável para o tratamento da esporotricose.

A cerimônia de premiação ocorreu em 4 de dezembro, no Palácio da Cidade, no Rio de Janeiro, tendo a presidente da ABC sido representada pela vice-presidente para a Região Rio de Janeiro, Patrícia Bozza que acompanhou no palco Marlova Jovchelovitch (Unesco no Brasil), Luciana Santos (ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação), Margareth Dalcolmo (Fiocruz) e Kananda Eller (cientista e influenciadora).

O programa integra a iniciativa global da L'Oréal, que reconhece anualmente mais de 350 jovens cientistas em 110 países.

• Programa Aristides Pacheco Leão para Estímulo às Vocações Científicas (PAPL)

O PAPL foi criado em 1994 e tem como objetivo oferecer a estudantes de graduação, a partir do 4º semestre, a oportunidade de realizar estágios de curta duração (35 a 50 dias) em laboratórios de excelência, sob supervisão de membros titulares ou afiliados da ABC. O nome homenageia o ex-presidente Aristides Pacheco Leão, que conduziu a ABC durante sete biênios consecutivos, no período de 1967 a 1981.

No dia 12 de maio foi lançado o edital 2025/2026 do Programa Aristides Pacheco Leão de Estímulo a Vocações Científicas (PAPL), iniciativa conjunta da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A chamada esteve aberta inicialmente para pesquisadores da ABC interessados em receber estudantes de outros estados se cadastrarem. A seguir veio a etapa de inscrição para estudantes de graduação de todo o país interessados em participar dos intercâmbios nacionais. Foram oferecidas 120 bolsas, distribuídas entre 60 estudantes de São Paulo para estágios em outros estados e 60 estudantes de outros estados para estágios em São Paulo, com valores definidos pela Fapesp na modalidade EVC.

A edição 2025/2026 apresentou melhorias importantes: ampliação da taxa de bancada para até R\$ 20 mil, obrigatoriedade de produção de material de divulgação científica pelos bolsistas e aperfeiçoamento do processo seletivo, com cronograma otimizado. O conjunto dessas ações reforçou o compromisso do PAPL com a formação de jovens cientistas e o fortalecimento da pesquisa científica no Brasil.

Por meio do PAPL ABC-Fapesp, a estudante Maria Fernanda Marins, de São Paulo, realizou estágio no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Em seu relato ao *The Conversation*, destacou que a experiência revelou a importância estratégica do intercâmbio científico entre regiões do país e ampliou sua compreensão sobre o papel social da ciência.

Em Manaus, Maria Fernanda foi acolhida pelo Acadêmico Adalberto Val e pela equipe do Laboratório de Ecofisiologia e Evolução Molecular (LEEM/Inpa), participando de pesquisa sobre os efeitos das mudanças climáticas no tambaqui (*Colossoma macropomum*). Trabalhou com uma equipe em experimentos realizados em uma sala que simula cenários projetados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) para 2100. O grupo identificou sinais fisiológicos de estresse nos peixes, reforçando a urgência de monitorar os impactos climáticos na biodiversidade amazônica.

A estudante também ressaltou as desigualdades regionais no sistema científico brasileiro, lembrando que a região Norte recebe apenas 3,6% dos investimentos nacionais em ciência e tecnologia, contra 65% concentrados no Sudeste. Para ela, a integração entre regiões é uma estratégia de desenvolvimento, não um favor: o conhecimento produzido na Amazônia é robusto, socialmente conectado e essencial para orientar políticas públicas. Ela afirmou ter adquirido grande amadurecimento técnico e pessoal, defendendo que programas como o PAPL promovem uma ciência mais diversa, descentralizada e colaborativa, capaz de formar pesquisadores comprometidos com os desafios reais do país.

Já o estudante Gabriel Mendonça Grellet, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), realizou em 2025 um estágio pelo PAPL ABC-Fapesp na Universidade Federal de Goiás (UFG), sob orientação do Acadêmico Boniek Gontijo Vaz, coordenador do Laboratório de Cromatografia e Espectrometria de Massas (LaCEM/



Programa Aristides Pacheco Leão para Estímulo às Vocações Científicas (PAPL)

Cemep/UFG). Seu projeto, intitulado “Sentinelas Costeiros”, investigou os hábitos de vida e alimentação dos botos-cinza por meio da análise de dentes, que funcionam como arquivos naturais de informações químicas acumuladas ao longo da vida dos animais.

Utilizando assinaturas isotópicas e análises elementares, os pesquisadores puderam identificar variações em elementos como carbono e nitrogênio, cuja composição muda conforme o tipo de alimento ingerido e o ambiente frequentado — seja próximo à costa ou em áreas mais oceânicas. Paralelamente, a equipe desenvolveu uma abordagem inovadora baseada em aminoácidos essenciais, obtidos exclusivamente pela alimentação, que permite rastrear com ainda maior precisão a origem dos nutrientes e as rotas metabólicas percorridas pelo organismo. Trata-se de uma metodologia inédita e promissora, aplicável não apenas a golfinhos, mas também a humanos e grandes predadores, como as onças.

Os resultados preliminares revelaram diferenças marcantes entre indivíduos encalhados em diferentes regiões do Banco dos Abrolhos. Os animais encontrados no sul, no Espírito Santo, apresentavam hábitos mais oceânicos, enquanto aqueles provenientes do norte, na Bahia, demonstravam comportamento predominantemente costeiro. Essas distinções mostram como as análises químicas são capazes de revelar detalhes sutis — e invisíveis a olho nu — sobre a ecologia e o modo de vida dos botos, contribuindo para a compreensão e conservação dessa espécie ameaçada.

O trabalho recebeu menção da Rede Nacional de Isótopos Forenses (RENIF) no InterForensics 2025 e o prêmio de melhor trabalho de graduação (pôster) no IX Encontro Nacional sobre Conservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos (Encopemaq), consolidando sua relevância científica. Segundo Gabriel, o avanço só foi possível graças ao apoio do PAPL, do Instituto Baleia Jubarte (fornecedor das amostras) e do Instituto Nacional de Criminalística da Polícia Federal, responsável pelas análises elementares.

PUBLICAÇÕES



Saiba mais e acesse os artigos dos AABC

- **Anais da ABC (AABC)**

Ao longo de 2025, foi dado prosseguimento às ações relativas à modernização dos Anais da Academia Brasileira de Ciências (AABC), tendo em mente o centenário da revista, a ser comemorado em 2028 com a publicação do volume 100. Para este fim, foram feitos levantamentos de estratégias para aumentar a visibilidade dos AABC, tendo sido estabelecido que durante o próximo ano (2026) a revista fará uma adequação da sua página dentro do site da ABC.

Em termos de publicação, os AABC mantêm boa regularidade. No entanto, a questão financeira fez com que houvesse uma necessária redução no número de trabalhos publicados, aumentando o índice de rejeição que pode chegar, em algumas áreas, perto de 80%. Em 2025 os AABC publicaram, além dos editoriais, 316 artigos e 25 *newsletters* - publicadas desde 2013, com resumos em linguagem mais popular elaborados pelos autores e uma apresentação geral do editor-chefe. Em termos de artigos, isso significa uma redução substancial em relação ao ano anterior (2024), quando foram publicados 376 artigos. Por outro lado, o número de *letters* cresceu bastante, praticamente quadruplicando do número publicado no ano anterior.

Os AABC mantêm a estratégia de fascículos especiais, que neste ano foram sobre paleontologia (97.Supl.1) e microplásticos (97.Supl.3). Ademais, houve a organização de um fascículo de contribuições envolvendo os membros afiliados da ABC (97.Supl.2).

Estas publicações têm trazido bastante atenção para a revista, melhorando os seus dados bibliométricos. O atual índice de impacto dos AABC é de 1.1, relativamente baixo se considerado o enorme potencial da revista. O número de submissões ultrapassou os 1.300 manuscritos, cerca de 10% a menos do que em 2024, semelhante ao nível de 2023.

Os AABC há muitos anos adotaram a publicação continuada, mas mantêm a publicação impressa, o que lhe confere o “título” de revista de circulação contínua, sem interrupção, mais antiga do país. Além do editor-chefe, o Acadêmico Alexander Kellner, os AABC contam com nove editores associados e 76 editores de área.

Para 2026, está sendo projetada a publicação de aproximadamente 350 artigos, distribuídos em seis ou sete fascículos, dependendo da questão financeira. Para ilustração, em 2025 os AABC receberam apenas R\$ 55 mil por parte do Programa Editorial do CNPq, tendo, no passado, recebido praticamente o dobro desse valor.



Capas dos Anais da ABC publicados em 2025

• *Relatório de Atividades da ABC 2024*

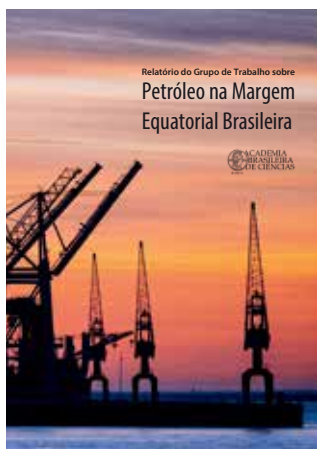
Em abril, a ABC entregou o Relatório de Atividades de 2024, que destacou um ano de avanços relevantes e forte atuação da Academia no Brasil e no exterior. A instituição teve papel central no Science 20 (S20) durante a presidência brasileira do G20, organizando reuniões preparatórias, a Cúpula do S20 e participando de agendas do G20 Social, da Trilha de Finanças e de encontros governamentais para a entrega do comunicado final,



Capa do Relatório de Atividades 2024



Acesse o relatório



Acesse o documento
sobre Petróleo na
Margem Equatorial

reforçando a importância de políticas públicas baseadas em evidências científicas. Também se destacou a realização presencial do Diálogo Nobel Brasil, que reuniu laureados do Nobel, pesquisadores, estudantes e lideranças empresariais em debates realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No cenário nacional, a Reunião Magna 2024, no Museu do Amanhã, debateu os impactos da inteligência artificial em diferentes áreas e a necessidade de um desenvolvimento tecnológico ético. A ABC também promoveu o Fórum ABC/SBPC sobre Educação Superior, que resultou no relatório “Um Olhar sobre o Ensino Superior no Brasil”, e lançou publicações sobre segurança alimentar, desinformação científica e evolução. O ano foi marcado ainda pela ampliação do Programa Aristides Pacheco Leão, que passou a atender 120 estudantes por ano com apoio da Fapesp, e pelas celebrações do centenário de cientistas como Johanna Döbereiner e César Lattes, reforçando o compromisso da Academia com o fortalecimento da ciência brasileira.

• *Petróleo na Margem Equatorial Brasileira*

A Academia Brasileira de Ciências lançou, em 7 de agosto, o relatório “Petróleo na Margem Equatorial Brasileira”, elaborado por um grupo de 12 especialistas coordenado pelo vice-presidente da ABC, Jailson Bittencourt de Andrade, com participação da presidente da ABC, Helena Bonciani Nader. O documento apresenta uma análise científica abrangente sobre os riscos e desafios associados a uma eventual exploração de petróleo na margem equatorial, especialmente na região da foz do Amazonas, área de elevada complexidade ecológica e forte dinâmica oceânica influenciada pela Corrente Norte do Brasil (CNB).

O relatório enfatiza que qualquer decisão sobre exploração deve se basear em evidências científicas robustas, destacando a necessidade de modelagem computacional contínua para prever o comportamento de vazamentos e orientar medidas de prevenção e resposta. Entre os possíveis impactos, o estudo chama atenção para os manguezais, essenciais para a pesca e o sustento de comunidades costeiras, e para os recifes amazônicos, ecossistemas profundos ainda pouco estudados e altamente vulneráveis.

A ABC reforça que a exploração em regiões sensíveis exige monitoramento rigoroso, planos de contingência eficientes e salvaguardas ambientais que incluam neutralização de emissões e mitigação de danos. O relatório propõe iniciativas como reflorestamento de manguezais, fortalecimento da transição energética, investimentos em tecnologias de captura e armazenamento de carbono e apoio socioambiental às comunidades locais, alinhando desenvolvimento econômico, justiça climática e conservação. Conforme destacou Jailson Bittencourt, a ciência deve estar no centro do processo decisório, assegurando cautela, transparência e alinhamento com a agenda climática internacional.

• *Microplásticos: um problema complexo e urgente*

A ABC também lançou, em 7 de agosto, o relatório “Microplásticos: um problema complexo e urgente”, elaborado por dez especialistas coordenados pelo vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Luis Val, e pelo professor Mário Barletta, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

O documento alerta que, um século após o plástico revolucionar a economia, seus impactos negativos se intensificaram, com cerca de 400 milhões de toneladas produzidas anualmente, das quais apenas 10% são recicladas. A maior parte acaba em rios e oceanos, fragmentando-se em microplásticos que se acumulam na cadeia trófica. Já foram detectados em peixes, carne bovina e suína, aves, anfíbios, mel e em vegetais como alface, arroz, milho e soja, evidenciando bioacumulação. No corpo humano, essas partículas foram encontradas no intestino, pulmões, coração, fezes, urina e até no leite materno, com capacidade de atravessar barreiras como a placentária e a hematoencefálica, chegando ao cérebro de fetos, segundo Val.

O relatório identifica lacunas no conhecimento brasileiro e recomenda harmonização de métodos, criação de infraestrutura de monitoramento e continuidade das ações de fomento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) e da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). Entre as soluções, destacam-se a economia circular, a inovação em polímeros, o aumento da reciclagem e o fortalecimento da educação ambiental e de campanhas de conscientização. Para os autores, enfrentar os microplásticos exige visão sistêmica, redução de plásticos de uso único e promoção de sustentabilidade em toda a cadeia produtiva.

- ***Amazônia Já! Ações urgentes para o futuro do bioma, sua biodiversidade e seus povos***

Este *policy brief*, coordenado pelo vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Val, reúne informações essenciais e recomendações dirigidas a tomadores de decisão, reforçando que a Amazônia exige ações estratégicas e urgentes e reafirmando o compromisso da Academia Brasileira de Ciências em ampliar a inserção política da ciência e assegurar que suas contribuições orientem, de forma efetiva, os rumos do país.

O *policy brief* deriva das discussões realizadas entre 6 e 8 de maio de 2025, no Museu do Amanhã, quando a ABC dedicou sua Reunião Magna ao tema “Amazônia Já! Sem tempo a perder”. Às vésperas da COP30 na região Amazônica, o encontro reuniu grandes nomes da ciência nacional e internacional, especialistas no bioma, jovens pesquisadoras e pesquisadores, além de ativistas e cientistas indígenas que buscaram identificar problemas, propor soluções e discutir formas pelas quais o Estado brasileiro e o Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) podem atuar de maneira mais assertiva pela conservação da natureza e pelo bem-estar das populações amazônicas.

A publicação mostra que o futuro da Amazônia depende de ações urgentes e estratégicas, que se preocupem com a conservação dos ecossistemas e, ao mesmo tempo, promovam bem-estar às suas populações. Este documento propõe uma agenda integrada para o bioma, tendo como partida cinco prioridades: conservar sua conectividade ecológica; reconhecer a Amazônia urbana e planejar cidades; adotar políticas de Saúde Única (*One Health*); promover diálogos de conhecimento entre ciências indígenas, conhecimentos locais e ambientes acadêmicos; e assegurar financiamento e infraestrutura para a ciência que é feita na Amazônia. Com isto, se construirá um compromisso de cuidado e de justiça: por florestas vivas, por rios livres e por vidas dignas para quem chama a Amazônia de casa.



Acesse o documento da ABC sobre microplásticos



Acesse aqui o documento “Amazônia Já!”



Acesse aqui o documento da ABC "Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia"



Baixe o pdf do livro



• *Considerações da Ciência Brasileira sobre a Amazônia*

O grupo de trabalho (GT) da ABC sobre Amazônia convidou diversos cientistas brasileiros para prepararem textos curtos sobre uma ampla gama de temas relacionados à Amazônia. O documento conta com 26 textos e mais de 100 páginas, cobrindo desde a Amazônia Antiga até a relação entre ciência e política em um cenário de mudanças climáticas e conservação da Amazônia.

Coordenado pelo vice-presidente da ABC para a Região Norte, Adalberto Luis Val, e composto pelos Acadêmicos Fabiano Lopes Thompson, Ima Célia Guimarães Vieira, Karen Barbara Strier, Maria Teresa Fernandez Piedade e Neusa Hamada, o documento pode ser baixado no site da ABC.

• *A Herança de Johanna Döbereiner para a Ciência Agrícola Brasileira e Mundial*

Em dezembro, a ABC lançou uma obra inédita em homenagem ao centenário de Johanna Döbereiner, uma das cientistas mais influentes da história do Brasil e referência mundial em microbiologia do solo e agricultura sustentável. O livro "A Herança de Johanna Döbereiner para a Ciência Agrícola Brasileira e Mundial" reúne contribuições de especialistas brasileiros e estrangeiros e apresenta, sob novas perspectivas, a amplitude de seu legado científico, tecnológico e humano.

A publicação evidencia como Döbereiner revolucionou a compreensão da fixação biológica do nitrogênio em leguminosas e gramíneas, contribuindo para reduzir a dependência de fertilizantes nitrogenados e impulsionar a agricultura tropical. Suas descobertas foram fundamentais para o crescimento agrícola do país e para a consolidação de práticas sustentáveis, hoje centrais nos sistemas de agricultura de baixo carbono.

Além das contribuições científicas, o livro destaca o lado humano da pesquisadora — professora dedicada, mentora de jovens talentos e cientista que enfrentou desafios com coragem e curiosidade. Com depoimentos e relatos inéditos, a obra revela uma trajetória inspiradora e reforça como o investimento contínuo em ciência gera impactos duradouros.

O lançamento reafirma o compromisso da ABC com a preservação da memória científica nacional e com a valorização de pesquisadores que transformaram o Brasil por meio do conhecimento, convidando o público a conhecer a vida e a obra de uma cientista que marcou gerações.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

• *Projeto Memória da Academia Brasileira de Ciências (ABC)*

Criado em 2024, o Projeto Memória da ABC surgiu a partir do edital do Programa de Apoio às Academias Nacionais Sediadas no Estado do Rio de Janeiro, lançado em 2023 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro Carlos Chagas Filho (Faperj).

Dada a relevância histórica e científica da documentação produzida ao longo de mais de um século de atividades da ABC cuja trajetória se entrelaça com a da ciência brasileira,

o projeto foi aprovado e vem sendo desenvolvido em colaboração com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTI) e com a Universidade Federal Fluminense (UFF). O MAST, unidade de pesquisa vinculada ao MCTI, tem como missão ampliar o acesso da sociedade ao conhecimento científico e tecnológico por meio da pesquisa, preservação de acervos e divulgação da atividade científica nacional.



Dógenes Campos, Clara Reis, Dayane Ponciano, Leonardo Martins e Maria Vargas

O objetivo central é criar uma base de dados pública e digital, o Centro de Memória da ABC “José Murilo de Carvalho”, que reunirá descrições e digitalizações do acervo documental da Academia. O sistema permitirá buscas e acesso remoto aos conteúdos, de especial interesse para pesquisadores, cientistas, estudantes e o público em geral. O lançamento do site, com parte do acervo já tratado, está previsto para o início de 2026.

O projeto prevê ações e produtos, como a primeira exposição virtual temática, que abordará o Centenário da Academia Brasileira de Ciências, fundada em 1916 e celebrado em 2016. Será inaugurada em 2026, quando a ABC comemora os 110 anos.

O Centro de Memória homenageia o historiador e Acadêmico José Murilo de Carvalho, grande historiador brasileiro que coordenou as ações comemorativas do Centenário da ABC em 2016, junto com os consultores Diógenes de Almeida Campos (paleontólogo e Acadêmico) e Ildeu de Castro Moreira (físico e historiador da ciência).

A comissão organizadora do projeto foi coordenada pela Acadêmica Patrícia Torres Bozza (Fiocruz e ABC) e teve como vice-coordenador o Acadêmico Diógenes de Almeida Campos (Museu de Ciências da Terra, Serviço Geológico do Brasil – CPRM).

A equipe científica foi liderada pela Acadêmica Maria Vargas (UFF) e contou com os Acadêmicos Débora Foguel (UFRJ), Ildeu de Castro Moreira (UFRJ), Paulo Cruz Terra (UFF), Rodrigo Toniol (UFRJ) e Thaiane de Oliveira (UFF). Da parte do MAST esteve o chefe do Arquivo de História da Ciência, Everaldo Pereira Frade.

A assessoria técnica foi realizada pela gerente de comunicação da ABC, Elisa Oswaldo-Cruz Marinho, e o gerente administrativo, Fernando Carlos Veríssimo. O desenvolvimento teve consultoria da Grifo Projetos e a execução ficou a cargo da empresa Sintrópika.



1



2



3



4

1. Atas de reuniões ABC
2. Caderno de rascunho encontrado no financeiro
3. Estante biblioteca ABC
4. Dossie Paul Rivet

ABC E A SOCIEDADE



ABC E SOCIEDADE

COMUNICAÇÃO DA ABC

• Site da ABC

O ano de 2025 foi um ano de transição para o site oficial da Academia Brasileira de Ciências. Em abril, o site foi transferido para uma versão mais recente do WordPress, o que demandou um esforço robusto para correção de problemas.

Outra consequência da atualização foi a interrupção da alimentação de dados da navegação no site para o Google Analytics nos meses de abril e maio, plataforma tradicionalmente utilizada para acompanhar os números do site. Dessa forma, os dados apresentados abaixo não incluem esses dois meses.

Do total de usuários, 57% chegaram à ABC por buscas orgânicas, em sua imensa maioria pelo Google; 35% chegaram através de buscas diretas pela URL da ABC; e os 8% restantes através de links para a ABC em sites externos (3,2%); de redes sociais (2,8%), e de e-mails enviados pela ABC (1,1%).

As cinco cidades com mais acessos ao site da ABC são: São Paulo (12,4%), Rio de Janeiro (8,6%), Belo Horizonte (2,9%), Brasília (2,6%) e Porto Alegre (2,1%).

As matérias de 2025 mais acessadas do site da ABC foram:

Velhos e novos doutorados:
artigo do Acadêmico Simon
Schwartzman publicado
originalmente no Estadão em
10/01/25



Acadêmica Mariangela
Hungria ganha o “Nobel” da
agricultura mundial



Abertas as inscrições para alunos
participarem do Programa
Aristides Pacheco Leão de
Estímulo a Vocações Científicas
da ABC (PAPL 2025-2026)



Morte do virologista e
Acadêmico Amílcar Tanuri



Artigo do Acadêmico Rodrigo
Tonio, publicado na Folha de S.
Paulo, intitulado “O cancelamento
de Maria Rita Kehl e as armadilhas
do identitarismo



Lançamento do edital 2025-
2026 do PAPL para Acadêmicos
interessados em receber
estudantes em seus laboratórios
nas férias de verão



Resultado da eleição de novos membros da ABC



Resultado da eleição de novos membros afiliados da ABC para mandato 2026-2030



Manifesto da ABC e SBPC sobre a ameaça à sobrevivência das universidades federais que representa o corte orçamentário expresso em decreto que limitou o orçamento



Entrevista do Acadêmico Antonio Gomes, diretor de Avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para a revista Ciência Hoje



Dados: Google Analytics

• Newsletter da ABC (NABC)

Os boletins semanais Notícias da ABC (NABC) obtiveram uma média de 4.251 aberturas e de 247 cliques - pessoas que abriram o e-mail, leram os títulos e as chamadas e clicaram em alguma matéria de interesse.

O boletim com maior número de aberturas foi enviado no dia 4 de abril, com 5.264 aberturas; já o boletim com maior número de cliques foi enviado no dia 27 de janeiro, com 789 cliques.

NABC mais acessada de 2025 dá destaque para webinar Ditadura Nunca Mais



NABC com mais cliques em 2025 inclui uma das matérias mais clicadas no geral, a divulgação do Einstein Foundation Award



Individualmente, os links com mais cliques nas newsletters enviadas foram:

Divulgação do Fórum de Academias de Ciências dos BRICS 2025, organizado pela ABC



Resultado da eleição de novos membros da ABC em 2025



Editorial de 31 de janeiro do Jornal da Ciência, escrito pelo Acadêmico Renato Janine Ribeiro, presidente da SBPC: "Deepseek e a rasteira na OpenAI"



NABC com mais cliques em 2025 inclui uma das matérias mais clicadas no geral, a divulgação do Einstein Foundation Award



Novos membros brasileiros eleitos para a TWAS



Dados: Egoi

• Instagram

Em 2025, a ABC teve um aumento expressivo de **93,9%** no alcance, com um total de **1,558 milhão**. Ou seja: **dobrou** o número de visualizações!

A Academia também alcançou um aumento de 33,5% no número de seguidores de 2024 para 2025, totalizando 24.366 seguidores. O crescimento no Instagram, além de expressivo, seguiu o objetivo de aproximar um público mais amplo da ABC, por meio de ações como a postagem dos perfis dos novos membros afiliados e colaborações com outras instituições científicas nas redes sociais.

A publicação com mais visualizações foi a nota conjunta da ABC e da SBPC sobre o risco de apagão científico e a proposta de recomposição emergencial das bolsas do CNPq, publicada em 10 de outubro, com um total de 23,7 mil visualizações e 586 curtidas.

Sobre o perfil dos nossos seguidores, as mulheres seguem sendo o principal público da ABC no Instagram, representando 57,1%, enquanto os homens correspondem a 42,9%. Rio de Janeiro e São Paulo ainda concentram a maioria dos seguidores.

Dados: Meta Business Suite

Nota conjunta da ABC e SBPC sobre o risco de apagão científico e a proposta de recomposição emergencial das bolsas do CNPq



Primeira observação do novo telescópio NSF-DOE Rubin



Celebrando a vida de Jacob Palis"



Lançamento de relatórios da ABC sobre a exploração de petróleo na margem equatorial e microplásticos



• YouTube

No YouTube da ABC, o número de visualizações teve uma queda de 41,6% em relação ao ano anterior. Em 2025, o número de visualizações chegou à marca de 34.720. O canal do YouTube alcançou a marca de 511,1 mil visualizações acumuladas.

As transmissões da ABC em 2024 tiveram 539 visualizações em média, enquanto em 2025 essa média foi de 291 visualizações, o que se pode compreender pelo fato de que as postagens de 2024 estão há mais tempo no ar, isto é, tiveram mais tempo para serem visualizadas, e o fato fundamental de que a quantidade de vídeos e transmissões realizadas pelo canal do YouTube da ABC em 2025 foi de dois terços da de 2024: foram 62 conteúdos publicados em 2024, enquanto em 2025 foram 43.

Entre os vídeos novos produzidos pela ABC em 2025, o mais visto foi "Primeira observação do novo telescópio NSF-DOE Rubin", evento realizado na sede da Academia Brasileira de Ciências, em 23 de junho, com transmissão ao vivo. Além disso, o evento contou com palestras sobre o projeto e a participação brasileira, seguidas de um painel de debates com autoridades científicas.

Em segundo lugar, ficou a gravação do evento "Celebrando a vida de Jacob Palis", também realizado na sede da ABC, em 5 de dezembro. A celebração reuniu amigos, alunos e pessoas que conviveram com o professor Palis, para compartilhar lembranças e homenagens.

Em terceiro lugar, ficou o lançamento de relatórios da ABC sobre a exploração de petróleo na margem equatorial e microplásticos, evento realizado na ABC, em 7 de agosto.

- **Facebook**

O número de seguidores da ABC no Facebook em 18 de dezembro de 2025 era de 50.224, representando uma redução de aproximadamente 1,5% em relação a 2024. Essa redução segue a lógica de que o Facebook vem, aos poucos, deixando de ser utilizado pelas gerações mais jovens.

Em 2025, a página alcançou um total de 223,5 mil visualizações.

Dados: Meta Business Suite

- **X (antigo Twitter)**

No X (antigo Twitter), o número de seguidores em 2025 foi de 73.280, representando uma diminuição de aproximadamente 5,2% em relação a 2024. A queda observada deve ser compreendida dentro do contexto brasileiro de reconfiguração do consumo de redes sociais. Nos últimos anos, parte significativa do público migrou para plataformas com maior apelo audiovisual e algoritmos mais favoráveis ao alcance orgânico, como o Instagram, enquanto redes como o Twitter/X se tornaram mais “nichadas”, passando a registrar estagnação ou retração no número de usuários ativos.

- **ABC na Mídia**

A Corcovado Comunicação Estratégica, agência especializada nas áreas de ciência e educação, atua, desde 2021, na Assessoria de Imprensa da Academia Brasileira de Ciências. O trabalho visa aumentar a visibilidade da ABC, sua Diretoria e membros na imprensa nacional e especializada, bem como fortalecer a divulgação de notas públicas, eventos, estudos e demais materiais produzidos pela entidade junto a grande mídia

Em 2025, entre janeiro e dezembro, foram mais de 5.250 matérias, entrevistas e artigos publicados na imprensa com menções à ABC, em veículos como **TV Globo, GloboNews, Folha de S.Paulo, Estadão, O Globo, Valor Econômico, G1, Metrôpoles, Revista Veja**, entre outros.

Seguem alguns destaques do ano:

- Artigos da presidente Helena Nader no O Globo, sobre Amazônia, com Adalberto Val, e na Folha, sobre orçamento das universidades federais

Não temos tempo a perder:
Amazônia já! (O Globo, 13/5)



Recurso para universidade
pública é investimento, não
privilégio (Folha, 3/6)



- Divulgação de eventos, como a Reunião Magna, Fórum de Academias dos BRICS, Conferência Geral da TWAS e o Chamado Científico para a COP30, com entrevistas em grandes veículos como Folha de S.Paulo, Veja, UOL, Agência Brasil, matérias em vários canais de TV, destaque a declarações oriundas dos eventos em veículos como Veja, Folha, Agência Brasil e outros.

Em palestra na Reunião Magna da ABC, pioneiro em estudos sobre impactos do desmatamento, Bill Laurance aponta riscos do que chama de 'projetos de infraestrutura mal planejados' (Folha, 6/5)



Declaração do Fórum de Ciências do Brics aponta risco de perda de oportunidades de desenvolvimento se não houver esforços direcionados (Folha, 25/6)



Em declaração conjunta para nortear as discussões na cúpula dos líderes do BRICS, Fórum de Academias de Ciências do BRICS incentiva cooperação científica e programas de IA (VEJA, 25/6)



Academias de Ciências do Brics propõem rede de soluções para o clima (Agência Brasil, 25/6)



Não há futuro econômico sem ciência, diz líder de fórum do Brics, Helena Nader (rádio da Agência Brasil, 3/7)



Exploração de petróleo na margem equatorial demanda mais estudos e salvaguardas, diz Academia Brasileira de Ciências (Folha, 7/8)



Em reunião da TWAS no Rio de Janeiro, organizada pela ABC, a presidente Quarraisha Abdool Karim, referência mundial em HIV, fala à VEJA sobre prevenção, negacionismo e avanços rumo à possível cura da doença (VEJA, 2/10)



- Divulgação de relatórios e demais documentos produzidos por GTs, como o que abordou petróleo na margem equatorial e o problema dos microplásticos

Relatório faz recomendações contra impactos dos microplásticos (TV Brasil/EBC, 7/8)



ABC e SBPC criticam ausência do setor na organização da COP30 e pedem que Ministério da Ciência e Tecnologia integre órgão que promove conferência da ONU (Folha 2/2)



- Divulgação de posicionamentos da ABC, como carta em fevereiro ao governo pedindo a inclusão da ciência na organização da COP30, destaque na coluna Painel, da Folha; pedido para revisão do orçamento, na Veja; apoio à Lígia Bahia, alvo de processo no CFM, na Carta Capital; notas sobre crise orçamentária, entre outros.

ABC e SBPC apelam ao relator do Orçamento de 2025 pedindo que ele aumente o orçamento previsto para o CNPq (VEJA, 25/2)



ABC manifesta total apoio à médica Ligia Bahia, alvo de processo pelo Conselho Federal de Medicina (Carta Capital, 13/2)



ABC e SBPC alertam que crise orçamentária ameaça paralisar unidades de pesquisa do Ministério da Ciência (Folha, 9/9)



- Participação de Helena Nader no programa Opinião, da TV Cultura, sobre meninas e mulheres na ciência

Helena Nader: O apagamento das mulheres na história
(Programa Opinião, 7/3)



- Entrevistas com Helena Nader após a reeleição, como na Carta Capital, Agência Brasil, Ciência Hoje e outros

Helena Nader: Fundo nacional não dá conta sozinho; é preciso excluir a ciência do teto de gastos
(Carta Capital, 27/4)



Helena Nader: 'Ciência é investimento, não é gasto'
(Ciência Hoje 421 / junho 2025)



- Participação de Helena Nader como entrevistada no podcast Pesquisa Brasil, da revista Pesquisa Fapesp

Helena Nader: "É surpreendente a evolução da ciência chinesa em termos de qualidade. Não temos como competir, mas temos como colaborar, contribuir em algumas áreas e muito a aprender."
(Podcast Pesquisa Brasil, 19 /12)



ABC E A POLÍTICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Além de reconhecer a excelência na comunidade científica, a ABC também tem como missão defender a ciência, a tecnologia e a inovação (CT&I). Para tanto, luta por orçamento estável, denuncia desinformação e negacionismo e busca proteger os direitos humanos, o meio ambiente, democracia e a soberania, ancorada em evidências e na convicção de que não há desenvolvimento sustentável sem CT&I forte e comprometido com a democracia e a justiça social.

JANEIRO

24/01

Audiência pública sobre moderação das redes sociais

A audiência pública convocada pela Advocacia Geral da União (AGU) em 22 de janeiro debateu o impacto das mudanças da Meta em suas políticas de moderação, especialmente o fim da checagem de fatos nos EUA, que pode estimular retrocessos em outros países. Representando a ABC, que foi convidada pela AGU a participar, o então vice-presidente da ABC para MG e Centro-Oeste, Virgílio Almeida, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), alertou que o alinhamento das *big techs* ao novo governo norte-americano ameaça a soberania brasileira e pode ampliar desinformação, discurso de ódio e polarização, além de agravar o negacionismo científico e a circulação de tratamentos falsos.

Para fortalecer a posição do Brasil, Almeida propôs ações em três áreas: governança digital, com avanço legislativo e uso de regulações infralegais; governança dos algoritmos, priorizando transparência, auditoria e participação social; e governança dos dados pessoais, garantindo respeito à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Ele também defendeu mais investimento em pesquisa digital e IA e maior acesso de pesquisadores a dados e algoritmos. Por fim, destacou a importância de alianças com democracias que já avançam em regulações, como União Europeia e Austrália.

FEVEREIRO

03/02

ABC e SBPC repudiam ataques do Conselho Federal de Medicina à pesquisadora

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) manifestaram solidariedade à professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e conselheira da SBPC, Ligia Bahia, contra ataques do Conselho Federal de Medicina (CFM). O CFM abriu um processo exigindo retratação e indenização por críticas feitas por ela ao posicionamento do Conselho durante a pandemia, incluindo sua postura frente à vacinação contra a covid-19, o apoio ao uso de cloroquina e a oposição à legislação que garante aborto para crianças vítimas de estupro.

A ABC e a SBPC reiteraram que as declarações de Ligia Bahia refletem consensos científicos amplamente reconhecidos no Brasil e no mundo e que ao tentar puni-la por defender evidências científicas, o CFM se afasta dos princípios que sustentam a ciência, a liberdade de expressão e a vida democrática. A ABC e a SBPC ressaltaram a trajetória exemplar da médica sanitária em defesa da ciência e da saúde pública.

Mais de 50 entidades científicas subscreveram a nota no dia seguinte à divulgação da nota. O documento também teve repercussão na imprensa nacional, em jornais como O Globo e a Folha de S. Paulo.

20/02

FNDCT no PLOA 2025: ABC, SBPC e Anpei manifestam preocupação

A Academia Brasileira de Ciências (ABC), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (Anpei) enviaram uma carta aos ministros da área econômica e de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) solicitando a revisão da Projeção de Arrecadação do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) no Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA 2025). As entidades alertam que a projeção está subestimada e não reflete o crescimento real da arrecadação do fundo, que passou de R\$ 5,8 bilhões em 2018 para R\$ 16,7 bilhões em 2024, mesmo com a Desvinculação de Receitas da União (DRU). Essa discrepância pode comprometer programas estratégicos e violar a Lei Complementar nº 177/2021, que impede contingenciamentos e assegura o uso integral dos recursos. A carta ressalta que investimentos em ciência e inovação impulsionam competitividade, exportações e políticas como a Nova Indústria Brasil. Por isso, as instituições pedem o ajuste da projeção para garantir plena disponibilidade dos recursos do FNDCT.

25/02

O apelo da comunidade científica ao relator do Orçamento de 2025

Matéria da revista VEJA destaca carta conjunta enviada pela Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em nome da comunidade científica do país ao senador Angelo Coronel (PSD-BA), relator-geral do projeto da Lei Orçamentária Anual de 2025. O objetivo era que ele aumentasse o orçamento destinado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Lei Orçamentária Anual (LOA) deste ano (1,948 bilhão de reais), que ainda estava pendente de votação. A ABC e a SBPC manifestaram “profunda preocupação” com a proposta orçamentária para o CNPq, dado que o valor previsto representa uma redução significativa em relação a anos anteriores, “comprometendo gravemente a continuidade e a expansão da ciência e da tecnologia em nosso país”. Em 2024, foram destinados 2,021 bilhões de reais para a instituição, ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).



Acesse a notícia no site da revista VEJA

26/02

Nota de agradecimento da ABC e SBPC a Nísia Trindade

A ABC e a SBPC agradeceram à Acadêmica Nísia Trindade Lima, primeira mulher a comandar o Ministério da Saúde, pela gestão exemplar. Em 25 meses, ela reconstruiu uma pasta devastada pelo governo anterior, restabelecendo o protagonismo do Ministério da Saúde na implementação das políticas do SUS, além de promover a ampliação do programa Farmácia Popular. Sob sua liderança, a população voltou a ter esperança e confiança nas políticas públicas de saúde, na ciência que garante vacinas, na gestão epidemiológica e no apoio a populações vulneráveis.

A gestão de Nísia também reativou o Complexo Econômico e Industrial da Saúde (CEIS), essencial para reduzir a dependência externa de insumos e medicamentos. Para a ABC e a SBPC, reconstruir em pouco mais de dois anos o que foi abandonado por seis anos é um feito notável. As entidades expressaram profunda gratidão à ministra por sua competência e compromisso com a saúde pública.

MARÇO

12/03

ABC divulga declaração sobre ameaças à Ciência e Educação nos EUA

A ABC expressou em nota pública profunda preocupação diante dos recentes ataques à ciência e à educação nos EUA, que incluem cortes severos no financiamento à pesquisa, censura a estudos sobre clima, desigualdades, gênero, saúde pública e medicina, além do desmonte de políticas de diversidade, equidade e inclusão. A redução de recursos e de pessoal em instituições como o Instituto Nacional de Saúde (NIH), a Agência de Proteção Ambiental (EPA), o Departamento de Agricultura (USDA), o Departamento de Energia (DOE) e a NASA compromete a capacidade global de enfrentar pandemias, crises climáticas, segurança alimentar e avanços tecnológicos.

A ABC também alerta para os efeitos negativos da interrupção de colaborações internacionais e da saída dos EUA de organismos multilaterais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Conselho de Direitos Humanos da ONU (UN HRC). A Academia

reafirma sua solidariedade aos profissionais afetados e destaca que o enfraquecimento da ciência em qualquer país prejudica toda a humanidade.

14/03

ABC discute modernização do ensino com professores da UFSC

A Academia Brasileira de Ciências apresentou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) seu documento “Um Olhar sobre o Ensino Superior no Brasil”, elaborado por um GT da Academia para enfrentar a queda na procura por cursos universitários e fortalecer a formação em áreas estratégicas. Entre as propostas estão a criação de faculdades federais dedicadas exclusivamente ao ensino, centros de formação para setores estratégicos e a ampliação do ensino técnico e do EaD público. A discussão contou com os Acadêmicos Helena Bonciani Nader, Renato Janine Ribeiro e Álvaro Prata.

Renato Janine elogiou o foco no EaD, mas criticou sua fragmentação, defendendo modelos nacionais de EaD para cada disciplina. O reitor Irineu Manoel de Souza alertou para riscos de interpretações que reforcem ataques às universidades públicas, enquanto o pró-reitor Jacques Mick questionou a viabilidade financeira das propostas e destacou a necessidade de valorizar a docência. Prata ressaltou que o documento apresenta diretrizes abertas e que “escolher não mudar é a pior opção”.

31/03

Ditadura nunca mais: ABC e SBPC marcam os 61 anos do golpe

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência marcaram os 61 anos do golpe de 1964 com o debate “Do Golpe Militar de 64 ao 8 de Janeiro de 2023”. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, afirmou que a data exige “reflexão permanente de todos os defensores da democracia e do Estado de Direito”. O encontro ocorreu logo após o STF aceitar a denúncia contra Jair Bolsonaro pela tentativa de golpe de 2022. O então presidente da SBPC, Renato Janine Ribeiro, destacou que o Brasil nunca ajustou contas com sua cultura golpista e elogiou o Judiciário por promover responsabilização: “Tentar um golpe é crime”.

Os especialistas Alfredo Attié e Juremir Machado da Silva analisaram a repetição histórica de rupturas, desde as conspirações pré-1964 até o 8 de janeiro de 2023, impulsionadas pela crença na ilegitimidade das urnas. Criticaram resquícios autoritários como o artigo 142, a autonomia militar e a fragmentação da segurança pública. Para Juremir, “a democracia está em perigo e precisa ser defendida todos os dias”.

31/03

Pela ampliação da cota de isenção de importação do CNPq

A Academia Brasileira de Ciências, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência enviaram carta à ministra Luciana Santos, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, manifestando grande preocupação com a redução da cota anual de isenção de importação destinada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As entidades explicam que essa cota é essencial para a aquisição de materiais importados imprescindíveis às pesquisas, mas vem sendo insuficiente há anos. Destacam que a cota caiu de 400 milhões de dólares em 2023 para 265 milhões em 2024 — valor esgotado já na metade do ano — e que a previsão para 2025 é ainda menor, de apenas 229 milhões.

Alertam que manter esses valores causará prejuízos irreparáveis à pesquisa científica. Por isso, solicitam a atualização emergencial da cota para pelo menos 500 milhões de dólares e a eliminação de barreiras burocráticas que dificultam o avanço da ciência no país.

ABRIL

09/04

Carta da ABC e SBPC em defesa da ciência e da Faperj

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência manifestaram profunda preocupação com declarações do governador Claudio Castro, que desqualificaram o trabalho da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e atacaram a comunidade científica. As entidades destacaram que a Faperj cumpre a Lei Estadual nº 5.448/2009, que lhe garante 2% da arrecadação líquida do estado, e afirmam que a acusação de que “95% da verba não gera resultados” é falsa e desrespeitosa. Projetos financiados pela Fundação têm impacto direto na saúde, no meio ambiente, na indústria, na prevenção de desastres, na inovação tecnológica e na formulação de políticas públicas, incluindo contribuições decisivas durante a pandemia de Covid-19.

A SBPC e a ABC também repudiaram a alegação de que a comunidade científica se opôs à nomeação de uma mulher para a presidência da Faperj, afirmando tratar-se de distorção que ignora preocupações legítimas sobre a política científica do estado. As entidades reiteraram a importância de fortalecer a Faperj e conclamam o governador a cumprir o compromisso público de respeitar a ciência fluminense.

MAIO

14/05

ABC contra PL da Alesp sobre extinção da carreira de Pesquisador Científico

A Academia Brasileira de Ciências enviou carta ao governador Tarcísio Gomes de Freitas manifestando preocupação com o Projeto de Lei Complementar nº 9/2025, em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp). O PLC prevê a extinção da carreira de Pesquisador Científico, criada pela Lei Complementar nº 125/1975, e a revogação do Regime de Tempo Integral (RTI), pilares do sistema paulista de ciência, tecnologia e inovação. A ABC alerta que a retirada do RTI e sua substituição por jornada de 40 horas comprometeriam a qualidade, continuidade e dedicação exigidas pela pesquisa, afetando também a formação de novos cientistas vinculada à pós-graduação e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A carta defende reformas baseadas em diálogo com instâncias técnicas, como a Comissão Permanente do Regime de Tempo Integral (CPRTI), e solicita a retirada do PLC 9/2025 da Alesp, propondo um processo participativo para preservar e fortalecer a ciência paulista.

15/05

Sobre PL do licenciamento ambiental

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência enviaram carta ao presidente do Senado Federal, Davi Alcolumbre, solicitando o adiamento da votação do Projeto de Lei nº 2159/2021, que trata do licenciamento ambiental. As entidades afirmaram que a votação iminente impediria a participação adequada da sociedade civil e da comunidade científica e alertaram que análises técnicas indicaram que o PL enfraqueceria um retrocesso significativo na proteção ambiental, sob o pretexto de agilizar procedimentos. Destacaram que as evidências científicas e os recentes desastres socioambientais mostraram que mudanças climáticas, perda de biodiversidade e degradação dos biomas já comprometiam o desenvolvimento e a segurança da população. Argumentaram ainda que a tramitação acelerada poderia gerar judicialização e desgaste institucional. Às vésperas da COP 30, afirmaram que a aprovação do PL mancharia os esforços brasileiros em sustentabilidade e pediram que o Senado considerasse as preocupações da ciência em defesa do meio ambiente equilibrado garantido pela Constituição.

30/05

Carta aberta em solidariedade a Marina Silva

A Academia Brasileira de Ciências divulgou carta aberta em solidariedade à ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, repudiando os ataques misóginos que ela havia sofrido no Senado Federal. O texto destacava que a luta pela equidade de gênero no mundo do trabalho permanecia inacabada e que ataques dessa natureza não atingiam apenas a ministra, mas todas as mulheres que ocupavam espaços de liderança com coragem e competência. A ABC enfatizou a trajetória exemplar de Marina Silva — ex-senadora, ex-ministra e atual ministra — reconhecida internacionalmente com prêmios como o Goldman de Meio Ambiente (1996), o Sophie Prize (2004) e o título de “Campeã da Terra” da ONU (2007). Reafirmava, ainda, que episódios de violência simbólica contra mulheres não podiam ser naturalizados. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, expressou solidariedade pessoal e institucional, defendendo a ciência, a democracia e a igualdade de gênero.

JUNHO

13/06

Entidades da ciência se reúnem para tratar de julgamento importante para o FNDCT

Em 12 de junho, representantes da ABC, da SBPC e de entidades científicas e industriais reuniram-se em Brasília com a ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Luciana Santos, para defender a manutenção da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre remessas ao exterior. O Supremo Tribunal Federal (STF) julgaria recurso que questionava a constitucionalidade da cobrança, alegando desvio de finalidade devido ao antigo represamento de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) — prática proibida pela Lei Complementar nº 177/2021. Embora o relator tenha reconhecido que desvios não invalidavam a norma, propôs restringir a Cide apenas à importação de tecnologias físicas, excluindo *royalties* e

direitos autorais. A ABC, a SBPC e a Confederação Nacional da Indústria (CNI) alertaram que “transferência tecnológica” incluía conhecimento e ativos intangíveis e que a Cide respondia por 74% do FNDCT.

24/06

Manifesto da ABC sobre compromisso ambiental e com os ODS

A Academia Brasileira de Ciências transformou em manifesto público a carta enviada em parceria com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência ao presidente do Senado, diante da iminente votação do Projeto de Lei nº 2159/2021, que alteraria regras do licenciamento ambiental. No documento, datado de 24 de junho de 2025, a ABC alertava que a aprovação acelerada de um projeto com impactos tão amplos, sem debate adequado com a sociedade e a comunidade científica, ameaçava o futuro do país. Afirmou que o PL enfraqueceria instrumentos essenciais de proteção ambiental sob a falsa promessa de eficiência, ignorando evidências sobre riscos aos biomas, à segurança da população e ao desenvolvimento sustentável. Reiterou o apelo ao Senado para que suspendesse a votação e garantisse um processo de discussão qualificado, transparente e baseado em evidências — especialmente às vésperas da COP 30, quando compromissos ambientais assumidos internacionalmente estão em foco.

26/06

Sobre a Cide: STF pode apostar no conhecimento ou no retrocesso fiscal

Em 25 de junho, os Acadêmicos Sonia Bao (representando a Academia Brasileira de Ciências – ABC), Renato Janine Ribeiro (presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC) e Fernanda Sobral (diretora da SBPC) reuniram-se com o ministro Luís Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), para discutir a constitucionalidade da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre remessas ao exterior. Em artigo no O Globo, Helena Bonciani Nader (ABC), Renato Janine e Ricardo Alban (CNI) destacaram que a Cide é responsável por 74% do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), principal fonte de financiamento da ciência, inovação e infraestrutura laboratorial do país. A eventual restrição da Cide pelo STF pode comprometer investimentos estratégicos, inclusive em áreas como inteligência artificial e monitoramento climático. As entidades afirmam que, na era do conhecimento, a Cide é pilar da soberania científica e tecnológica do Brasil e defendem sua manutenção abrangente como instrumento essencial de desenvolvimento nacional.

JULHO

14/07

Em defesa da soberania nacional, da democracia e dos interesses científicos e econômicos do Brasil

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência divulgaram manifesto conjunto expressando profundo repúdio às ações recentes do governo dos Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, consideradas uma afronta à soberania nacional, à democracia brasileira e à estabilidade internacional. As entidades destacam as ameaças de tarifas punitivas e barreiras comerciais unilaterais contra produtos estratégicos do Brasil, medidas que prejudicariam setores essenciais

da economia e violariam princípios do comércio justo e das normas da Organização Mundial do Comércio (OMC). Denunciaram também pressões políticas que configuram ingerência indevida em assuntos internos do Estado brasileiro, violando o princípio da autodeterminação dos povos. A ABC e a SBPC reafirmaram o papel central da ciência para a soberania e manifestaram apoio ao Governo Brasileiro em suas ações legítimas de defesa dos interesses nacionais. Conclamaram a sociedade a proteger a democracia, os direitos e a independência do país.

16/07

Proposta à Casa Civil sobre uso dos recursos do FNDCT

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) entregaram à Casa Civil da Presidência da República uma proposta conjunta sobre o uso dos novos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), durante reunião com o secretário especial Bruno Moretti, em 3 de julho. As entidades apresentaram recomendações para aprimorar os critérios de contrapartida nas operações de crédito incentivado, no contexto da aprovação do Projeto de Lei nº 847/2025, que ampliaria recursos administrados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). A proposta defende critérios públicos de risco tecnológico, parcerias obrigatórias com Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs), estímulo ao conteúdo local, registro de propriedade intelectual no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) e redução de desigualdades regionais, com meta mínima de 20% dos recursos para Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A ABC e a SBPC também pediram a implementação da divisão orçamentária de 60% para operações não reembolsáveis e 40% para reembolsáveis no PLOA 2026, conforme deliberação do Conselho Diretor do FNDCT e recomendação do Tribunal de Contas da União (TCU).

17/07

Sobre a aprovação do PL 2159/2021

As entidades acadêmicas e científicas brasileiras manifestaram profunda preocupação com a aprovação, pela Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei nº 2159/2021, que flexibiliza as regras de licenciamento ambiental. Consideram que a decisão trará impactos gravíssimos ao meio ambiente e comprometerá os compromissos internacionais do Brasil em sustentabilidade — especialmente às vésperas da COP 30, em Belém. Para as entidades, o chamado “PL da devastação” contraria o conhecimento científico e a posição historicamente defendida pelo país em fóruns globais sobre mudanças climáticas e preservação ambiental. Elas conclamam a sociedade a repudiar a aprovação e solicitam ao Presidente da República o veto integral do projeto, em defesa da ciência, da democracia ambiental e do futuro sustentável do Brasil. Assinam: Academia Brasileira de Ciências (ABC), Abruem, Andifes, Confap, Confies, Conif, Consecti, Ibrachics e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

28/07

ABC participa do Ato em Defesa da Soberania Nacional

A Academia Brasileira de Ciências participou do Ato em Defesa da Soberania Nacional, realizado em 25 de julho e convocado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), com a presença de mais de 150 entidades da sociedade civil. A presidente

da ABC, Helena Bonciani Nader, representou a instituição na mobilização, organizada em resposta às tentativas de intimidação e ingerência do governo dos Estados Unidos sobre decisões do judiciário brasileiro. O diretor da Faculdade de Direito da USP, Celso Campilongo, destacou que a defesa da soberania é tão crucial quanto a defesa da democracia. O ato foi encerrado com a leitura da Carta em Defesa da Soberania Nacional pela vice-diretora Ana Elisa Bechara e pela psicóloga e ativista Cida Bento. O documento reafirmava o compromisso constitucional do Brasil com a independência, a não intervenção e a igualdade entre nações, rejeitando qualquer forma de intimidação externa e conclamando a sociedade a defender a soberania nacional.

30/07

Em defesa da soberania nacional e em solidariedade ao ministro Alexandre de Moraes

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência divulgaram nova manifestação em defesa da soberania nacional e em solidariedade ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). Durante a 77ª Reunião Anual da SBPC, em Recife, com mais de 20 mil participantes, as entidades já haviam publicado nota contra ameaças do governo dos Estados Unidos de impor tarifas punitivas ao Brasil, consideradas ações que feriam a soberania e prejudicariam setores estratégicos da economia. Agora, a ABC e a SBPC repudiariam as sanções unilaterais aplicadas pelos EUA ao ministro Alexandre de Moraes, com base na “Lei Magnitsky”, classificando a medida como ingerência inaceitável nos assuntos internos do país e ataque direto ao Poder Judiciário. As entidades afirmaram que Moraes atua de forma rigorosa na proteção da ordem constitucional e reiteraram seu compromisso com a defesa da democracia, da soberania e dos valores éticos que fundamentam a nação brasileira.

AGOSTO

04/08

Carta à Casa Civil sobre o valor da cota de importação do CNPq

A Academia Brasileira de Ciências, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) enviaram carta conjunta ao ministro Rui Costa Pimenta, da Casa Civil da Presidência da República, alertando para o valor insuficiente da cota anual de isenção para importações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As entidades destacaram que essa cota era essencial para a importação de equipamentos, insumos e materiais indispensáveis à pesquisa científica, mas vinha sofrendo reduções sucessivas: de US\$ 400 milhões (2023) para US\$ 265 milhões (2024) e apenas US\$ 229 milhões (2025), valores rapidamente esgotados. Argumentaram que a limitação impediria o pleno uso dos recursos destinados ao Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SINCTI) e comprometeria projetos estratégicos como o Novo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), a Nova Indústria Brasil (NIB), o laboratório de biossegurança máxima Orion e o acelerador de partículas Sirius. Solicitaram recomposição imediata da cota de 2025 e sua elevação a, no mínimo, US\$ 500 milhões em 2026, como condição básica para o desenvolvimento científico nacional.

08/08

Nota de Protesto e Solidariedade diante da Extinção da FCT

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência divulgaram nota de protesto e solidariedade à comunidade científica de Portugal após o anúncio da extinção da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), principal agência pública de fomento à pesquisa do país. Criada em 1997, a FCT foi central para consolidar a ciência como política de Estado, garantindo financiamento estável, avaliação qualificada e suporte estrutural em todas as áreas do conhecimento. As entidades brasileiras alertaram que sua substituição por uma nova agência voltada ao setor produtivo poderia comprometer a autonomia científica e enfraquecer a pesquisa básica, essencial ao desenvolvimento e à soberania. Criticaram também a decisão tomada sem diálogo com a comunidade científica e durante recesso acadêmico. A ABC e a SBPC reafirmaram que a ciência é bem público e pilar da democracia, e se uniram à defesa de financiamento estável, participação científica nas decisões e autonomia das instituições de pesquisa.

14/08

Em vitória para a ciência brasileira, STF mantém a cobrança da Cide

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, em 13 de agosto, manter a cobrança da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre remessas ao exterior, sem restringi-la apenas à importação de tecnologia física. A decisão foi celebrada como vitória pela comunidade científica, já que a Cide responde por 74% do financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), principal instrumento de apoio à ciência, tecnologia e inovação no país. A ABC e a SBPC haviam se manifestado anteriormente em defesa da contribuição. A presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, destacou que a decisão reconhece a centralidade da CT&I para o desenvolvimento nacional e que restringir a incidência da Cide ignoraria a natureza imaterial da tecnologia contemporânea. O caso chegou ao STF após contestação de um ente privado, mas o Tribunal rejeitou limitar a contribuição, preservando sua abrangência e importância para a soberania científica brasileira.

25/08

ABC e SBPC alertam: Unidades de Pesquisa do MCTI correm risco de paralisação

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência alertaram para a grave crise orçamentária que atingia as Unidades de Pesquisa (UPs) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), muitas das quais poderiam paralisar atividades entre agosto e novembro de 2025. Levantamentos mostraram redução de jornada, cortes de contratos, desligamento de equipamentos e suspensão de serviços essenciais. Estavam ameaçadas funções estratégicas como a operação da Hora Legal Brasileira (ON), o monitoramento climático e de desastres (Cemaden, INPE, INPA), a manutenção de infraestruturas de dados (LNCC, CBPF), a preservação de acervos (MAST, MPEG, INPA) e a operação de telescópios internacionais (LNA). As entidades pediram medidas urgentes: créditos adicionais, execução não contingenciada do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e articulação interministerial. Para 2026, solicitaram revisão do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA), planejamento plurianual e mecanismos de estabilidade. Conclamaram Congresso, Executivo e sociedade a agir pela preservação da infraestrutura científica nacional.

09/09

Anistia, Constituição e o Estado de Direito

O debate sobre uma possível anistia aos envolvidos nos ataques de 8 de janeiro de 2023 reacendeu discussões sobre os limites da democracia brasileira. Para Helena Bonciani Nader, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), e Francilene Procópio Garcia, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a questão exigia cautela e respeito ao que estabelece a Constituição Federal de 1988.

Os atos daquele dia, lembraram as instituições em nota pública, divulgada em 09/09, não foram protestos legítimos, mas ataques diretos ao Estado Democrático de Direito, e a resposta firme do Estado foi crucial para evitar a impunidade. Pesquisas mostraram que a maioria da população rejeitava a anistia, e concedê-la agora significaria desautorizar o Judiciário e enfraquecer as instituições. As entidades defenderam que preservar a democracia requer justiça, memória e responsabilidade, não atalhos que abram precedentes perigosos.

A ABC e a SBPC reafirmaram sua confiança na Justiça e seu compromisso inarredável com a defesa da democracia, da ciência, da educação e da soberania nacional.

10/09

Presidente da ABC participa de debate da Associação Brasileira de Avaliação Educacional

Em 10 de setembro, a presidente da Academia Brasileira de Ciências, Helena Nader, participou da XIII Reunião da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Abave), na mesa Modelos de Expansão da Educação Superior no País, ao lado de Abílio Baeta Neves (ex-presidente da Capes), do Acadêmico Naércio Menezes Filho (Insper), Luiz Roberto Curi (presidente do Conselho Nacional de Educação – CNE), Manuel Palácios (presidente do Inep) e Marta Abramo (Seres/MEC). O debate abordou desafios como a baixa eficiência do sistema, crescimento do Ensino a Distância (EaD) e descompasso entre expansão de matrículas e qualidade. Curi destacou a necessidade de políticas que articulem avaliação, regulação e inovação. Palácios defendeu avaliações mais específicas no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Abramo alertou para o enorme número de vagas ociosas. Menezes Filho mostrou que o retorno salarial é maior entre formados em universidades públicas. Nader apresentou recomendações da ABC, incluindo a criação de instituições focadas exclusivamente em ensino, inspiradas nos *Community Colleges* dos EUA, com cursos curtos e voltados às demandas do mercado.

11/09

Definição e Enquadramento das ICTs no Marco Legal de CT&I

A Academia Brasileira de Ciências, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), o Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (Fortec) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência divulgaram Nota Técnica sobre a definição e o enquadramento das Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs) no Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (MLCTI).

O documento revisitou a evolução normativa desde a Lei nº 10.973/2004, ampliada pela Lei nº 13.243/2016, e destacou que a autodeclaração como ICT não garante automaticamente acesso a recursos públicos, que depende do cumprimento de políticas de inovação efetivamente implementadas, conforme a legislação e o Decreto nº 9.283/2018. Diante da proliferação recente de autodeclarações, as entidades recomendaram que o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) editasse Instrução Normativa estabelecendo critérios adicionais — qualificação de pessoal, infraestrutura própria e cumprimento das exigências legais — para assegurar segurança jurídica, integridade do sistema e aplicação adequada de recursos públicos.

15/09

ABC participa de Ato em Defesa da Democracia e da Soberania Nacional

No dia 15 de setembro, a Academia Brasileira de Ciências uniu sua voz à 12ª edição do Direitos Já! Ato em Defesa da Democracia e da Soberania Nacional, que reuniu centenas de pessoas e organizações civis no teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A Academia foi representada por sua presidente, Helena Nader.

Em sua fala, Nader reforçou que a comunidade científica brasileira não aceitaria nada diferente de um “não” à anistia. Ela lembrou dos tempos de ditadura militar, quando a comunidade científica precisava se reunir na clandestinidade, e por isso entende o valor da democracia. “Nós dizíamos aos militares ‘aqui vocês não entram, aqui é da ciência, e a ciência sempre luta pela democracia e pelo Estado de Direito’”, enfatizou.

O ato reuniu lideranças políticas de diferentes espectros partidários, personalidades internacionais, representantes da sociedade civil, artistas, intelectuais, juristas e líderes religiosos. O objetivo foi lançar um chamado coletivo à defesa do Estado Democrático de Direito e da soberania nacional brasileira, em meio a um cenário global de crescentes riscos autoritários.

18/09

Compromisso com a Ciência, a Democracia e a Igualdade perante a Lei

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência expressaram preocupação com a PEC 3/21, conhecida como “PEC das Prerrogativas”, aprovada pela Câmara dos Deputados e vista como uma medida que dificulta a responsabilização criminal de parlamentares. As entidades afirmaram que a proposta feria princípios constitucionais, fragilizava a democracia e comprometia a confiança pública, ressaltando que nenhum cargo pode se colocar acima da Constituição ou do Estado de Direito.

As instituições destacam que o Brasil vive um momento crucial para fortalecer direitos sociais e reduzir desigualdades, o que exige um sistema político íntegro e transparente, no qual todos sejam iguais perante a lei. Por isso, conclamaram o Senado Federal a rejeitar a proposta por considerarem que ela ameaçava a integridade das instituições republicanas. A SBPC e a ABC reafirmaram que permaneceriam vigilantes, defendendo que ciência, educação, cultura e democracia caminhem juntas pela construção de um país mais justo e inclusivo. O documento foi assinado por Helena Bonciani Nader, presidente da ABC, e Francilene Procópio Garcia, presidente da SBPC.

09/10

Risco de apagão científico e necessidade de recomposição

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência expressaram preocupação com o resultado do Edital 049/2024 do CNPq, que atenderia apenas 10,58% da demanda, mesmo com um aumento de 17% nas solicitações em relação ao ano anterior e sem ampliação de recursos. O cenário evidenciava um grave descompasso entre o número de doutores formados e as oportunidades de permanência no sistema de ciência e tecnologia, agravado por políticas insuficientes de contratação no setor público e privado. As bolsas de pós-doutorado permaneciam com valores inadequados, e a falta de programas eficazes de absorção de recursos humanos altamente qualificados ameaçava intensificar o êxodo de talentos — comprometendo pesquisa, inovação e soberania nacional.

A situação tende a piorar em 2026, diante da previsão de orçamento ainda mais restrito para o CNPq. Mesmo com as 5.300 bolsas concedidas conjuntamente por Capes e CNPq, o contraste entre os 25 mil doutores formados por ano e menos de 1.000 bolsas de pós-doutorado do CNPq é alarmante.

A SBPC e a ABC defenderam a recomposição emergencial do orçamento de fomento, o atendimento da demanda reprimida e políticas sólidas de fixação de doutores, medidas essenciais para garantir o futuro da ciência brasileira.

• Em defesa da Constituição e contra a legalização das armas nucleares no Brasil

Em 13 de outubro, a ABC, a SBPC, a Sociedade Brasileira de Física (SBF) e a Sociedade Brasileira de Química (SBQ) manifestaram repúdio à proposta de emenda constitucional que permitiria o desenvolvimento de armas nucleares no Brasil. As entidades lembraram que a Constituição Federal de 1988 determina o uso exclusivamente pacífico da energia nuclear (art. 21, XXIII, “a”), resultado da mobilização histórica de cientistas e movimentos sociais. Revogar essa proteção representaria grave retrocesso, violando tratados internacionais fundamentais, como o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e o Tratado de Tlatelolco, colocando o país em risco de isolamento diplomático e perda de credibilidade.

As armas nucleares são definidas como instrumentos de destruição em massa, incompatíveis com a ética, a ciência e a vida, além de envolverem custos astronômicos que desviariam recursos de áreas essenciais como educação, saúde, ciência e inovação — pilares reais da soberania nacional. A justificativa de “dissuasão estratégica” é classificada como tecnicamente frágil e eticamente inaceitável.

As entidades conclamaram o Congresso Nacional a rejeitar integralmente a PEC e reafirmar o compromisso do Brasil com a paz, a democracia e o uso responsável da energia nuclear, mantendo o país alinhado à sua tradição diplomática e ao espírito da Constituição.

Carta à Lula: defesa da ciência como pilar da soberania nacional

A Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência enviaram ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva a carta “Em defesa da ciência brasileira como pilar da soberania nacional”, alertando para a fragilidade orçamentária do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e propondo ações imediatas para evitar o colapso da pesquisa no país. As entidades ressaltaram que, apesar de avanços recentes como o descontingenciamento do FNDCT, o sistema operou sob forte instabilidade: entre 2016 e 2022, quando ciência e educação perderam mais de 40% do orçamento, resultando em paralisação de laboratórios, fuga de cérebros e descontinuidade de programas estratégicos. CNPq e Capes dispunham então de cerca de 35% menos recursos do que em 2015, com mais de 100 mil bolsas não concedidas, enquanto universidades e institutos federais operavam com apenas 70% do custeio de 2019.

A carta defendia que o país deveria transformar o financiamento da ciência em política de Estado, desvinculando CT&I das restrições do arcabouço fiscal e garantindo previsibilidade plurianual. Para isso, ABC e SBPC propuseram três eixos centrais: crédito suplementar emergencial para garantir a continuidade das atividades de CNPq, Capes e instituições federais; recomposição e blindagem plurianual do orçamento de CT&I; e retirada da ciência e da educação do arcabouço fiscal, seguindo modelos adotados por países como Alemanha, Coreia do Sul e Chile.

24/10

SBPC, ABC e SBC defendem soberania digital e energética no Brasil

A ABC, a SBPC e a Sociedade Brasileira de Computação (SBC) divulgaram, em 24 de outubro, uma nota conjunta criticando o Regime Especial de Tributação para Serviços de Data Center (Redata) proposto pelo Ministério da Fazenda. As entidades alertaram que o programa oferecia energia limpa, território e incentivos fiscais a plataformas estrangeiras sem exigir contrapartidas compatíveis com o interesse público, permitindo que controle de dados, tecnologias e lucros permanecessem fora do país — um movimento descrito como “colonialismo digital”.

Segundo as entidades, o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBI-A) determina que o Brasil deve reduzir sua dependência de servidores estrangeiros e desenvolver *data centers* nacionais, verdes, descentralizados e sob jurisdição brasileira. O Redata, porém, caminharia na direção contrária ao transferir infraestrutura crítica para empresas estrangeiras com poucas exigências de P&D e baixa reserva de capacidade ao mercado interno.

A nota afirmava que soberania digital e energética são inseparáveis e que o Brasil, detentor de uma das matrizes elétricas mais limpas do mundo, teria condições únicas para liderar uma transição digital verde baseada em infraestrutura própria. Experiências internacionais — como padrões ambientais rígidos adotados por União Europeia, Alemanha, China e Chile — demonstraram que incentivos devem vir acompanhados de metas de eficiência energética, neutralidade climática e supervisão pública.

As entidades defenderam que o país produza sua própria nuvem, por meio de *data centers* públicos e híbridos ligados a universidades, institutos de pesquisa e empresas nacionais, garantindo segurança, autonomia tecnológica e proteção de dados estratégicos.

03/11

Quando o Estado esquece a vida – uma alerta da ciência brasileira

A SBPC e a ABC manifestaram profunda indignação diante da operação policial realizada em 28 de outubro nos complexos da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro, considerada a mais letal da história recente, com mais de cem mortos — majoritariamente moradores de favelas. As entidades afirmaram que o Estado, em vez de garantir direitos, atuou como força de extermínio, repetindo um histórico de tragédias como Carandiru, Alemão (2007) e Jacarezinho. Destacaram que políticas de segurança descoladas de evidências científicas produzem morte sistemática em territórios marcados por pobreza e raça, lembrando que 86% das vítimas de ações policiais no Rio são negras.

A nota reforçou que a ciência não pode ser neutra diante da violência e denunciou uma política racializada de extermínio, também criticada por entidades como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). As organizações questionaram a legitimação pública da ofensiva — expressa na cobertura midiática e no apoio nas redes —, alertando que a popularidade de uma tragédia não a torna aceitável e que jornalismo sem investigação legitima narrativas oficiais.

A SBPC e a ABC exigiram investigação independente, transparência imediata sobre mortos e desaparecidos, reparação às famílias e reconstrução dos serviços públicos nas comunidades atingidas. Defenderam a revisão urgente da política de segurança pública, substituindo a lógica da guerra pela da prevenção e cidadania, e reiteraram que toda morte é um fracasso coletivo. Reafirmaram, por fim, o compromisso da ciência com a vida, a democracia e a verdade.

16/11

Entidades científicas alertam para risco de colapso no financiamento da pesquisa pública

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgaram um posicionamento conjunto alertando para a necessidade urgente de recomposição do orçamento da pesquisa pública no Brasil. O documento partiu de declaração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que reafirmou a ciência e a tecnologia como pilares da soberania nacional, mas destacou que o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2026 contrariava esse princípio ao reduzir recursos essenciais para a pesquisa básica.

Apesar do crescimento nominal do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), o texto apontava cortes significativos no fomento e nas bolsas do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além da ausência de correção inflacionária das bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). As Unidades de Pesquisa do MCTI também estariam enfrentando forte estrangulamento orçamentário, operando abaixo do mínimo necessário para manter suas atividades.

Segundo a ABC e a SBPC, mesmo após articulação com o Congresso para recompor parte desses recursos, o processo de consolidação do orçamento resultou em novos cortes, o



Acesse a nota sobre recomposição urgente do orçamento de pesquisa no Brasil

que poderia levar o sistema nacional de ciência e tecnologia a uma situação ainda mais crítica do que a proposta originalmente enviada pelo Executivo. O cenário comprometia a formação de recursos humanos, a manutenção de laboratórios e a capacidade do país de responder a desafios estratégicos em saúde, energia, meio ambiente e inovação.

As entidades reconheceram a importância da responsabilidade fiscal, mas alertaram que o atual modelo de ajuste tem penalizado investimentos com alto retorno econômico e social. Ao final, solicitaram ao relator-geral do PLOA 2026 a apresentação de emendas que recompusessem, ao menos no patamar mínimo, os orçamentos do CNPq, da Capes e das Unidades de Pesquisa do MCTI, como condição indispensável para preservar o futuro científico e o desenvolvimento soberano do Brasil.

18/11

Brasil se une contra farsa anticiência que ameaça vacinas e explora a população

A Academia Brasileira de Ciências (ABC), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e o Ministério da Saúde (MS) repudiaram a divulgação da falsa “síndrome pós-spike”, inexistente na literatura científica. A posição é reforçada por órgãos como Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Organização Mundial de Saúde (OMS), Administração de Alimentos e Medicamentos (FDA, sigla em inglês) e Agência Europeia de Medicamentos (EMA, sigla em inglês). A nota alertou que profissionais têm usado essa farsa para lucrar, oferecendo cursos e tratamentos ineficazes, violando o Código de Ética Médica e colocando a população em risco. O Ministério da Saúde, em parceria com a Advocacia Geral da União (AGU), afirmou que adotaria medidas jurídicas para conter essas práticas. As entidades reiteraram que as vacinas são seguras e salvaram milhões de vidas, e que negacionismo ameaça a saúde pública. Conclamaram a sociedade a buscar fontes confiáveis e defender a vacinação como bem coletivo.

DEZEMBRO

16/12

Nota Técnica propôs estratégia para autonomia brasileira em terras-raras

A ABC emitiu Nota Técnica conjunta com a SBPC, a Sociedade Brasileira de Química (SBQ), a Sociedade Brasileira de Geologia (SBG) e a Sociedade Brasileira de Física (SBF) com diagnóstico da posição do Brasil na cadeia produtiva de terras-raras e recomendações para alcançar autonomia tecnológica em setores estratégicos como energia, saúde e defesa. Essenciais para turbinas eólicas, veículos elétricos, equipamentos médicos, catalisadores e sistemas de defesa, esses materiais são considerados ativos estratégicos no contexto da transição energética e das mudanças geopolíticas globais.

Apesar de deter cerca de 23% das reservas mundiais e ter iniciado a produção em argilas iônicas em 2024, o Brasil ainda não dominaria as etapas de maior valor agregado — separação química, metalurgia e fabricação de ímãs permanentes. Como resultado, permaneceria dependente da importação de produtos estratégicos, o que ampliaria a vulnerabilidade do país em áreas sensíveis do planejamento energético, da saúde e da defesa.

O documento destacava que a base científica nacional é robusta. Universidades e centros de pesquisa, em articulação com unidades do MCTI, já desenvolveram rotas laboratoriais

eficazes para separação e purificação de terras-raras, inclusive com protótipos de ímãs NdFeB no âmbito do INCT Terras-Raras. O principal gargalo identificado, em convergência com estudos do CGEE, era a ausência de plantas-piloto e unidades de demonstração para a transição à escala industrial.

Segundo estimativas, a internalização parcial da cadeia poderia multiplicar o valor agregado nacional, gerar milhares de empregos qualificados, ampliar a arrecadação e reduzir vulnerabilidades estratégicas. Entre as recomendações estavam o fortalecimento do Programa Nacional de Separação e Refino de Terras-Raras, chamadas de financiamento pelo BNDES e pela Finep, incentivos à produção industrial e cláusulas de conteúdo nacional em compras públicas estratégicas.

A Nota concluiu que o desafio brasileiro é sobretudo industrial e institucional, e defendeu a implantação de infraestrutura de escalonamento, a integração da cadeia aos setores estratégicos e o fim do contingenciamento dos recursos da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) destinados à pesquisa, desenvolvimento e inovação, como condição para transformar capacidade científica em soberania tecnológica.

22/12

ABC e SBPC alertaram para cortes na ciência na LOA 2026

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgaram uma carta manifestando preocupação com a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2026, aprovada pelo Congresso Nacional. O documento apontava que os cortes consolidados no orçamento representavam um estrangulamento do financiamento à pesquisa pública no Brasil, afetando diretamente bolsas do CNPq e da Capes, além das Unidades de Pesquisa do MCTI.

Segundo a carta, o orçamento do CNPq para 2026 será de R\$ 1,738 bilhão, com redução de R\$ 92,4 milhões em relação à proposta original, enquanto a Capes terá R\$ 4,726 bilhões, uma queda de R\$ 359,3 milhões. As entidades alertaram que essa compressão comprometia a formação de pesquisadores e a capacidade científica nacional.

30/12

Recomendações para a Estratégia Nacional de CT&I 2024–2034

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgaram suas contribuições à consulta pública da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) 2024–2034 e encaminharam o documento à ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos. O documento foi elaborado a partir de amplo diálogo com sociedades científicas e das deliberações da 5ª Conferência Nacional de CT&I.

O texto reforçava a importância de tratar a ENCTI como uma verdadeira estratégia de Estado, com governança robusta, financiamento estável e mecanismos claros de monitoramento. Entre as recomendações, destacavam-se a valorização da pesquisa básica como pilar estruturante, definição de missões nacionais com metas verificáveis, integração entre ciência, inovação e política industrial, e territorialização das políticas para reduzir desigualdades regionais.



Acesse a nota completa sobre terras-raras



Leia a nota na íntegra



Acesse aqui o documento com contribuições para a ENCTI 2024-2034

As entidades reafirmaram sua disposição de seguir colaborando com o MCTI nas próximas etapas do processo, seja em novas escutas qualificadas, seja na construção e no acompanhamento do Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação (PACTI), entendendo que sua efetividade dependeria de diálogo contínuo, coordenação interinstitucional e aprendizado coletivo.

ELEIÇÃO DE NOVOS MEMBROS

• *Membros Titulares e Correspondentes*

Após a realização da Assembleia Geral Ordinária em 19 de novembro, a Diretoria da Academia Brasileira de Ciências (ABC) divulgou os resultados das eleições para novos membros titulares e correspondentes. A eleição para membros afiliados seria concluída em 28 de novembro. Entre os membros titulares eleitos, houve um total de 19 pesquisadores, sendo dez mulheres e nove homens.

Os novos membros titulares e correspondentes recebem seus diplomas durante a Reunião Magna da Academia, a ser realizada no Rio de Janeiro, entre 5 e 7 de maio de 2026.

Foram eleitos como membros titulares: Jorge Vítório Bacellar dos Santos Pereira (ciências matemáticas); Antonio Ferreira da Silva, Ildeu de Castro Moreira e Mônica Alonso Cotta (ciências físicas); Ana Maria da Costa Ferreira e Hermi Felinto de Brito (ciências químicas); Antônio Carlos Pedrosa Soares e Jacinta Enzweiler (ciências da terra); Leticia Veras Costa Lotufo e Marilene Henning Vainstein (ciências biológicas); Ana Paula Sales Moura Fernandes e Russolina Benedeta Zingali (ciências biomédicas); Lydia Masako Ferreira (ciências da saúde); Paulo César de Faccio Carvalho e Raul Narciso Carvalho Guedes (ciências agrárias); Altigran Soares da Silva e Marley Maria Bernardes Rebuszi Vellasco (ciências da engenharia); e Jorge Sidney Coli Junior e Josefa Salete Barbosa Cavalcanti (ciências sociais).

Como membros correspondentes, foram eleitos Adilson Enio Motter, Albert Icksang Ko, Dieter Rautenbach, Donald Bruce Dingwell, Jorge Eduardo Marcovecchio e Sean Mckees.

• *Membros Afiliados*

O Programa de Membros Afiliados foi criado com o objetivo de reconhecer e incentivar jovens cientistas de excelência em início de carreira. Desde sua implementação, tem contribuído de forma significativa para o fortalecimento da ciência nacional, promovendo renovação e diversidade na comunidade da ABC. Os membros afiliados são selecionados por região, mediante convocação dos Membros Titulares e avaliação por comissões compostas por membros titulares da ABC.

Em 27 de novembro a Diretoria da ABC divulgou a lista de 30 novos membros afiliados, com mandato de 1º de janeiro de 2026 até 31 de dezembro de 2030.

Região Norte

- Bruno Tardelli Diniz Nunes (IEC, ciências biomédicas)
- Celso Henrique Leite Silva Junior (IPAM, ciências da terra)

- Jeane Marcelle Cavalcante do Nascimento (INPA, ciências biológicas)
- Rafael Azevedo Baraúna (UFPA, ciências biológicas)
- Susana Braz Mota (INPA, ciências biológicas)

Região Nordeste e Espírito Santo

- Aline Cavalcanti de Queiroz (UFAL, ciências da saúde)
- Claudener Souza Teixeira (UFCA, ciências biológicas)
- José Edson Sampaio (UFC, ciências matemáticas)
- Luiza Amim Mercante (UFBA, ciências químicas)
- Sandeep Tiwari (UFBA, ciências biológicas)

Região Minas Gerais e Centro-Oeste

- Danilo Iglesias Brandão (UFMG, ciências da engenharia)
- Jenaina Ribeiro Soares (UFLA, ciências físicas)
- João Paulo dos Santos (UnB, ciências matemáticas)
- Luana Rossato (UFGD, ciências biológicas)
- Raquel Zanatta Coutinho (UFMG, ciências sociais)

Região Rio de Janeiro

- Ariane de Jesus Sousa Batista (UFRJ, ciências da engenharia)
- Daniel Sedorko (UFRJ, ciências da terra)
- Fernanda Ferreira Cruz (UFRJ, ciências da saúde)
- João Pedro Gonçalves Ramos (IMPA, ciências matemáticas)
- Luana da Silva Magalhães Forezi (UFF, ciências químicas)

Região São Paulo

- Alisson Ronieri Cadore (CNPq, ciências físicas)
- Carlos Roberto Bueno Júnior (USP, ciências da saúde)
- Deborah Santos Prado (UNIFESP, ciências sociais)
- Douglas Duarte Novaes (UNICAM, ciências matemáticas)
- Juliana Ferreira de Brito (UNESP, ciências químicas)

Região Sul

- Clarice Dias Britto do Amaral (UFPR, ciências químicas)
- Eduard Westphal (UFSC, ciências químicas)
- Fabiana Quoos Mayer (UFRGS, ciências biológicas)
- Haroldo Valentin Ribeiro (UEM, ciências físicas)
- Tiago Gräf (Fiocruz, ciências biomédicas)

AÇÕES INTERNAS

- *O adeus a Jacob Palis Júnior*

No dia 7 de maio, faleceu Jacob Palis Júnior (1940-2025). Figura central da ciência brasileira e internacional, matemático reconhecido internacionalmente como especialista na área de sistemas dinâmicos, Palis presidiu a Academia Brasileira de Ciências de 2007 a 2016, tendo também presidido a Academia de Ciências dos Países em Desenvolvimento (TWAS) e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa). Durante sua carreira, contribuiu para expandir e reforçar a base curricular da matemática no Brasil.

Diversas autoridades, instituições de ciência nacionais e internacionais e a mídia em geral prestaram homenagens ao primeiro ganhador brasileiro do Prêmio Balzan, considerado o Nobel da matemática, como a Academia Mundial de Ciências (TWAS), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Finep, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto Serrapilheira, revista Pesquisa Fapesp, O Globo, G1, Folha de S. Paulo, revista VEJA, Agência Brasil.

Jacob Palis Júnior recebeu diversos prêmios e homenagens, nacionais e internacionais. Ele foi um ferrenho defensor da ciência, um grande gestor e uma figura central no desenvolvimento da matemática no país.

O matemático foi homenageado no dia 30 de julho, durante o 35º Colóquio Brasileiro de Matemática, realizado no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Em uma mesa-redonda que reuniu grandes nomes da ciência, entre eles Helena Nader, presidente da ABC, e os Acadêmicos Artur Avila, medalhista Fields; Marcelo Viana, diretor-geral do IMPA; Luiz Davidovich, professor emérito da UFRJ; Jerson Lima, ex-presidente da Faperj; e Débora Foguel, diretora da ABC, Palis recebeu um tributo emocionado.

A homenagem ressaltou não apenas sua genialidade científica, mas também sua atuação decisiva na construção de instituições, na formulação de políticas científicas e na formação de jovens pesquisadores. Helena Nader destacou o papel transformador de Palis na ABC, que presidiu de 2007 a 2016, criando a categoria de Membros Afiliados, estruturando grupos de estudo, ampliando a atuação internacional da Academia, institucionalizando grandes eventos, fortalecendo a integração com empresas e garantindo autonomia financeira à instituição. Emocionada, recitou versos de Manoel de Barros para celebrar o lado sensível e humanista do amigo.

O físico Luiz Davidovich, que presidiu a ABC antes de Palis, relembrou a atenção do matemático às novas gerações, afirmando considerá-lo seu mentor. “Ele queria que a ciência brasileira brilhasse no país e no mundo”, disse, citando Guimarães Rosa para marcar o legado do matemático: “As pessoas não morrem. Elas se encantam.”

Artur Avila, descrito como “neto acadêmico” de Palis, emocionou o público ao afirmar que ele moldou o modo de pensar matemática no IMPA e construiu uma cultura científica original, que permanece viva. Já Marcelo Viana lembrou a coragem de Palis ao defender a transformação do IMPA em Organização Social — decisão que permitiu avanços decisivos, como a criação da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).

Jerson Lima e Débora Foguel também compartilharam memórias, destacando o apoio irrestrito de Palis aos jovens pesquisadores. Encerrando a homenagem, Viana proferiu uma palestra especial sobre as contribuições de Palis à teoria dos sistemas dinâmicos, apresentando um panorama que vai de suas primeiras descobertas ao vigor intelectual mantido até os últimos anos.

A celebração reafirmou o legado de Jacob Palis como um dos maiores matemáticos do país, responsável por formar gerações, consolidar o IMPA como referência mundial e elevar a matemática brasileira ao mais alto patamar internacional.

• *O adeus a José Israel Vargas*

Na manhã de 15 de maio, o Brasil perdeu José Israel Vargas (1928-2025). Destacado físico, foi um dos formuladores da política de energia nuclear do Brasil no início dos anos 1960. Dirigiu o Instituto de Pesquisas Radioativas, instituição que deu origem ao Centro de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear (CDTN), vinculado à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), com a qual Vargas também colaborou como assessor técnico.

Doutor em física e química pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido, Vargas presidiu a ABC entre 1991 e 1993. Na área pública, foi secretário de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais e ministro de Ciência e Tecnologia nos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, o mais longo no cargo. Ocupou comissões e conselhos em órgãos das Nações Unidas e outros organismos internacionais. Foi presidente da Academia Mundial de Ciências (TWAS) entre 1996 e 2000. Além de experiente gestor de ciência, atuou também como pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Recebeu o título de professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1989.

Diversas autoridades e instituições de ciência nacionais postaram ou enviaram mensagens lamentando a perda de uma “voz ativa e corajosa contra o obscurantismo”, como a Presidência da República, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), revista VEJA, G1, jornal O Estado de Minas, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e Agência Brasil.

• *ABC celebra a vida e o legado de Jacob Palis Júnior*



A Academia Brasileira de Ciências realizou, em 5 de dezembro, uma cerimônia em homenagem ao matemático Jacob Palis Júnior, falecido em maio. Ele deixou um legado decisivo para o fortalecimento da ciência brasileira e da cooperação internacional, especialmente entre países do Sul Global.

O evento reuniu pesquisadores, gestores públicos e colegas nacionais e estrangeiros que conviveram com Palis ao longo de sua trajetória, muitos deles vinculados ao Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), que ele presidiu de 1993 a 2003. Ex-ministros da Ciência e Tecnologia e lideranças científicas internacionais enviaram depoimentos destacando sua atuação ética, seu compromisso

Maria José Pacífico, Helena Nader, Suely Lima,
Luiz Davidovich e Jailson Bittencourt



com a ciência como bem público e sua defesa persistente do investimento em pesquisa, simbolizada pelo lema “2% do PIB para a ciência”.

Durante a cerimônia, a Acadêmica Maria José Pacífico (UFRJ) ressaltou a capacidade de Palis de impulsionar a internacionalização, acolher jovens pesquisadores e ampliar a participação feminina nas instituições científicas. Foi

lembrado, em especial, seu papel pioneiro na criação da categoria de jovens membros afiliados na Academia Mundial de Ciências (TWAS) e, posteriormente, na ABC, iniciativa que se consolidou como um dos principais mecanismos de renovação e dinamismo institucional.

Outro destaque foi sua contribuição para a expansão das Olimpíadas Brasileiras de Matemática, transformadas em um programa de alcance nacional, hoje com mais de 23 milhões de estudantes, fundamental para a identificação de talentos e para o fortalecimento do ensino de matemática no país. Essa visão de longo prazo ajudou a criar as condições para conquistas históricas, como a Medalha Fields obtida por Arthur Ávila, ex-aluno de Palis.

Ao encerrar as homenagens, a presidente da ABC, Helena Bonciani Nader, sintetizou o significado de seu legado, destacando sua postura visionária, a defesa da inclusão, das ações afirmativas e da descentralização regional da ciência. Segundo Nader, as ideias e iniciativas de Jacob Palis seguem vivas na atuação da Academia e na trajetória de gerações de cientistas que ele ajudou a formar.

• *Modernização e ampliação da sede da ABC*

A sede da Academia Brasileira de Ciências passou por uma ampla reforma, iniciada em janeiro de 2024 e com previsão de término em janeiro de 2026. A obra foi resultado da iniciativa da presidente Helena Nader, da liderança e engajamento da Acadêmica Maria Vargas e da consultoria do arquiteto Marcos Scorzelli.

Planejada em etapas para garantir a continuidade das atividades institucionais, a reforma teve como objetivos centrais modernizar os espaços, ampliar a acessibilidade e criar melhores condições para o trabalho cotidiano e para a realização de eventos científicos, acadêmicos e institucionais.

Do ponto de vista da infraestrutura, as melhorias foram significativas e estruturantes. Houve a substituição integral da rede elétrica, com modernização dos quadros de distribuição, troca completa da fiação, tomadas e interruptores, além da reorganização e embutimento do cabeamento de internet, aumentando a segurança e a confiabilidade dos sistemas.

Os espaços internos serão revitalizados, com recuperação do piso original, nova iluminação e ambientes mais amplos e integrados. A sede passou a contar com instalações sanitárias modernizadas, incluindo banheiro acessível conforme a ABNT NBR 9050, e com um auditório atualizado em termos de conforto, climatização, acústica e recursos audiovisuais.

O conjunto das intervenções resultará em uma sede mais funcional, acolhedora e preparada para receber pesquisadores, autoridades e o público em geral, condizente com o papel da instituição no cenário científico nacional e internacional.



Reestruturando o auditorio



Projeto na parede-equipe trabalhando

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2025

Edição

Elisa Oswaldo-Cruz Marinho

Redação

Elisa Oswaldo-Cruz Marinho

Marcos Fonseca Torres

Pesquisa de imagens

Mariana Santos

Marcos Torres

Revisão

Vitor Vieira

Design Gráfico

Sandra Frias Design

Assessoria de Imprensa

Corcovado Comunicação Estratégica

CRÉDITOS DAS FOTOS:

Mensagem da Presidente

Divulgação ABC

Assembleia Geral da Ianas

Divulgação Ianas

Um Chamado Científico para a COP 30

Erikson Fernandes / ABC

17ª Conferência Geral da TWAS

Mário Marques / ABC

Fórum de Academias de Ciências dos BRICS

Mário Marques / ABC

Assembleia Geral da ANSO

Divulgação ANSO

ABC no Science20

Divulgação S20 2025

Prêmio Jacob Palis ABC-Fullbright

Mariana Santos / ABC

Workshop ABC-CAS na USP

Divulgação USP

Missão da ABC à China

Divulgação Academia Chinesa de Ciências (CAS)
e Universidade Fudan

Conferência de George Fu Gao na ABC

Mariana Santos / ABC

Reunião com representantes do CNCB e da CAST na ABC

Marcos Torres / ABC

ABC e Academia Russa se reúnem durante o Fórum BRICS

Mário Marques / ABC

Reunião com o vice-ministro da Ciência da Rússia

Marcos Torres / ABC

Reuniões com as Academia de Senegal e Uzbequistão

André Noboa / ABC

Fórum BRICS de Jovens Cientistas e Prêmio Jovem Inovador

Divulgação MCTI

Reunião Magna e Sessão Solene

Marcos André Pinto / ABC

Simpósios e Diplomações de Membros Afiliados

Luis Ventura (Sul)

Mariana Santos (Rio de Janeiro)

Rick Zênite Fotos (Norte)

Seção de Documentação Científica da FMRP – USP
(São Paulo)

Duda Coutinho (Nordeste & Espírito Santo)

João Pedro Barbosa Bandeira (Minas Gerais & Centro-Oeste)

Seminário em homenagem a Eliezer Barreiro

Mariana Santos / ABC

Rubin First Look

Fábio Motta / Divulgação LineA

77ª Reunião Anual da SBPC

Jardel Rodrigues / SBPC

ABC em debate e homenagem na Universidade Federal do Cariri

Divulgação URCA

ABC na celebração dos 25 anos do Periódicos Capes

Pedro Scopel / UFRGS

ABC no encontro “Democracia, Ciência e Soberania”

Divulgação ABC

Brazil Net-Zero By 2040

Mariana Santos / ABC

Entrega do Prêmio L’Oréal-ABC-Unesco Para Mulheres na Ciência

Marcos Torres / ABC

Projeto Memória da ABC

Marcos Torres / ABC



Rua Anfilóbio de Carvalho, 29 - 3º andar

20030-060 Rio de Janeiro, RJ

Tel.: +55 21 2391-7802

E-mail: abc@abc.org.br



<http://www.abc.org.br/redessociais/>

"Venda proibida. Distribuição gratuita pela ABC."

MEMBROS INSTITUCIONAIS DA ABC:

Categoria Diamante



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



Categoria Ouro



Categoria Prata



Categoria Bronze



Apoio

